

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE CIÊNCIAS E ENGENHARIA

Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento

GIOVANNA LORENZI PINTO

**A GERAÇÃO DOS *MILLENNIALS*: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS DOS
SUCESSORES DE PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS DO MUNICÍPIO DE
TUPÃ - SP**

TUPÃ - SP

2021

GIOVANNA LORENZI PINTO

**A GERAÇÃO DOS *MILLENNIALS*: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS DOS
SUCESSORES DE PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS DO MUNICÍPIO DE
TUPÃ - SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Tupã, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Agronegócio e Desenvolvimento

Linha de pesquisa: Desenvolvimento e Meio Ambiente

Orientador: Prof. Dr. Renato Dias Baptista

Coorientador: Prof. Dr. Marcelo Pablo Manucci e Prof. Dr. Luís Roberto Almeida Gabriel Filho

TUPÃ - SP

2021

Ficha catalográfica elaborada pela Seção Técnica de Biblioteca e Documentação da FCE – Unesp, Câmpus Tupã:

Pinto, Giovanna Lorenzi.

P658g

A geração dos *millennials*: perspectivas profissionais dos sucessores de pequenas propriedades rurais do município de Tupã - SP. / Giovanna Lorenze Pinto. – Tupã: [s.n.], 2021.

98 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento) – Universidade Estadual Paulista UNESP – Faculdade de Ciências e Engenharia, 2021.

Orientador: Renato Dias Baptista

Coorientador: Marcelo Pablo Manucci

Coorientador: Luís Roberto Almeida Gabriel Filho

1. Agricultura familiar. 2. Gerações. 3. *Millennials*. 4. Sucessão Geracional. I. Título. II. Autor.



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

**TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A GERAÇÃO DOS MILLENNIALS: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS DOS
SUCESSORES DE PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS DO MUNICÍPIO
DE TUPÃ - SP**

AUTORA: GIOVANNA LORENZI PINTO

ORIENTADOR: RENATO DIAS BAPTISTA

COORIENTADOR: MARCELO PABLO MANUCCI

COORIENTADOR: LUÍS ROBERTO ALMEIDA GABRIEL FILHO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em AGRONEGÓCIO E
DESENVOLVIMENTO, pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. RENATO DIAS BAPTISTA (Participação Virtual)
Departamento de Gestão, Desenvolvimento e Tecnologia / Faculdade de Ciências e Engenharia - FCE -
UNESP - Tupã/SP

Prof. Dr. MARIO MOLLO NETO (Participação Virtual)
Departamento de Engenharia de Biosistemas / Faculdade de Ciências e Engenharia - FCE - UNESP -
Tupã/SP

Prof. Dr. FABIO LUCIANO VIOLIN (Participação Virtual)
Coordenadoria de Curso de Turismo / Câmpus Experimental de Rosana - CER - UNESP - Rosana/SP

Tupã, 02 de julho de 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus minha vida e a oportunidade para concretizar esse objetivo.

Aos meus pais, Roseli Lorenzi e Marcos Pereira Pinto, que foram meu alicerce e me proporcionaram ser a mulher na qual me tornei.

Ao meu marido Tales, por sempre me apoiar nos estudos.

Ao Prof. Dr. Renato Dias Baptista, que me motivou para a realização desta jornada e sempre me passou confiança.

A CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - pela concessão de bolsa de estudos.

Aos produtores e seus filhos pesquisados, os quais responderam o questionário e colaboraram com a realização desta pesquisa.

A UNESP, Campus de Tupã, por propiciar o ambiente necessário de aprendizagem e consequentemente por meu desenvolvimento pessoal e profissional.

PINTO, Giovanna Lorenzi. A geração dos *millennials*: perspectivas profissionais dos sucessores de pequenas propriedades rurais do município de Tupã - SP. 2021. 98f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Ciências e Engenharia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Tupã, 2021.

RESUMO

As gerações *millennials* têm se destacado pela afinidade com as novas tecnologias e pela alta carga de informação que estão expostas. Diante deste contexto, os pequenos produtores rurais na contemporaneidade estão lidando com as recorrentes modificações no mundo da agricultura, e as novas gerações estão se adaptando cada vez mais no agronegócio. Neste ínterim, o choque de gerações nas propriedades está relacionado com a transição da sociedade rural para a urbana e ainda pautado perante a “nova era digital”. Além disso, é visto que os conflitos de ideias entre os conservadores e as gerações contemporâneas estão promovendo uma elevação do êxodo rural nos últimos anos, no que compromete a sucessão geracional da agricultura familiar. Considerando o desafio para os agricultores, o objetivo da pesquisa foi analisar as sucessões familiares nas pequenas propriedades rurais pertencentes ao município de Tupã - SP. Mais especificamente buscou-se levantar o estado da arte da teoria das gerações e do processo de sucessão familiar no agronegócio e explorar as características geracionais dos proprietários e sucessores naturais moradores do campo. Para atingir tal objetivo, foi utilizado como método de pesquisa um estudo de caso exploratório na zona rural do município de Tupã - SP, que diante da região da Alta Paulista obtém o maior número de pequenos produtores. Após levantamento do mínimo de gerações que deveria ser entrevistado por meio da análise de variância, foram definidos três critérios para selecionar as propriedades sendo eles: o responsável pela propriedade rural ter como sucessor natural um filho maior de 16 anos; a família viver na propriedade rural e a renda da família ser de 60% proveniente da atividade rural. Diante disso, foram realizadas 98 entrevistas e então verificou-se a sucessão familiar nas pequenas unidades produtivas, a disparidade de comportamento entre as gerações, bem como as expectativas futuras das gerações contemporâneas relacionadas à vida no campo.

Palavras-chave: Agricultura Familiar; Gerações; *Millennials*; Sucessão geracional.

PINTO, Giovanna Lorenzi. **The generation of millennials: professional perspectives of the successors of small rural properties in the region of Tupã - SP.** 2021. 98p. Dissertation (Master of Science) - São Paulo State University (UNESP), School of Sciences and Engineering. Tupã, 2021.

ABSTRACT

Millennial generations have stood out for their affinity with new technologies and for the high load of information they are exposed to. In face of this context, contemporary small rural producers are dealing with the recurring changes in the agriculture's world, and new generations are increasingly adapting to agribusiness. In the meantime, the clash of generations in the properties is related to the transition from rural to urban society and still guided by the “new digital age”. Furthermore, it is seen that the conflicts of ideas between conservatives and contemporary generations are promoting an increase in rural exodus in recent years, which compromises the generational succession of family farming. Considering the challenge for farmers, the objective of the research was to analyze family successions in small rural properties belonging to the city of Tupã - SP. More specifically, it was sought to raise the state of the art in the theory of generations and the family succession process in agribusiness and to explore the generational features of the natural residents and successors living in the countryside. To achieve this objective, an exploratory case study in the rural area of the city of Tupã - SP was used as a research method, which, in front of the Alta Paulista region, obtains the largest number of small producers. After surveying the minimum number of generations that should be interviewed through analysis of variance, three criteria were defined to select the properties, namely: the person responsible for the rural property having a child older than 16 years of age as natural successor; the family lives on the rural property and the family income is 60% from rural activity. Therefore, 98 interviews were conducted and then family succession in small production units, the disparity in behavior between generations, as well as the future expectations of contemporary generations related to rural life were verified.

Keywords: Family Farming; Generational; *Millenials*; Generational Succession.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tutorial <i>Minitab</i> para geração de tabelas e gráficos	27
Figura 2 - Tutorial do <i>software Minitab</i> para seleção das variáveis	28
Figura 3 - Gerações por questão e gerações por idade	28

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Propriedades Rurais na região da Nova Alta Paulista em 2017	17
Gráfico 2 - Gerações por Idade	58
Gráfico 3 - Gênero dos proprietários e sucessores naturais	59
Gráfico 4 - Gênero e geração dos proprietários e sucessores naturais	60
Gráfico 5 - Estado Civil dos proprietários e sucessores	60
Gráfico 6 - Estado Civil e Geração dos proprietários e sucessores naturais	61
Gráfico 7 - Comparativo entre Geração por Idade e Geração por Questão (Proprietário)	63
Gráfico 8 - Geração por Idade x Geração por Questão (Sucessor Natural)	64
Gráfico 9 - Produtos agrícolas das pequenas propriedades rurais	65
Gráfico 10 - Questões sobre futuro da propriedade	66
Gráfico 11 - Intervalos de “Geração por questão” versus “Geração por idade”, com intervalo de confiança de 95% para a Média	68
Gráfico 12 - Gráficos Fatoriais para Geração Por questão para a Escolaridade 0	Error!
Bookmark not defined.	
Gráfico 13 - Gráfico de Interação: Sucessão x Tecnologia - Ensino Fundamental	69
Gráfico 14 - Gráfico de Interação: Sucessão x Tecnologia - Ensino Médio, Técnico ou Superior	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparação das datas de nascimento cada geração

35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro da ANOVA inicial proposta	19
Tabela 2 - Quantidade de entrevistados classificados de acordo com a geração	20
Tabela 3 - Quadro da ANOVA com dados efetivamente utilizados	20
Tabela 4 – Codificação das gerações por questão	25
Tabela 5 - Análise das respostas de cada questionário - Exemplo	26
Tabela 6 - Geração por idade <i>versus</i> Perfil geracional - Exemplo	27
Tabela 7 – Dados da Agricultura familiar e não familiar (Censo Agropecuário de 2016 e 2017)	47
Tabela 8 - Comparativo entre a renda anual e tamanho das propriedades	62
Tabela 9 - Sucessão x Tecnologia x Escolaridade	67
Tabela 10 - Resultados da ANOVA para a variável “Geração por Questão”	67
Tabela 11 - Comparação das médias da variável “Geração por Questão”	67
Tabela 12 - Resultados das ANOVA’s em ambas Escolaridades para variável “Geração por Questão”	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Contextualização, problemática e justificativa da pesquisa	8
1.2 Objetivos	14
1.2.1 Objetivo geral	14
1.2.2 Objetivos específicos	14
1.3 Estrutura da Pesquisa	14
2 MÉTODO DE PESQUISA	15
2.1 Local de estudo	15
2.2 Materiais e Métodos	18
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	30
3.1 Teoria das Gerações: características e mudanças comportamentais das gerações	30
3.2 Inovações tecnológicas no agronegócio	39
3.3 Produtores rurais	43
3.3.1 Sucessão familiar no agronegócio	50
3.3.2 Caracterização das gerações presentes no agronegócio brasileiro	55
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA DEFINIÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DAS GERAÇÕES NO CAMPO	87

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização, problemática e justificativa da pesquisa

Devido à globalização, o mundo tem se tornado mais dinâmico e competitivo, o que proporciona algumas mudanças econômicas e articula a modificação do capital intelectual das organizações em conjunto com as pessoas e a tecnologia. Entre as companhias, ressalta-se a integração das gerações presentes no ambiente de trabalho, para isso é preciso saber as características, costumes, e compreender que não há uma regra de traços específicos para estabelecer uma geração, e sim, o perfil que prevalece no indivíduo (PAINE, 2006; BANKUT; BANKUTI, 2014; OLIVEIRA *et al.*, 2019).

Para Lima (2012), as gerações não dispõem de uma data precisa, diversas pesquisas consideram períodos diferentes para início e término geracional. Diante disso, busca-se um sentido de adequação referente à cultura ou contexto social inserido por parte do indivíduo. Destaca-se que o termo geração representa um tipo social particular, nascido num período comum, no qual vivenciaram as mesmas fases sociopolíticas, dividindo hábitos e culturas similares, o que permite o surgimento de uma memória coletiva que integra o grupo neste período de tempo (EYERMAN; TURNER, 1998).

As divergências entre as gerações resultaram em impactos nas organizações, à medida que as mudanças do mercado globalizado aconteciam. Com isso, surgiram os estudos das previsões dos movimentos futuros das firmas, desde a economia até a gestão dos recursos humanos (MASCARENHAS; VASCONCELOS; VASCONCELOS, 2005; BAYLÃO; OLIVEIRA, 2015).

Segundo Teixeira *et al.* (2010) as mudanças atuais ainda decorrem de um novo mundo de negócios, em que as consequências na competitividade se tornaram relevantes, e de um contexto de transição nas organizações e que tanto a característica do trabalho quanto às relações de emprego se altera. Nos dias atuais, os gestores organizacionais desenham as funções e relatam as competências necessárias ao cargo, diante desse aspecto essas competências devem ser adquiridas, de modo que sejam transferíveis às organizações, pois, independente do período geracional pertencente o indivíduo deve estar em constante adaptação à realidade (VELOSO; SILVA; DUTRA, 2012).

Tais mudanças ainda podem impactar nos funcionários da empresa, causando transformações estruturais de seus conceitos, comportamentos e conflitos entre as diferentes gerações. Atualmente, no mercado de trabalho, podem ser encontrados profissionais de diversas gerações e que são classificados como: geração *Baby boomers*, X, Y e Z (FREITAS; PITA; ALEXANDRE, 2018). E à medida que novas gerações entram no mercado de trabalho, é

necessário atualizar continuamente o conhecimento acerca das diferenças geracionais que existem entre elas (SAKDIYAKORN; WATTANACHAROENSIL, 2018). Autores como Comazzeto *et al.* (2016), Cappi e Araújo (2015), Ladeira (2013), Veloso, Silva e Dutra (2012) e Silva *et al.* (2016) estabelecem os diferentes períodos que caracterizam cada uma das gerações.

A teoria das gerações remete ao artigo publicado por Karl Mannheim em 1923, intitulado de “*The Problem of Generation*”, em que o autor situa grupos de acordo com os contextos sócio culturais dominantes. Posteriormente, William Strauss e Neil Howe fundamentaram-se na abordagem sociológica de Mannheim para analisar e classificar a população norte-americana (PILCHER, 1994 citado por ZOMER; SANTOS; COSTA, 2018; STRAUSS; HOWE, 1991).

A geração dos *Baby Boomers*, a qual representa os que nasceram entre 1946 - 1964, foram marcados pela luta dos direitos civis, pelo movimento hippie e por um período realmente forte pela busca da democracia (LADEIRA, 2013). Segundo o autor, os indivíduos pertencentes a esta geração fizeram parte da cultura de estabilidade das famílias, sendo eles os responsáveis pelo aumento da taxa de natalidade no país. Além de serem considerados idealistas e baseados na personalidade de que trabalho e sacrifício geram bons resultados financeiros (LADEIRA, 2013).

Os jovens de 1960 quebraram paradigmas que vinham de tradições, o que fez todos repensarem sobre a pose de famílias perfeitas e a submissão ao chefe da casa. De acordo com Oliveira (2012, p. 43) esses jovens apresentavam um:

[...] comportamento mais contestador e irreverente, o jovem *Baby Boomer* criou famílias menos hierarquizadas e não fez tanta questão de sustentar o mesmo nível de rigidez de seus pais. Também permitiu que os filhos participassem de parte das decisões da casa, abrindo espaço para pequenas reivindicações infantis.

Neste período, ressaltaram grandes valores para os indivíduos, como a ambição, realização, sucesso, o início da rejeição ao autoritarismo e a grande lealdade à carreira duradoura. Mesmo que priorizem a profissão, revela-se uma fidelização com a empresa, por isso, perante a uma época de busca da independência financeira esta geração se tornou *workaholic*¹, sempre em busca da ascensão social, a ponto de alcançar o maior *status* criado pela sociedade (LADEIRA, 2013). De acordo com Comazzetto *et al.* (2016), quando jovens,

¹ *Workaholic* é considerado o indivíduo que pela tentativa de ser aceito, respeitado e aprovado por outros membros da sociedade, faz do trabalho um meio para alcançar a aprovação e sucesso, caracterizado como um funcionário obstinado que se preocupa com o trabalho e ganho material (KILLINGER, 1992; KUPPERSCHMIDT, 2000).

esses indivíduos eram rebeldes e, em sua grande maioria, tornaram-se adultos conservadores, mesmo não considerados tão rígidos. Um marco cultural desta geração está caracterizado pelo equipamento de televisão, compartilhando grandes acontecimentos históricos, sociais e culturais.

A geração X, que são os nascidos entre o período de 1965 a 1980, eles são caracterizados por defender um ambiente de trabalho menos rigoroso, pois esses indivíduos acreditam que a lealdade à empresa não é um fator de estabilidade e os levou a desenvolver competências e habilidades que preservasse a sua empregabilidade (VELOSO; SILVA; DUTRA, 2012). É notória a influência no período de avanço do processo de globalização, eles foram os pioneiros em atestar a postura independente das mulheres. Pois, de acordo com Comazzetto *et al.* (2016), haviam algumas mudanças no cenário familiar na época, por exemplo, tanto o pai quanto a mãe já trabalhavam, no entanto ainda havia um sentimento de culpa das mulheres pela ausência do lar, o que por consequência, gerava dificuldades em colocar limites em seus filhos.

Segundo Veloso, Silva e Dutra (2012), essa geração foi marcada pela alta taxa de divórcio, influenciando em muitos países o controle da taxa de natalidade e a convicção de ter famílias reduzidas, houve também demissões em massa nas indústrias, que deixaram para a geração X o fato de ter o consumo consciente dos produtos (LADEIRA, 2013). Esses profissionais estão menos dispostos a se sacrificar por seus empregadores do que a geração anterior, pois se mostram descrentes, desconfiados e não compartilham do mesmo compromisso da geração *Baby Boomers* com a organização que trabalham (SILVA *et al.*, 2016).

Segundo Ladeira (2013) eles dispõem de valores como: a obtenção de um estilo de vida equilibrado, satisfação no trabalho, importância da família e dos relacionamentos. Com a preferência em um trabalho informal, buscando o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, uma vez que para eles o dinheiro também é importante, porém estão dispostos a trocar maiores salários por uma vida com mais tempo livre (LADEIRA, 2013).

De acordo com as características da geração X, sabe-se que os indivíduos não são muito regrados financeiramente quando relacionados ao lazer, viagens e alimentação. São marcados por pais superprotetores e pelos valores de independência pessoal, ressalta-se a importância no trabalho em equipe, a lealdade a si próprio e aos relacionamentos, a autoconfiança, o sucesso financeiro e ainda pensam na vida profissional aliada ao lazer (VELOSO; SILVA; DUTRA, 2012).

Diferentemente da geração *Baby boomers*, a geração X e Y estão há menos tempo nas organizações, disputam espaço entre si e possuem características que se confundem

(ABREU; FORTUNATO; BASTOS, 2016). A geração Y lida com a instantaneidade da informação, tornando-se individualistas e ponderando a liberdade no momento de escolha da carreira, na busca de uma vida confortável. Sendo uma geração muito confiante, eles nasceram no período de 1978 a 1995 (VELOSO; SILVA; DUTRA, 2012). Logo, por nascerem em uma época caracterizada pelo início das evoluções tecnológicas e da globalização, esses eventos influenciaram suas características, ideais e comportamentos (COMAZZETTO *et al.*, 2016).

Ainda de acordo com esses autores, essa geração pode ser considerada multifacetada, pois vivem em ação e também administram bem o tempo, conectam com uma variedade de pessoas, possuem uma visão sistêmica e aceitam a diversidade. De acordo com Thornton (2014) os indivíduos que compõem a geração Y, também valorizam a autonomia e a tomada de decisões, além disso, “eles valorizam a capacidade de se mostrar como são, dizer o que pensam, serem reconhecidos por suas realizações e desfrutar do tempo livre” (THORNTON, 2014, p. 82), buscando sempre o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal.

Já a geração mais recente, a geração Z consiste nos indivíduos nascidos no final da década de 90, aliados da tecnologia, sendo caracterizados como nativos digitais, uma geração segura, com autoestima, e o fácil acesso à informação. Vale destacar que, essa geração nasceu em um mundo totalmente digital, sendo considerada a geração mais conectada, que tem apreendido com mais naturalidade a conviver com equipamentos tecnológicos, tais como, computadores, telefones celulares, *laptops*, *videogames* entre outros equipamentos (MESQUITA; OLIVEIRA; MUNHOZ, 2020).

O mapeamento dessas gerações tornou-se fonte estratégica para as empresas contemporâneas, para o conhecimento das principais características dos colaboradores. Sobre as gerações. Destaca-se que a geração Z, até meados de 2010, segue desapegada de toda ideologia das gerações anteriores, ficando sempre conectada, compartilhando momentos de forma instantânea. Segundo Veloso, Silva e Dutra (2012), os funcionários deste período procuram novos desafios, mas apresentam a dificuldade da interação social, uma vez que o comportamento é influenciado por um grande número de informações e pessoas. A Geração Y, por sua vez, apresenta-se mais individualista, uma geração de democracia, eles cresceram em contextos de alta participação e conectividade, enquanto a Geração X está mais propensa a compartilhar ideias com os colegas de trabalho (THORNTON, 2014).

O estudo sobre as gerações pode apresentar informações importantes para a gestão de todos os sistemas organizacionais. No agronegócio revela-se um papel estratégico diante da representatividade econômica do setor e no contexto da agricultura familiar. A presença das gerações e a sucessão geracional, entre elas, são temas bem complexos, pois existem vários

questionamentos e diferentes interpretações sobre eles, como: quem será o responsável pela propriedade, quando ocorrerá a sucessão, o modo de gestão, a divisão dos rendimentos entre os sucessores e não sucessores, dentre outros pontos, que vão além de fatores internos, com relação a família (OLIVEIRA; MENDES; VASCONCELOS, 2021).

Para as gerações anteriores, *Baby Boomers*, por exemplo, a “[...] sucessão geracional era vista como um “acontecimento natural”, pois no passado, os filhos ficavam por obrigação moral, pelo amor à terra e para manter a coletividade da família e a reprodução do patrimônio entre as gerações.” (MOREIRA; SPANEVELLO, 2019, p. 28). No entanto, não se vê essa prática atualmente, onde as gerações estão rodeadas de tecnologias. Complementar a isso, Troian e Breitenbach (2018), apontam que existe uma carência de ações no sentido da valorização da juventude rural, a fim de proporcionar a permanência no campo.

A discussão sobre a sucessão geracional, também ocorre a nível mundial, na China, por exemplo, “[...] com a sua economia não agrícola em expansão, migração para áreas urbanas, e membros familiares limitados, os operadores agrícolas envelhecidos enfrentam uma decisão sobre a utilização de terras agrícolas” (ZOU; MISHRA; LUO, 2018, p. 439). De acordo com os autores, quando os proprietários das terras não possuem sucessores para suas atividades, algumas são arrendadas para outros fins.

No caso brasileiro, dentre os três setores da economia: indústria, serviços e agronegócio, é relevante a temática e principalmente a gestão das propriedades rurais na busca de manter a sucessão geracional, uma vez que o terceiro setor, do agronegócio, é responsável por um percentual significativo do Produto Interno Bruto (PIB). No ano de 2020, mesmo com a pandemia do Covid-19, que afetou diretamente outros segmentos, o agronegócio, cresceu sua participação no PIB brasileiro, alcançando 26,6%, equivalente a quase R\$ 2 trilhões (CEPEA, 2020).

Diante de tamanha relevância para o país, faz-se necessário o debate sobre o planejamento acerca da permanência dos jovens na atividade rural. Para pensar nas relações futuras entre os jovens e a agricultura, vários campos de estudo precisam estar engajados. Uma perspectiva de análises sobre as gerações nos ajuda a compreender a vida dos jovens na ruralidade e seu paradoxal afastamento da agricultura nesta era de desemprego rural em massa e subemprego, impulsionado com a automatização e utilização de tecnologias (WHITE, 2012). Contudo, empregos agrícolas são frequentemente afetados por baixos salários, baixa produtividade, falta de proteção social e exposição a uma variedade de riscos, incluindo padrões climáticos e mercados voláteis, o que afeta diretamente a vida no campo.

Segundo IFAD (2011) às razões mencionadas anteriormente, são cada vez mais responsáveis pela saída dos jovens rurais da agricultura. Além de que muitos preferem migrar para centros urbanos ou para outros países, na esperança de encontrar empregos decentes. A saída do campo é motivada pelas dificuldades e incertezas relacionadas ao trabalho agrícola, com mais possibilidades de inserção no trabalho urbano, com acesso mais fácil a estudo, às comodidades e tecnologias (CASTRO *et al.*, 2013).

No ambiente rural, sabe-se que os indivíduos das gerações Y e Z cresceram em um ambiente globalizado e tecnológico, segundo Mesquita, Oliveira e Munhoz (2020) e Coradini (2015) em decorrência da proximidade dos jovens agricultores com as tecnologias da atualidade e o domínio dos meios de comunicação em massa.

Na contramão, está o desafio de manter os jovens em um campo cada vez mais tradicional, onde o dever da família no processo de sucessão é o que determina a decisão dos filhos, entre deixar as propriedades ou dar continuidade aos negócios da família. Muito embora o cenário externo exerça influência na tomada de decisão, com os aspectos de rentabilidade da atividade e quantidade de terra que se tem, é o ambiente interno que conduzirá o caminho escolhido pela juventude rural (DEGGERONE, 2013).

Desta forma, os proprietários precisam conduzir um processo de sucessão intergeracional, o qual é complexo e passa por várias etapas que necessitam de planejamento de longo prazo e que envolvem questões econômicas e emocionais. Além disso, é necessário que os futuros sucessores entendam que a atividade rural tem perspectivas de futuro e de crescimento, do contrário, optarão por buscar outras oportunidades (PESSOTTO *et al.*, 2019).

A escolha do jovem agricultor coloca em risco a reprodução, manutenção e a perpetuação do sistema de sucessão geracional na agricultura familiar, uma vez que pode haver a descontinuidade, caso o mesmo opte pelos centros urbanos. Para os gestores das propriedades, é necessário o conhecimento dos motivos pelos quais os jovens agricultores decidem permanecer ou sair do ambiente rural, para colaborar com as tomadas de decisões futuras quanto às estratégias e aos modelos de gestão que permitirão o equilíbrio e sustentabilidade entre o ambiente urbano e rural (MOREIRA *et al.*, 2018).

Diante deste cenário, a presente dissertação tem a dimensão de destacar a relevância da sucessão familiar nas pequenas propriedades no campo e como as gerações atuais se comportam de acordo com o contexto que elas estão inseridas, especialmente na cidade de Tupã. Além de fomentar o valor que as novas gerações estabelecem para o crescimento da agricultura familiar e continuidade na atividade rural. A importância na discussão desta temática fundamenta-se, principalmente, no abastecimento de alimentos, uma vez que a

agricultura familiar é responsável por grande parte da produção do país, principalmente na diversidade de alimentos. Ademais, a pesquisa visa às características e principais diferenças entre as teorias das gerações. Estes temas centrais refletem na produção de alimentos, atividades no campo e nas variáveis relacionadas ao crescimento da população, processo de urbanização, renda e comportamento dos preços, internos ou externos (OLIVEIRA; MENDES; VASCONCELOS, 2021).

Diante desses aspectos, o problema da pesquisa apresenta o seguinte questionamento: Como as novas gerações conduzirão as pequenas propriedades de características familiares?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

- Analisar as sucessões familiares nas pequenas propriedades rurais pertencentes ao município de Tupã/SP.

1.2.2 Objetivos específicos

- Levantar o estado da arte da teoria das gerações e do processo de sucessão familiar no agronegócio;
- Explorar as características geracionais dos proprietários e sucessores naturais moradores do campo.

1.3 Estrutura da Pesquisa

A presente pesquisa está estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo são apresentados a introdução, o problema de pesquisa e a justificativa para o desenvolvimento, o objetivo geral e os objetivos específicos a serem alcançados.

O segundo capítulo trata do método de pesquisa, composto pelo local de estudo e os materiais e métodos utilizados para alcançar os objetivos propostos. Observa-se neste capítulo o tipo de abordagem, as ferramentas de pesquisa adotadas e a forma de coleta e análise dos dados.

O terceiro capítulo traz o referencial teórico que deu fundamentação ao problema da pesquisa, assim como as teorias e conceitos que permitiram as análises e discussões dos dados coletados. Este é subdividido em algumas seções.

A seção 3.1 abarca um panorama sobre as teorias das gerações, as principais características e mudanças comportamentais destas gerações. As inovações tecnológicas no agronegócio são tratadas na seção 3.2, elencando as principais mudanças e implementações no agronegócio. A seção 3.3 traz sobre os produtores rurais, elencando as principais políticas públicas e programas que fortalecem a agricultura familiar. Esta seção, ainda, dividiu-se em na perspectiva da sucessão familiar no agronegócio, assim como a caracterização das gerações presentes no agronegócio brasileiro.

No quarto capítulo são discutidos os resultados e análises da pesquisa frente aos questionários respondidos pelos produtores e seus sucessores naturais, sobre a continuidade da atividade rural.

O quinto capítulo tratará do resultado, com as considerações finais e proposições de pesquisas futuras que poderão surgir ao término desta. Por fim, são apresentados as Referências e os Apêndices.

2 MÉTODO DE PESQUISA

2.1 Local de estudo

A região da Nova Alta Paulista é caracterizada por agriculturas de modo familiar, sendo predominante por pequenas propriedades de áreas inferiores a 50 hectares (FABRI; TAVARES, 2006). A Nova Alta Paulista conta 33 municípios, sendo eles: Adamantina, Arco-Íris, Bastos, Dracena, Flora Rica, Flórida Paulista, Herculândia, Iacri, Inúbia Paulista, Irapuru, Junqueirópolis, Lucélia, Mariápolis, Monte Castelo, Nova Guataporanga, Oriente, Osvaldo Cruz, Ouro Verde, Pacaembu, Panorama, Parapuã, Paulicéia, Pompéia, Pracinha, Queiroz, Quintana, Rinópolis, Sagres, Salmourão, Santa Mercedes, São João do Pau D'Alho, Tupã e Tupi Paulista. Em sua maioria compostos, basicamente, por pequenos municípios, pois 84,85% têm menos de 20.000 habitantes (FABRI; TAVARES, 2006). As pequenas propriedades de até 50 ha compreendem 80%, de 50 a 500 ha representam 42% e acima de 500 ha equivale a 1,9% das propriedades. Destes territórios, de acordo com dados de SÃO PAULO (2019), a cidade de Tupã apresenta a maior concentração de pequenos produtores rurais, contribuindo com mais de 160.000 milhões para o PIB nacional.

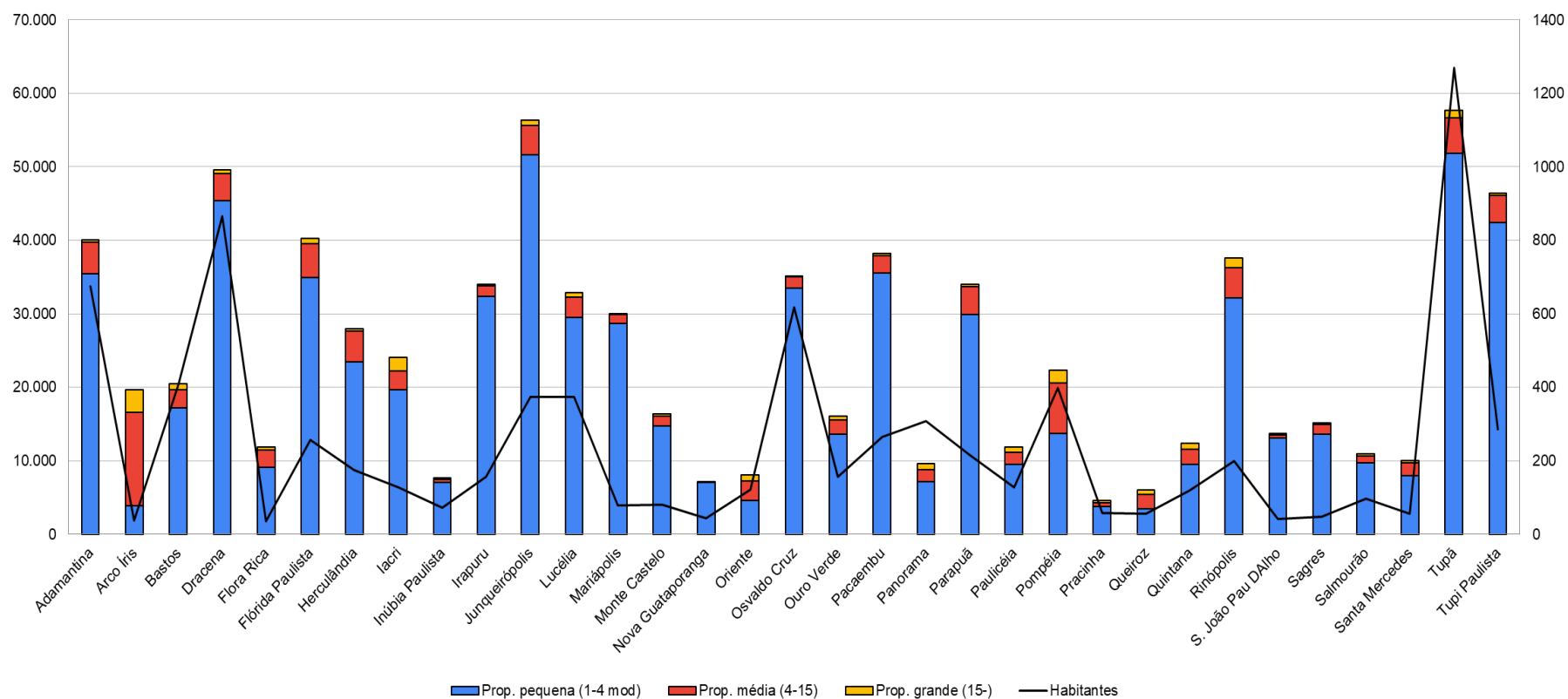
O município de Tupã, conta com a maior quantidade de pequenas propriedades rurais, entre 1 e 4 módulos fiscais², equivalente a 1.036. O município foi fundado em 12 de outubro de 1929 por Luís de Souza Leão, um pernambucano que se interessou por essa área, pois estava localizada no espigão divisor das microbacias dos rios Peixe e Aguapeí (conhecido como rio Feio).

De acordo com o IBGE (2018), a população estimada para o ano de 2018 era de 65.524 pessoas, já em relação ao salário médio mensal dos trabalhadores formais no ano de 2017 foi de até dois salários mínimos. A economia da cidade é baseada em seu forte comércio, agricultura e pecuária. Sendo considerada a cidade com maior produção de amendoim do estado de São Paulo e do Brasil (TUPÃ, 2018).

É possível observar no Gráfico 1, as 33 cidades da região da Nova Alta Paulista correlacionando com os dados do SÃO PAULO (2019) para determinar a quantidade de propriedades pequenas, médias e grandes, além disso, estão dispostos os dados da EMBRAPA (2012), com relação aos hectares presentes em um módulo fiscal de cada município e do IBGE (2018), tratando da quantidade de habitantes.

² Módulo fiscal é uma unidade de medida, em hectares, cujo valor é determinado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, sendo distinto para cada município, considerando: i.) Exploração predominante no Município; ii.) Renda obtida no tipo de exploração predominante; iii.) Outras explorações existentes no Município que sejam expressivas em função da renda ou da área utilizada; iv.) Conceito de "propriedade familiar". O tamanho do módulo fiscal no Brasil varia de 5 a 110 hectares, de acordo com o município onde está localizada a propriedade (BRASIL, 1979).

Gráfico 1 - Propriedades Rurais na região da Nova Alta Paulista em 2017



Fonte: Adaptado de São Paulo (2019), Embrapa (2012) e IBGE (2018).

Observa-se que a cidade de Tupã é destaque quando analisada as quantidades de pequenas propriedades rurais. Somando-se a esta informação, o que já foi mencionado anteriormente, sobre a importância da cidade para a região, o estudo foi realizado com o enfoque na compreensão da sucessão geracional dos pequenos produtores de Tupã, perante as questões de infraestrutura e tecnologia presentes na agricultura familiar.

2.2 Materiais e Métodos

A pesquisa proposta apresentou-se no conhecimento científico, de natureza aplicada e exploratória quanto ao seu objetivo (GIL, 2002; PEREIRA *et al.*, 2018), pois visa analisar as perspectivas das novas gerações descendentes dos produtores rurais, bem como explorar as características geracionais destes indivíduos.

Ainda sobre o objetivo estudado, a abordagem utilizada na pesquisa foi a qualitativa (MARCONI; LAKATOS, 2011), dado que foi realizada uma investigação e descrição dos dados por meio de um relatório narrativo com a análise do conteúdo. Com este formato de pesquisa, faz-se essencial ir a campo para coletar dados (PRODANOV; FREITAS, 2013).

O método de pesquisa adotado foi a pesquisa bibliográfica (GIL, 2008; MAZUCATO, 2018), a fim de definir e resolver os problemas conhecidos e explorar novas áreas do conhecimento. Desta forma, foram utilizados livros, boletins e periódicos científicos pesquisados em base de dados como *Scielo*, *Scopus* e *Web of Science*.

Seguido da revisão bibliográfica, e da aproximação com o conteúdo, foi elaborado e aplicado um questionário dividido em dois blocos. O primeiro foi efetuado em forma de entrevista estruturada que, segundo Gil (2008), possibilita o tratamento quantitativo dos dados, e a análise estatística dos dados, já que as respostas obtidas são padronizadas, no sentido de padronizar as questões e investigar as características e perspectivas do indivíduo. No segundo bloco, aplicaram-se algumas questões estruturadas, em forma de uma entrevista com pautas e que segundo Gil (2008, p. 112) a utilização deste formato é sugerido em “[...] situações em que os respondentes não se sintam à vontade para responder a indagações formuladas com maior rigidez. [...] e pode ser determinada pelas atitudes culturais dos respondentes ou pela própria natureza do tema investigado ou por outras razões”.

O questionário foi aplicado com os produtores responsáveis pelas propriedades e seus sucessores naturais, com o propósito de verificar diversos componentes que serviram como base para a estruturação e análise dos resultados. Para maior confiança nos dados sobre a

sucessão geracional e compreensão das gerações nas pequenas propriedades de Tupã, foram definidos 3 critérios para aplicação do questionário. Sendo eles:

- O responsável pela propriedade rural ter como sucessor natural um filho maior de 16 anos;
- A família viver na propriedade rural;
- A renda da família é de 60% proveniente da atividade rural.

Buscando estabelecer uma quantidade de repetições amostrais (entrevistas) mínima para o presente estudo, considerou-se uma amostra suficiente para um total de dados de no mínimo 20 amostras, com um resíduo na análise de variância de no mínimo 10. Tais valores são dados como valores mínimos para que uma análise de variância (ANOVA) tenha resultados confiáveis. De acordo com Banzatto e Kronka (2013), recomenda-se que o número de parcelas do experimento não seja inferior a 20 e que o número de graus de liberdade associado aos resíduos não seja inferior a 10.

Sendo assim, a análise de variância inicialmente estabelecida foi de um único fator (gerações), com 4 níveis (ou tratamentos), tendo 5 repetições cada, totalizando assim as 20 amostras pré-estabelecidas. Desta forma, tem-se o esquema para um quadro de ANOVA inicial representado na Tabela 1.

Tabela 1 - Quadro da ANOVA inicial proposta

Causa da variação	Graus de Liberdade
Geração	3
Resíduo	16
Total	19

Fonte: Elaborada pela autora.

Considerando-se as especificações elencadas e a partir de uma lista de pequenos produtores disponibilizada pela Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável - Regional Tupã (CATI), foram feitas ligações a 106 propriedades e somente 49 propriedades rurais atenderam aos critérios da presente pesquisa. Destas propriedades, entre pais e filhos, foi possível a realização de 98 entrevistas, classificadas de acordo com a Tabela 2.

Tabela 2 - Quantidade de entrevistados classificados de acordo com a geração

Geração	N
1	29
2	32
3	30
4	7

Fonte: Elaborada pela autora.

Desta forma, a menor quantidade de entrevistados por geração foi 7, superando a quantidade mínima de 5 amostras necessárias de acordo com a metodologia utilizada. Ainda, é possível observar na Tabela 3 o quadro da ANOVA com o Graus de Liberdade já processada com a quantidade de dados efetivamente utilizada. Em tal quadro, observa-se o valor do Resíduo (94), bem acima da premissa mínima necessária na presente metodologia adotada (10).

Tabela 3 - Quadro da ANOVA com dados efetivamente utilizados

Causa da variação	Graus de Liberdade
Geração	3
Resíduo	94
Total	97

Fonte: Elaborada pela autora.

Destaca-se ainda que foram realizadas na presente pesquisa outras análises de variância. Após a partição dos dados em pessoas com (a) baixa ou ausência de Escolaridade e (b) Escolaridade mínima, foram estabelecidas duas análises, uma para cada conjunto de dados (a) e (b). Em ambas, foram realizadas análises considerando dois fatores (Sucessão e Tecnologia), ambos com dois níveis cada um.

Todas análises de variância foram seguidas de aplicação do teste de *Tukey* para comparação das médias, considerando-se sempre uma significância de $p < 5\%$.

O fator tecnológico é de alta relevância ao se fazer uma análise de sucessão familiar, Coradini (2015) relata que em sua pesquisa fora revelada a grande proximidade dos jovens agricultores com as tecnologias atuais, percebendo que existe uma associação da mesma com as modas e tendências em tempo real de suas culturas. Ao mesmo passo de que a escolaridade há uma preferência por áreas cujas competências se diferem das fundamentais para a manutenção da atividade na produção familiar, os distanciando da sucessão familiar (CORADINI, 2015).

Além disso, foi verificada no conjunto de dados analisados a ocorrência de *outliers*, que consiste na verificação de valores extremos, ou seja, estão fora do padrão de uma distribuição de variáveis, distantes de forma significativa do restante dos dados. *Outliers* consistem de vários fatores, incluindo erros de resposta dos entrevistados na pesquisa e erros de entrada de dados (KWAK; KIM, 2017). Com isso, estes valores acabam não sendo representativos sobre a amostra estudada (LIMA *et al.*, 2018).

De acordo com Silva (2011, p. 93) *outlier* é considerada uma “[...] observação aberrante, anormal, atípica, contaminante, dissimilar, estranha, extrema, discordante ou preocupante [...]”. Logo, para os resultados serem fidedignos à realidade e representativo, sugere-se a remoção dos *outliers*, tanto para a média como para o desvio padrão da amostra analisada (LIMA *et al.*, 2018).

Na pesquisa em questão, os *outliers* foram encontrados por meio do padrão de respostas que o indivíduo forneceu, se difere da geração que ele representa, levando em consideração a diferença da idade respondida no questionário e a idade correspondente a cada geração. Ou seja, se o respondente que está na geração X teve a predominância de resposta correspondente a geração Z, ele é considerado um *outlier*, pois apresentou comportamentos diferentes a sua geração, não sendo capaz de representar a amostra.

O questionário é composto por 24 perguntas, sendo divididas em dois quadrantes. No primeiro segmento, contempla um diagnóstico do perfil geracional de cada respondente, sendo que as primeiras 6 questões são de identificação da propriedade rural e do indivíduo, e as outras 6 questões resultam na identificação da geração do respondente. Cada questão deste bloco geracional contém 4 alternativas, as quais levam as respostas de comportamentos de diferentes gerações com base em alguns autores, como a geração *Baby Boomers*, geração X, geração Y e geração Z.

Foi realizado um pré-teste, com visitas a sete pequenas propriedades rurais, no início do mês de março de 2021, a fim de averiguar a eficácia e o entendimento das questões. Após a verificação dos dados, concluiu-se que, para maior exploração das respostas, seria relevante a autora ler as questões e anotar as respostas de cada um, como uma entrevista, sem alteração de nenhuma informação, objetivando a resposta na íntegra.

Após a realização do pré-teste, iniciou-se a coleta dos dados, também de forma presencial, com visitas às propriedades rurais, durante os meses de abril e maio de 2021. A seguir estão apresentadas as questões, e os autores que foram utilizados para elaborar e interpretar cada alternativa referente às gerações estudadas.

A primeira questão: “Qual sua idade?”, tem o propósito de estabelecer a geração de acordo com as datas de nascimento, segundo alguns autores. Na pergunta seguinte, “Qual seu gênero?”, o objetivo é buscar explorar os gêneros que mais prevalecem no campo, no comando e no âmbito de sucessor geracional natural, um elemento estudado por Kiyota, Perondi e Vieira (2012) que evidencia o papel da mulher no campo diante da maioria presença do sexo masculino, que acabam por forçar o êxodo rural por parte das mulheres.

Na questão três, “Qual seu estado civil?”, o objetivo é identificar o estado civil dos respondentes, a fim de entender a atual formação da família no âmbito rural, como demonstra tal importância da composição da sociabilidade a partir da construção de uma propriedade rural nos estudos de Candido (1975) e Queiroz (1973).

No quarto questionamento, “Qual sua escolaridade?”, investiga-se o nível de educação de cada responsável e sucessor natural das propriedades. Um aspecto de grande importância de análise conforme Coradini (2015), essa questão está disposta a fim de averiguar o estado atual dos proprietários e a ambição dos sucessores naturais em continuar os estudos em busca de uma formação de nível superior.

Na pergunta de número cinco, “Qual o tamanho da terra utilizada para produção agrícola?”, foi explorado o tamanho das propriedades, para cruzar informações com os fatores de renda. A partir das informações apresentadas em São Paulo (2019), pequenas propriedades são classificadas em tamanho de 1 a 4 módulos fiscais, e de acordo com a Embrapa (2012), o município de Tupã conta com um módulo fiscal do tamanho de 20 hectares.

Na questão seguinte, número seis, “Rendimento anual da produção” foi analisada com base em Foguesatto *et al.* (2020), a importância de relacionar o fator da renda anual bruta, com a educação, tamanho da terra, habitantes das propriedades e seus respectivos desempenhos. Os valores foram baseados em IBGE (2021b), que informa a renda dos estabelecimentos agropecuários.

Logo, em seguida o sétimo questionamento, “Tenho orgulho de dizer aos meus amigos e pares que sou morador da área rural”, se baseia na sociabilidade, pois, conforme os estudos de Brandenburg (2010), a urbanização do campo tem ocorrido ao passo que a sociedade rural se integra à população urbana. Neste aspecto, para esta questão foi utilizado a escala *Likert*, a qual consiste em uma forma de coleta de dados. De acordo com Aguiar, Correia e Campos (2011) a escala *Likert* é utilizada para a coleta de opiniões e avaliações objetivas, compreendida como um instrumento de autorrelato.

Desta forma, em cada questão, o respondente demonstra o seu grau de concordância ou discordância sobre algo, escolhendo um ponto dentro da escala (AGUIAR; CORREIA;

CAMPOS, 2011; LUCIAN, 2016). Neste estudo em específico, a escala *Likert* foi utilizada para a compreensão da resposta do produtor perante alguns questionamentos acerca das suas vivências e preferências das suas atividades no campo.

Para concretizar cada resposta de acordo com as gerações, a letra A - discordo parcialmente se relaciona com a geração Y, pois geralmente já se conectam com a vida agitada da cidade e muitas vezes podem preferir ter uma vida urbanizada, segundo Vallejo Peña (2017) e Comazzetto *et al.* (2016). Partindo para a letra B - discordo plenamente, está junto com a geração Z, pois está inteiramente ligada com a tecnologia e pode-se compreender que os indivíduos desta geração não têm orgulho de dizer que vivem na zona rural, como destaca Quintanilha (2017). Com relação a geração X e a geração *Baby Boomers*, se associam com maiores níveis de satisfação com o trabalho que fazem, condizente com as alternativas C e D respectivamente, concordo parcialmente e concordo plenamente, de acordo com Satuf *et al.* (2018).

A pergunta de número oito, “Concordo com os objetivos sobre meus estudos que minha família quer que eu siga”, engloba questões sobre o grau de concordância da família com os objetivos de estudos do respondente, analisando por uma escala *Likert* (AGUIAR; CORREIA; CAMPOS, 2011). A fim de entender se a família influencia nos propósitos educacionais, a alternativa A - discordo parcialmente, combina com a geração Y pois de acordo com Vallejo Peña (2017) e Comazzetto *et al.* (2016), eles são um pouco mais desapegados com a opinião dos pais, do mesmo modo na alternativa B - discordo plenamente, como destaca Quintanilha (2017). Na alternativa C - concordo parcialmente e D - concordo plenamente, são condensadas com as gerações X e *Baby Boomers*, que obtêm os princípios mais conservadores relacionados à família, escutando mais os familiares (SATUF *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2016).

Na questão nove, “Meu nível de responsabilidade com os meus planos futuros relacionados à propriedade é elevado”, busca-se identificar a motivação do proprietário e do seu sucessor natural, explorando as características geracionais dos respondentes. Levantando respostas sobre o nível de comprometimento dos proprietários para com a propriedade, com a escala *Likert* (AGUIAR; CORREIA; CAMPOS, 2011). Nas alternativas desta questão, seguem as linhas de raciocínio das gerações que estão mais propensas à vida urbana, como na alternativa A e B, discordo parcialmente e discordo plenamente, gerações Y e Z respectivamente, a geração X, se associa com a alternativa C - concordo parcialmente, por ser uma geração que estava se tornando mais independente (VALLEJO PEÑA, 2017; COMAZZETTO *et al.*, 2016). Mas a geração *Baby Boomers*, taxada como *workaholic*, pretende a ter mais comprometimento com a

propriedade, como na alternativa D - concordo plenamente (COMAZZETTO *et al.*, 2016; SILVA *et al.*, 2016).

A décima questão, “Normalmente na propriedade trabalhamos juntos quando” enfatiza a importância de se levantar a concepção do trabalho em equipe pelos trabalhadores da propriedade rural, logo a pergunta visa identificar o momento em que os respondentes trabalham juntos. A partir da análise das alternativas, a letra A - o responsável chama ou alguma atividade do dia demanda mais de um trabalhador - se parecia com a geração *Baby Boomers*, pois este indivíduo tenta fazer o máximo de trabalho sozinho antes de pedir ajuda, como destacam Comazzetto *et al.* (2016) e Silva *et al.* (2016). Na segunda alternativa, B - somente quando é necessário - destacam o quadro individualista da geração Y, assim como na C - sempre que há um problema na propriedade, e que preciso de mais alguém para resolver, além de mim - com a geração Z (VALLEJO PEÑA, 2017; COMAZZETTO *et al.*, 2016). Na última alternativa, letra D - eu saiba ou não resolver o problema, estou sempre ajudando na propriedade - relata o quanto esta geração *Baby Boomers* sente prazer em desempenhar qualquer trabalho (COMAZZETTO *et al.*, 2016).

Com relação ao trabalho desempenhado na propriedade, a pergunta de número 11, “Quais dos fatores te chamam mais atenção sobre o trabalho, sendo ele na cidade ou no campo”, avalia quais dos fatores relacionados a cada geração, chama mais atenção quando o assunto é trabalhar (PUNTEL; PAIVA; RAMOS, 2011). Na primeira alternativa A - Liberdade (trabalhe no seu tempo e de onde quiser, cumprindo sempre os compromissos do dia) - se associa a geração Z, pois são propensos a este modo de prestação de serviço, por isso a alta dos trabalhos em marketing digital e tecnologia da informação e comunicação (MESQUITA; OLIVEIRA; MUNHOZ, 2020). A alternativa B - Fidelidade ao emprego/aos fornecedores - está ligada diretamente com as concepções conservadoras da geração *Baby Boomers*, como enfatiza Ladeira (2013). Na letra seguinte, C - Flexibilidade de horário (rotina de trabalho mais adaptável às suas necessidades) compete a dinamicidade de horário da geração Y (VELOSO; SILVA; DUTRA, 2012). Assim como, a geração X que se considera fiel a empresa, na alternativa D é relatado - Estabilidade no trabalho (segurança de sempre poder contar com aquele salário) - (VELOSO; SILVA; DUTRA, 2012).

Na questão seguinte de número 12, “Quais dos fatores são mais motivadores para continuar na propriedade rural, em sua opinião”, relaciona-se do mesmo modo sobre motivação dos respondentes, como o que faz eles se manterem na propriedade rural (PUNTEL; PAIVA; RAMOS, 2011). E para sustentar a associação de cada geração a alternativa A - Independência Financeira (não precisar de nenhum parente ou amigo para se sustentar); Flexibilidade de

horário - está diretamente ligada com a geração Z, como destacado na questão 11, de acordo com os autores Mesquita, Oliveira e Munhoz (2020) os *millennials* contam também com a dificuldade da interação social, os tornando individualistas. Na alternativa seguinte B - Salário alto; *Status* na sociedade - compete aos princípios da geração X, que se importam muito com o *status* social no qual se encontram, segundo Cappi e Araújo (2015) e Cavazotte, Lemos e Viana (2012). Na letra C - Segurança Financeira; Estabilidade - a geração *Baby Boomers* é muito insegura em relação a mudanças, por isso procura sempre o que é estável Ladeira (2013). E na última alternativa desta pergunta, D - Desafios no trabalho, estar sempre aprendendo - é relevante a semelhança com a geração Y, de estarem em busca de mudanças constantes (VELOSO; SILVA; DUTRA, 2012).

A fim de padronizar as alternativas de acordo com a geração, os autores trazem informações dos comportamentos mais recorrentes das gerações *Baby Boomers*, X, Y e Z e para fins de análise, foi feito uma planilha de codificação das questões, e estabelecido um número para cada uma das gerações, sendo respectivamente 1, 2, 3, 4, como demonstrado na tabela abaixo.

Tabela 4 – Codificação das gerações por questão

Gerações	<i>Baby Boomer</i>	X	Y	Z
	1	2	3	4
Questões	Alternativas			
	A	B	C	D
7	3	4	2	1
8	3	4	2	1
9	3	4	2	1
10	1	3	4	2
11	4	1	3	2
12	4	2	1	3

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados foram tabulados em uma planilha do Microsoft Excel e assim poderão ser analisados em grupo e individualmente. Após os dados serem tabulados, as análises dos perfis geracionais foram contabilizadas com base nas respostas dos proprietários e sucessores naturais.

Logo, terá um mapa da opinião do indivíduo, como no exemplo da Tabela 5, incluindo a data de nascimento do respondente, com as questões na horizontal enumeradas de 7 a 12, e na coluna, cada respondente do questionário. Os números nas linhas são as alternativas

escolhidas para cada questão, partindo do princípio que para a geração *Baby Boomers* é o número 1, geração X está ligada com o número 2, geração Y com o número 3 e a geração Z com relação ao número 4.

Tabela 5 - Análise das respostas de cada questionário – Exemplo

Questão / Respondente	Ano de Nascimento	7	8	9	10	11	12
1	1949	2	3	2	1	1	1
2	1958	1	2	1	2	2	2
3	1990	1	4	3	2	3	3
4	1999	2	2	4	4	4	4
5	1985	2	1	3	3	2	3
6	1968	2	4	1	2	2	2
7	1972	2	2	2	2	3	1
8	1983	2	2	3	3	3	3

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir desta exposição das respostas, esses dados foram cruzados com as informações da idade do indivíduo, confrontando a geração que prevalece de acordo com suas respostas.

A análise das respostas é feita por uma coluna com a geração de acordo com a idade do respondente, e feita uma escala de cores para visualizar qual a geração prevalece de acordo com a resposta de cada indivíduo. Essa escala de cores é fornecida pelo total de resposta que ele teve de acordo com cada geração, como por exemplo, se na questão 8, 9, 10 e 11 o respondente, que é da geração X, colocou a alternativa que se refere à geração X nas quatro perguntas, observa-se que a cor mais forte da linha, refere-se à geração X, ficando de acordo com a sua geração pelo ano de nascimento.

E para facilitar esta análise, selecionando as células dos dados tabulados de cada indivíduo, utilizou-se da fórmula do Microsoft Excel: =CONT.SE (selecionar as células das respostas do indivíduo, ="1") - para contar todas as vezes que aparece o número 1 (geração *Baby Boomer*) na resposta daquele questionário; =CONT.SE (selecionar as células das respostas do indivíduo, ="2") - para contar todas as vezes que aparece o número 2 (geração X) de acordo com a resposta do questionário; =CONT.SE (selecionar as células das respostas do indivíduo, ="3") - para contar todas as vezes que aparece o número 3 (geração Y) na resposta daquele questionário; =CONT.SE (selecionar as células das respostas do indivíduo, ="4") - para

contar todas as vezes que aparece o número 4 (geração Z) na resposta do determinado questionário. Como no exemplo da Tabela 6.

Tabela 6 - Geração por idade *versus* Perfil geracional – Exemplo

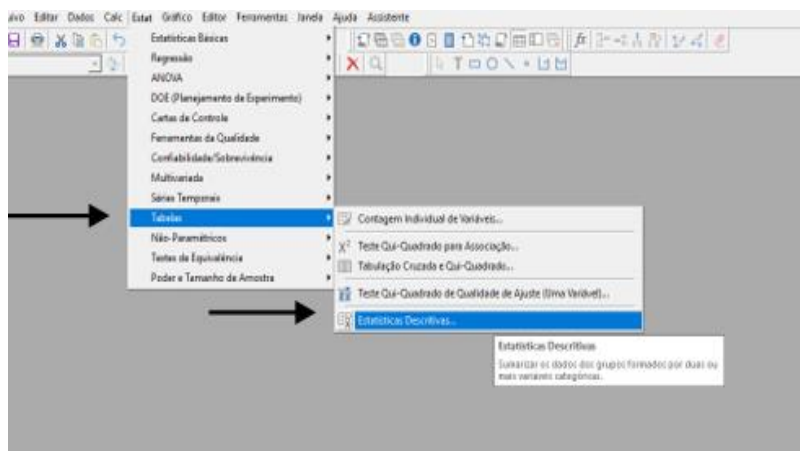
Geração por Idade / Respondente	1	2	3	4
<i>Baby Boomer</i>	3	2	1	0
<i>Z</i>	2	4	0	0
<i>Y</i>	1	1	3	1
<i>Y</i>	0	2	0	4
<i>X</i>	1	2	3	0
<i>X</i>	1	4	0	1
<i>Y</i>	1	4	1	0
<i>X</i>	0	2	4	0

Fonte: Elaborado pela autora

As análises das questões de identificação foram feitas a partir do *software Minitab* (*Minitab 18 Statistical Software*, 2017) para cruzamentos dos dados. Este modelo foi elaborado na pesquisa de Pinto *et al.* (2020), com um tutorial da geração dos gráficos de análise, para maiores informações, consultar o artigo de Pinto *et al.* (2020).

No estudo anterior, Pinto *et al.* (2020, p. 10) demonstra na Figura 1 que ao entrar no *software* estatístico *Minitab* Q5 para colar os dados normalizados obtidos no Microsoft Excel, deve-se clicar em Estat - Tabela - Estatísticas Descritivas.

Figura 1 - Tutorial *Minitab* para geração de tabelas e gráficos



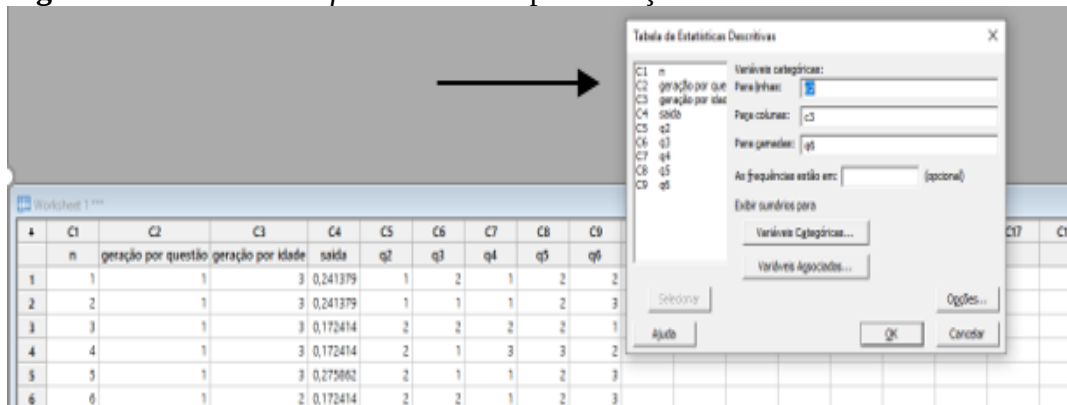
Fonte: Pinto *et al.* (2020).

Logo, para compreensão das gerações analisadas nas pequenas propriedades rurais, de modo gráfico, o passo a seguir está ligado com a interpretação da geração por questão respondida e a geração pelo ano de nascimento, como os passos da figura 2.

[...] é aberta uma aba para definir as variáveis categóricas, sendo para as linhas c2 (geração por questão), para as colunas c3 (geração por idade). Para as camadas selecionar uma das questões de identificação do indivíduo, que cruzará com cada resposta obtida em todo o questionário, clicar em OK, será gerada uma tabela e um gráfico[...] (PINTO *et al.*, 2020 p. 10).

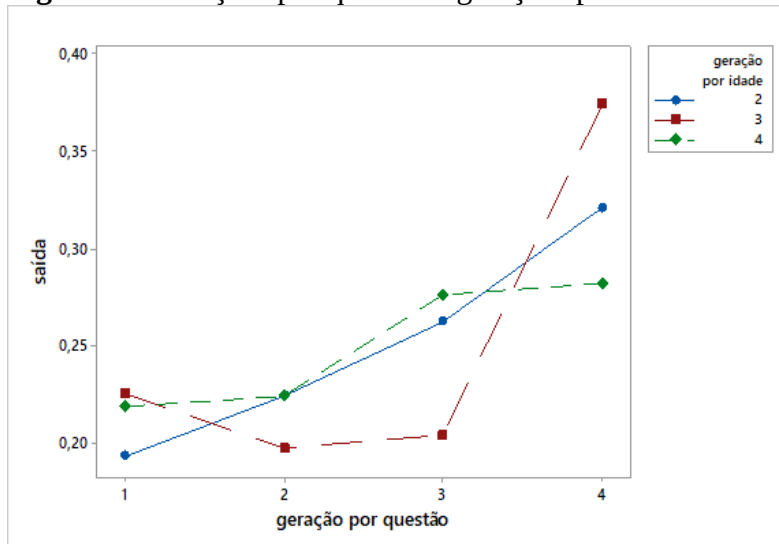
Para cruzamento com as questões iniciais do questionário, perguntas de número 7 até a de número 12, selecionou nas camadas, uma das questões de identificação do indivíduo, que se cruzou com cada resposta obtida em todo o questionário, clicar em OK, para ter os resultados em uma tabela e um gráfico, Figura 3.

Figura 2 - Tutorial do software Minitab para seleção das variáveis



Fonte: Pinto *et al.* (2020).

Figura 3 - Gerações por questão e gerações por idade



Fonte: Pinto *et al.* (2020).

Partindo para o segundo bloco do questionário, a fim de compreender como ocorre a sucessão geracional nas pequenas propriedades, este módulo conta com 12 perguntas, sendo incluídas questões abertas, com o intuito de averiguar as opiniões sobre o futuro geracional das propriedades rurais. Neste bloco, as análises foram feitas pontualmente para cada respondente e estabelecidas as possibilidades de sucessão geracional na propriedade.

Continuando a exposição das perguntas, a questão 13, “Quantas pessoas vivem na propriedade?”, visa identificar quantas pessoas vivem naquela propriedade, a fim de cruzar os dados com as questões de renda e tamanho da propriedade (FOGUESATTO *et al.*, 2020). Bem como na pergunta seguinte, número 14, “Quanto filhos têm os responsáveis da propriedade?” solicita-se o número de filhos que o responsável da propriedade detém.

De acordo com Foguesatto *et al.* (2020), se faz necessária a pergunta de número 15, “Há quantos anos é desempenhada esta atividade na propriedade e qual é o produto agrícola?”, a fim de averiguar há quantos anos é desempenhada aquela atividade na propriedade e também saber qual é o produto que produz aquela unidade, pois determinou-se a atividade que prevalece nas pequenas propriedades.

Na questão 16, “Você acredita que os jovens sucessores dos produtores estão diminuindo com o passar do tempo? Se sim, por quê?”, indaga a opinião do respondente sobre a sucessão geracional com o passar do tempo, se ele acredita que está diminuindo e o porquê de sua opinião.

Com o intuito de averiguar os objetivos em longo prazo do proprietário e do sucessor natural, a pergunta seguinte de número 17, “Você vê um futuro para sua família nesta atividade?”, avalia se o respondente vê um futuro para sua família naquela atividade, e o porquê do seu posicionamento. Além da questão 18, “Você gostaria que seus filhos seguissem a profissão de agricultor? Por que?”, que é feita a fim de confirmar a resposta anterior, sendo se ele gostaria que os filhos seguissem a carreira de agricultor, e para explorar ainda mais a sua opinião, se faz necessário explicar o motivo daquela resposta.

A pergunta 19, “Existe algum membro da família (filho ou outro) que você prevê que continuará a trabalhar na sua propriedade depois que você não puder mais trabalhar nela?”, enfatiza se há ou não sucessão geracional naquela propriedade, pois questiona se existe algum membro da família (filho ou outro) que o respondente prevê que continuará a trabalhar na sua propriedade depois que ele não puder mais trabalhar nela.

Ao relacionar com o êxodo rural, enfatizado por REDIN *et al.* (2013), o questionamento número 20, “Alguém de sua família gostaria de se mudar para a cidade? Se

sim, apontar qual membro gostaria de migrar para a cidade e as razões.”, aponta saber se existe algum membro da família que gostaria de se mudar para a cidade, e também relacionar quem seria, e quais as razões para ocorrer este fenômeno.

Novamente para a confirmação de rastros de sucessão geracional da família, essa questão de número 21, “A atividade realizada no campo foi passada de pai para filho?”, averigua se a propriedade rural foi passada de pai para filho, com respostas de sim ou não. Bem como a questão 22, “Há incentivos por parte dos familiares para dar continuidade na agricultura familiar.”, baseada na escala *Likert* de acordo com Aguiar, Correia e Campos (2011) e em Foguesatto *et al.* (2020), avalia se há incentivos por parte dos familiares para dar continuidade na agricultura familiar.

A fim de compreender a inserção da propriedade em alguma cooperativa, para fins de adoção de tecnologias, vendas e *networking*, segundo Foguesatto *et al.* (2020) se faz necessária a questão 23, “A propriedade faz parte de alguma cooperativa da região? Se sim, qual?”, que investiga se a propriedade faz parte de alguma cooperativa da região.

Com relação à tecnologia na agricultura familiar, na atualidade se demonstra muito relevante para a continuidade do jovem no campo Coradini (2015), por essa utilidade, a questão de número 24, “A propriedade conta com tecnologia na produção (em qualquer parte do processo), que provém de alguma cooperativa? Se sim, quais?”, levanta se a propriedade conta com alguma tecnologia em alguma parte da produção, e se provém de alguma cooperativa e quais seriam as ferramentas tecnológicas utilizadas (ARTUZO *et al.*, 2016).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Teoria das Gerações: características e mudanças comportamentais das gerações

Constantemente, as organizações passam por mudanças, o que difere do passado, cujas mudanças ocorriam nas organizações apenas quando necessário, ou quando havia medidas externas. Os motivos para mudança organizacional podem ser por conta da competitividade, regulamentações, novas tecnologias ou mudança do comportamento do consumidor, entre outros fatores (FREITAS; PITA; ALEXANDRE, 2018).

Além disso, Cavazotte, Lemos e Viana (2012), citam que o trabalho sofreu transformações ao longo do último século, em razão das mudanças tecnológicas na era pós-industrial, sendo que o sentido do trabalho pode variar de um sujeito para outro ao longo do tempo e em dado momento histórico. Algumas das mudanças tecnológicas, por exemplo,

biotecnologias, automação, multimídia e redes computacionais globais impulsionaram profundas transformações nos diversos setores produtivos.

Há uma percepção cada vez mais prevalente entre os gerentes das organizações, de que a presença dessas gerações *Baby Boomers*, X, Y e Z, no local de trabalho, estão criando desafios sem precedentes nas relações organizacionais (FORMENTON; STEFANO, 2017).

Logo, se faz necessário, conhecer os funcionários, para que seja possível identificar os fatores que motivam os mesmos e assim, definir ações que devam ser adotadas para atraí-los e mantê-los motivados (ECKHARDT, 2020). Ainda mais se forem novos entrantes no mercado de trabalho, visto que os jovens possuem valores e expectativas profissionais um pouco semelhantes ao das gerações passadas (CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012).

Quando os gestores não sabem a diferença existente entre as gerações de seus funcionários, podem ocorrer prejuízos à organização, como por exemplo, custos de contratação, tempo e recursos gastos em treinamento e rotatividade. Logo, uma alternativa para evitar esses prejuízos, seria conhecer melhor cada geração presente na organização, bem como conhecer a satisfação de seus funcionários no trabalho, comprometimento e a automotivação (ABREU; FORTUNATO; BASTOS, 2016).

Cada geração que está atuando no mercado de trabalho possui características diferentes, por exemplo, a idade de cada indivíduo, a qual possui comportamentos peculiares para cada faixa etária, diferenças de atitudes perante a vida e o trabalho (VELOSO; DUTRA; NAKATA, 2016).

Desse modo, o termo geração pode ser definido como um grupo de pessoas que compartilham os mesmos anos de nascimento e experiências, influenciando e sendo influenciadas por uma variedade de fatores críticos, que podem ser, por exemplo, mudanças nas atitudes da sociedade, mudanças nas políticas sociais, econômicas e políticas públicas. Quando as experiências são compartilhadas pela geração, há o desenvolvimento de características geracionais, que são valores, atitudes e preferências (KUPPERSCHMIDT, 2000).

De acordo com Howe e Strauss (2007), as gerações moldadas por experiências semelhantes no início da vida, muitas vezes podem desenvolver personalidades e seguir trajetórias de vida com certas semelhanças. Sendo que, o precedente histórico, permite prever como as gerações de hoje irão pensar e agir nas próximas décadas. O termo geração, pode ser compreendido ainda como uma divisão baseada no fator de idade dos indivíduos, na qual as divisões, possuem a finalidade de categorizar um grupo de pessoas com semelhanças iguais (DHANAPAL; VASHU; SUBRAMANIAM, 2015).

No mercado de trabalho, existe uma percepção dos gerentes para a presença de quatro gerações, que são: geração *Baby boomers*, X, Y e Z (FORMENTON; STEFANO, 2017). Cada uma das gerações será apresentada e detalhada a seguir. Contudo, vale ressaltar que não existe um consenso dos estudos sobre as datas de início e término de cada geração, podendo variar de acordo com os autores e seus estudos (PINTO *et al.*, 2020). Por exemplo, de acordo com Howe e Strauss (2007), os indivíduos da geração *Baby boomers* nasceram entre os anos de 1943 a 1960, já para Comazzetto *et al.* (2016), tal geração são os indivíduos que nasceram até o ano de 1964, ou ainda, os que nasceram entre 1946 até 1964, segundo Formenton e Stefano (2017).

A geração *Baby boomers*, são indivíduos mais motivados, otimistas e *workaholics* e sua denominação é traduzida na expressão “boom de bebês”, que surgiu nos Estados Unidos da América com a finalidade de representar o aumento significativo da natalidade após os soldados retornarem para casa ao fim da Segunda Guerra Mundial. Viveram em uma época de progresso econômico e social, foram educados para competirem com bastante disciplina e respeito, além de serem responsáveis pela criação da expressão “Paz e amor” (COMAZZETTO *et al.*, 2016; MELO, 2021).

E ainda na juventude, demonstraram a insatisfação com a forma rígida dos pais, os quais passaram a contestar tudo e eram considerados jovens rebeldes, tornando-se conservadores quando adultos, embora não rígidos. As mulheres passaram a trabalhar e auxiliar os homens na renda familiar, além disso, os indivíduos dessa geração valorizam o *status* e a ascensão profissional nas empresas, sendo leais, comprometidos à mesma e acreditam em empregos para a vida toda (HOWE; STRAUSS, 2007; CORRÊA JÚNIOR *et al.*, 2016; COMAZZETTO *et al.*, 2016; SILVA *et al.*, 2016).

Já os filhos da geração *Baby boomers*, a geração X, nasceram entre os anos de 1961 a 1981 (HOWE; STRAUSS, 2007), ou como abordado nos estudos de Comazzetto *et al.* (2016), são indivíduos que nasceram entre 1965 a 1977. Receberam muitos estímulos da televisão, elemento presente na maioria das residências e que influenciava o consumismo. Vivenciaram mudanças no ambiente familiar, com pai e mãe trabalhando, bem como o sentimento de culpa das mulheres pela ausência do lar, gerando dificuldade em colocar limites em seus filhos. Tais indivíduos ainda tendem a ser individualistas, irreverentes, autoconfiantes e valorizam lealdade a si mesmos (COMAZZETTO *et al.*, 2016).

Com relação ao trabalho, essa geração gosta de variedade e de trabalhar com liberdade, pois esses indivíduos defendem um ambiente de trabalho mais informal e com hierarquia menos rigorosa, além disso, gostam de desafios, oportunidades, flexibilidade e

sentem necessidade de *feedback*, são desconfiados e descrentes (HOWE; STRAUSS, 2007; CORRÊA JÚNIOR *et al.*, 2016; COMAZZETTO *et al.*, 2016; SILVA *et al.*, 2016).

A geração Y, por sua vez, nasceu entre 1982 a aproximadamente 2005 (HOWE; STRAUSS, 2000), por outro lado, como abordado por Côrrea Júnior *et al.* (2016) e Baum (2020), são as pessoas nascidas em meados de 1980 até a década de 1990, já no estudo de Comazzetto *et al.* (2016), são as pessoas que nasceram a partir de 1978 em diante. Assim, nasceram em um mundo já evoluído tecnologicamente, são considerados como uma geração desestruturada, contestadora e individualista. Além disso, os indivíduos da geração Y estão convivendo com os indivíduos da geração *Baby boomers* e X no ambiente de trabalho, gerando conflitos de ideias e valores (COMAZZETTO *et al.*, 2016).

Satuf *et al.* (2018), abordaram outra nomenclatura para a geração Y, podendo ser identificada como *Millennials*, bem como Silva *et al.* (2016), que abordaram a classificação *Millenium*. E Ruffatto, Severo e Decesaro (2015), apresentaram as seguintes nomenclaturas para a geração Y: *Millenials*, Geração da *Internet* e *iGeração*.

Segundo o artigo de *GREAT EXPECTATIONS* (2016), indica que os *Millennials* possuem diferentes valores de trabalho, personalidades diferentes e distintas expectativas relacionadas às preferências de trabalho. Além disso, muitos indivíduos dessa geração, não se consideram adultos até o final dos vinte ou início dos trinta anos de idade e muitas vezes adiam a decisão de se casarem ou até de começarem uma família (*GREAT EXPECTATIONS*, 2016).

Comazzetto *et al.* (2016), citam dois eventos que influenciaram nas características, ideais e princípios da geração Y, a globalização e o início das evoluções tecnológicas. Logo, os sujeitos dessa geração, são considerados mais individualistas, mas são multifacetadas, vivem em ação, possuem uma boa administração do tempo, são mais otimistas e tolerantes (VALLEJO PEÑA, 2017; COMAZZETTO *et al.*, 2016).

A geração Z são os indivíduos nascidos entre meados de 1990 e início de 2000 (BAUM, 2020), já Martini, Sotille e Martins (2017), citam que essa geração é composta por pessoas que nasceram entre 1990 até os dias de hoje, mesmo que alguns estudiosos classifiquem essa geração como os nascidos depois de 2005. Além disso, essa geração surgiu em um mundo já globalizado, interconectado e altamente tecnológico, o que faz com que os indivíduos dessa geração tenham características únicas, que as definam como geração tecnológica (MARTINI; SOTILLE; MARTINS, 2017).

Côrrea Júnior *et al.* (2016), citam que os indivíduos da geração Z, são considerados nativos digitais, pois manuseiam e dominam, sem dificuldades, qualquer aparelho eletrônico e não se imaginam em um ambiente sem tecnologia e *internet*. São mais cautelosos na tomada de

decisões de assuntos relacionados a trabalho, enfrentam maior insegurança financeira e possuem dificuldades em se manterem atentos e focados em uma única atividade por longos períodos (BAUM, 2020; QUINTANILHA, 2017). Além disso, se preocupam com a preservação do meio ambiente, ora prejudicado pelas gerações passadas, em especial pelas gerações do pós-guerra, criadores da industrialização (MELO, 2021).

Existem diferentes nomenclaturas para cada tipo de geração, por exemplo, Martini, Sotille e Martins (2017), apresentaram outra nomenclatura para a geração Z, a qual pode ser denominada de “Homo Zappiens”, como forma de analogia com o *Homo Sapiens* juntamente com o “Z” de zapear, que seria a grande nuance dessa geração.

Conforme Krampe, Brambilla e Angnes (2018), o estudo sobre as gerações, demonstra-se como um desafio, pois existem muitas correntes de pensamento sobre o assunto, não havendo um consenso com relação às datas de início e fim de cada geração, como já mencionado anteriormente. E de acordo com Silva *et al.* (2016), apesar do avanço das pesquisas sobre gerações, tanto no Brasil, como em outros países, os achados ainda não são conclusivos, o que demonstra que ainda há espaço para novas pesquisas e investigações sobre a temática.

Na literatura, existe muita divergência com relação às datas de início e fim de cada geração (CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012), para isso, o Quadro 1, compara as datas de nascimento de cada geração, de acordo com algumas pesquisas.

Quadro 1 – Comparação das datas de nascimento cada geração

Identificação do Artigo	Geração baby boomers	Geração X	Geração Y	Geração Z
Brito, Obregon e Lopes, 2016	Não abordado	Não abordado	Nascidos entre 1980 e 1994	Não abordado
Cappi e Araújo, 2015	1944 até 1960	1960 até 1980	1980 até 1990	1990 até a atualidade
Cavazotte, Lemos e Viana, 2012	Década de 1940 até início da década de 1960	Meados da década de 1960 até final da década de 1970	Nascidos a partir de 1980	Não abordado
Comazzetto, Vasconcellos, Perrone e Gonçalves, 2016	Nascidos até 1964	Nascidos entre 1965 e 1977	Nascidos de 1978 em diante	Não abordado
Martini, Sotille, Martins, 2017	Nascidos entre 1940 até 1954 (Primeiros Boomers), Nascidos entre 1955 e 1964 (Boomers posteriores)	Não abordado	Não abordado	Nascidos entre 1990 até a atualidade
Monteiro, Leite, 2019	Nascidos entre 1943 até 1962	Nascidos entre 1964 até 1987	Nascidos entre 1988 até 200	Nascidos entre os anos 2000 até 2010
Quintanilha, 2017	Não abordado	Não abordado	Não abordado	Nascidos a partir de 1990
Ruffatto, Severo, Decesaro, 2015	Não abordado	Não abordado	Nascidos entre 1983 até 1994	Não abordado
Satuf, Monteiro, Pereira, Esgalhado, Afonso, Loureiro, 2018	Nascidos entre 1946 até 1964	Nascidos entre 1965 até 1980	Nascidos entre 1981 até início dos anos 2000	Não abordado
Silva, Trevisan, Veloso, Dutra, 2016	Nascidos entre 1946 até 1964	Nascidos entre 1965 até 1985	Nascidos a partir de 1986	Não abordado
Xavier, 2011	Não abordado	Não abordado	Nascidos a partir de 1990	Não abordado
Vallejo Peña, 2017	Nascidos entre 1950 até 1970	Nascidos entre 1965 até 1984	Nascidos entre 1985 até início dos anos 2000	Não abordado

Fonte: Elaborado pela autora.

Alguns estudos não citam o ano de nascimento de algumas gerações, deste modo, no Quadro 1 foi inserido como “Não abordado”. Contudo, outras pesquisas, abordaram distintas classificações das gerações, como por exemplo, Monteiro e Leite (2019), citaram a geração tradicionalista e a geração *Alpha*, além das gerações *Baby Boomers*, X, Y e Z. A geração tradicionalista são os indivíduos que nasceram até o ano de 1942 e que hoje, possuem mais de 75 anos, sendo que em sua maioria, já não se encontram mais no mercado de trabalho. Já a geração *Alpha*, é classificada como as crianças que nasceram a partir de 2010 e que levarão certo tempo para ingressarem no mercado de trabalho.

Com relação às características das gerações abordadas pelos estudos, foi possível identificar autores que caracterizaram com maior aprofundamento a partir da geração *Baby boomers* até a geração Y. Contudo, a geração Z, não foi abordada em alguns artigos.

Alguns estudos apontaram a satisfação das gerações no ambiente organizacional, como por exemplo, Brito, Obregon e Lopes (2016), ao analisarem os impactos que afetam a satisfação no trabalho da geração Y, concluíram que os profissionais estão satisfeitos com o sistema de gestão e desenvolvimento, com os aspectos psicológicos do trabalho, práticas e políticas de Recursos Humanos, aspectos biológicos e satisfação com a chefia.

O estudo de Cavazotte, Lemos e Viana (2012), aborda a inserção da geração Y no mercado de trabalho frente às recompensas tangíveis e intangíveis. E concluíram que existe mais em comum entre a geração Y e suas gerações anteriores, do que propriamente, com as características de sua própria geração, como é abordado por alguns autores.

Além disso, tais estudos analisaram apenas uma geração em específico, outros, compararam duas gerações ou mais, conforme o estudo de Monteiro e Leite (2019), que realizaram uma pesquisa comparativa entre a geração X e Y, a fim de identificarem a pretensão de carreira após a conclusão do curso de graduação e constatarem respostas similares entre as gerações.

Cappi e Araujo (2015), ao compararem a influência da satisfação no trabalho e o comprometimento organizacional para com a intenção de sair do trabalho, entre a geração X e Y, concluíram que para a geração X, a satisfação no trabalho mostrou-se um antecedente mais forte do comprometimento organizacional e da intenção de sair do trabalho. Já para a geração Y, o comprometimento organizacional mostrou-se um antecedente mais forte da intenção de sair do trabalho.

Outro estudo que teve como objetivo comparação entre as gerações no mercado de trabalho, foi de Comazzetto *et al.* (2016), que analisaram a visão que as gerações anteriores concebem em relação a geração Y. Assim, alguns aspectos que os indivíduos das gerações *Baby boomers*, X e Y buscam e esperam das organizações, foram, oportunidade de crescimento, confiança, relacionamento interpessoal e imagem/valores organizacionais.

Quando os indivíduos da geração Y são analisados por gerações anteriores, são vistos como agentes de mudança, devido às suas características, como por exemplo, a rapidez, imediatismo, domínio das tecnologias e internet, o que expressa um acelerado ritmo de trabalho para as empresas. Contudo, um ponto negativo visto pelas gerações anteriores com relação à geração Y, foi a ameaça com relação à continuidade dos negócios, atrelada a essa geração, pois

possuem dificuldade com a operacionalização de suas tarefas e menor comprometimento com a empresa (COMAZZETTO *et al.*, 2016).

Satuf *et al.* (2018), também realizaram um estudo comparativo entre as gerações *Baby boomers*, X e Y, especificamente com relação a satisfação do trabalho, sendo que observaram que a geração *Baby boomers* possuem maiores níveis de satisfação com relação às dimensões analisadas, que foram: colegas de trabalho, salário, chefia, natureza do trabalho, promoções, afetos positivos e negativos. Já a geração X, apresentou menores níveis de satisfação e a geração Y reportou maiores níveis de insatisfação.

Vale ressaltar que dentre as características de cada geração, observou-se algumas homogeneidades entre si, por exemplo, de acordo com o estudo de Brito, Obregon e Lopes (2016) e Comazzetto *et al.* (2016), a geração Y apresenta um perfil individualista, contudo, no estudo de Cappi e Araújo (2015) e Cavazotte, Lemos e Viana (2012), a geração X também apresenta um perfil individualista. Outra característica encontrada em algumas pesquisas sobre gerações foi o desejo por *status* no âmbito profissional, tanto pela geração Y (CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012), bem como na geração *Baby Boomers* (COMAZZETTO *et al.*, 2016; SATUF *et al.*, 2018).

No trabalho de Ruffatto, Severo e Decesaro (2015), os funcionários da geração Y foram analisados pela ótica dos funcionários da geração X, frente ao processo de inovação de produto em uma empresa metalmecânica, e consideraram que a geração Y, são jovens com espírito inventivo, com criatividade, ambições e dinâmicos, o que contribui para o processo analisado.

Diante de tais características, faz-se necessário que a gestão de pessoas proporcione uma estrutura de trabalho que estimule os funcionários da geração Y, a fim de estimularem o aprendizado, o prazer, autorrealização do indivíduo e que possa haver conciliação da vida pessoal com o trabalho, conforme estudos de Silva *et al.* (2016), sobre âncoras de carreiras da geração Y. Ou até mesmo, que a gestão de pessoas da organização, utilize-os como recursos humanos com potenciais, visto que tal geração, possui domínio da tecnologia e familiarização com a sociedade digital (VALLEJO PEÑA, 2017).

Logo, tais estudos demonstram a necessidade de compreender as gerações no trabalho e sobre as diferenças significativas entre cada geração, contudo, alguns estudos apontaram que existem aspectos relacionados ao trabalho e outros tratam a fase da vida pela qual o indivíduo está passando, ao invés da geração. E que muitas vezes, características de gerações passadas, são compartilhadas pelas novas gerações (CAPPI; ARAUJO, 2015; CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012).

Além dos estudos que analisaram até a classificação Y e que relacionavam com o tema do mercado de trabalho, alguns estudos analisaram a Geração Z frente às outras gerações. Como é o caso do estudo de Martini, Sotille e Martins (2017), que compararam o processo de desenvolvimento criativo do sujeito da geração *Baby boomers* e geração Z, e que constataram que a geração Z demonstrou um maior potencial criativo quando comparado à geração *Baby boomers*.

Outro tema abordado ao estudar as gerações, foi com relação ao processo de aprendizagem de estudantes do ensino superior. Quintanilha (2017) estudou especificamente o processo de aprendizagem da geração Z utilizando-se de tecnologias virtuais, o que demonstrou o grande interesse dessa geração, pois possuem familiaridade com tecnologias. O que corrobora no estudo de Xavier (2011), o qual analisou o processo de letramento digital na aprendizagem da geração Y.

A partir desta busca teórica, foi possível observar que nem todos os estudos trataram de todas as gerações, pois alguns trataram com maior aprofundamento a partir da geração *Baby boomers* até a geração Y e caracterizaram a Geração Z, o que não foi abordada na maioria dos estudos. Também foi observado que, os indivíduos de determinada geração, não terão somente as características de sua geração, pelo contrário, cada geração terá características em comum com sua geração passada (CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012).

Além disso, atualmente, existe uma heterogeneidade de indivíduos que estão presentes no mercado de trabalho, logo, as diferenças das gerações vão além das datas de nascimento que marcam o início de cada geração, pois cada indivíduo possui diferenças comportamentais, entendimentos, valores e visões de mundo diferenciadas (COMAZZETTO *et al.*, 2016).

Em se tratando das gerações no ambiente rural, sabe-se que as últimas gerações, cresceram e nasceram em um ambiente com tecnologia, como por exemplo, a geração Y que nasceu em meio ao processo de globalização e início da evolução tecnológica, bem como a geração Z, que são considerados nativos digitais (COMAZZETTO *et al.*, 2016; MESQUITA; OLIVEIRA; MUNHOZ, 2020), e o mesmo pode ser observado das populações rurais, em decorrência da proximidade dos jovens agricultores com as tecnologias da atualidade e domínio dos meios de comunicação em massa (CORADINI, 2015).

Contudo, estudos observaram que está emergindo um cenário de desvalorização no ambiente rural pela juventude, que com o passar dos anos, estão tomando a decisão de abandonar o campo. Esse processo é resultado de uma visão negativa do ambiente rural, bem como as atividades exercidas nesse ambiente e aos problemas existentes no processo sucessório

dos estabelecimentos rurais às novas gerações (FOGUESATTO *et al.*, 2016; PANNO; MACHADO, 2014).

A juventude do ambiente rural, cada vez mais possui acesso à tecnologia da informação, ferramentas da *internet* e a aparelhos tecnológicos, proveniente principalmente da modernização da agricultura e intensificação das tecnologias e inovações. Esse fenômeno também provoca a evasão juvenil do ambiente rural, possibilitando a esses indivíduos, seguirem rumos direcionados aos benefícios e facilidades dos centros urbanos e o desejo de não reproduzirem as mesmas atividades que seus pais (SILVESTRO; CORTINA, 1998 citado por PANNO, 2016).

3.2 Inovações tecnológicas no agronegócio

A utilização de tecnologias e inovação tem proporcionado uma revolução tecnológica ao agronegócio, o que reflete na competitividade e desenvolvimento do setor. Em se tratando do território nacional, observa-se que mesmo com o progresso recente da Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação – P, D&I ainda há uma lacuna para o Brasil se desenvolver, em comparação aos EUA e países europeus (CRUVINEL *et al.*, 2008; ATRASAS; SACOMANO; LORENZO, 2012). Tais inovações se originam por meio das interações que acontecem dentro dos sistemas de redes dos departamentos, cooperativas e organizações (EDQUIST, 1997).

Com o advento das tecnologias e comunicações, algumas mudanças foram introduzidas no âmbito rural. A produção de subsistência deu lugar a um complexo sistema agroindustrial, e as fronteiras, entre o rural e o urbano, tornaram-se cada vez mais tênues e difusas. A informação e o conhecimento gerado a partir dela deixaram de ser privilégio e se tornaram uma ferramenta competitiva e de alavancagem de negócios, sendo muito importante e imprescindível para o desenvolvimento da agricultura (VIERO; SILVEIRA, 2011; BORTOLUZZI; JOHANN; ROJO, 2019).

Juntamente com o conhecimento, as inovações tecnológicas, como a agricultura de precisão, também ganharam espaço nas propriedades, colaborando para o aumento da produtividade. Tal aumento aconteceu devido à sofisticação das máquinas agrícolas por meio de dispositivos, sensores e *Global Positioning System* - GPS embutidos no maquinário (INAMASU *et al.*, 2011). De acordo com os autores a alta tecnologia resulta em mapas de produtividade, os quais possibilitam gerenciar a variabilidade espacial de áreas desuniformes, maximizando o retorno ao produtor. A agricultura de precisão se estabelece sobre 3 pilares, são eles: “[...] captação de dados em uma escala e frequência adequada, interpretação e análise

desses dados, gestão e implementação de uma resposta a uma escala espacial e de tempo adequada” (INAMASU *et al.*, 2011, p. 16).

Além da implementação da agricultura de precisão, buscando ampliar a produção, a produção sustentável tem se tornado pauta entre os produtores, o que resulta na utilização de uma inovação dentro das cadeias produtivas, intensificando a competitividade (MARTHA JÚNIOR, 2015). Além de tornar o ambiente mais competitivo, o setor do agronegócio demanda de insumos e equipamentos tecnológicos para contribuir ao desenvolvimento socioeconômico sustentável, o que proporciona também uma segurança alimentar (AKIMOVA *et al.*, 2016; RECH *et al.*, 2019).

Quanto aos níveis tecnológicos dentre os produtores, esses se encontram divididos em três classes de mercadoria/produto em um mesmo território, como demonstra a passagem a seguir:

A primeira representaria produtos em que a grande parte dos agricultores utiliza técnicas modernas, não havendo espaço aos agricultores com técnicas tradicionais. A segunda, inversamente à primeira, série de produtos em que a maior parcela dos produtores emprega técnicas tradicionais sem o interesse da entrada de agricultores modernos nesse segmento. Por fim, na classe onde se encontra o maior número de produtos, tem-se a coexistência de agricultores modernos e tradicionais. No modelo de dualismo tecnológico, existem dois grupos de variáveis. O primeiro que diz respeito à qualificação dos produtores (conhecimentos técnicos, disponibilidade de recursos, capacidade gerencial, acesso ao financiamento etc.) e o segundo referente aos preços dos fatores (ou insumos produtivos) e dos produtos, além de considerar as distâncias dos mercados, o custo do transporte, a facilidade de armazenamento e a eficiência da comercialização (VIEIRA FILHO; SILVEIRA, 2012, p. 728).

Nota-se que as novas ferramentas tecnológicas utilizadas na agricultura, visam o acréscimo na produtividade, a redução dos custos da produção e a maximização dos lucros, uma vez que, tais ferramentas podem ser utilizadas desde o preparo do solo até a comercialização, possibilitando o gerenciamento ao produtor (REDIVO; TRÊS; FERREIRA, 2008; BERNARDO, FARINHA; BINOTTO, 2018). Neste sentido, Coradini (2015, p. 6), discorre que o jovem agricultor conectado/globalizado como sendo o “[...] indivíduo que tem acesso a qualquer informação disponível no meio urbano, que se apropria dos produtos culturais que lhe convém e que é também fornecedor de valores e produtos culturais [...]”.

Ao analisar o ambiente rural, em que o jovem está inserido, Coradini (2015) afirma que, diante das percepções dos jovens sobre a atividade rural, foram constatadas algumas avaliações negativas sobre o trabalho agrícola, as quais se constituem em argumentos de recusa de continuidade da agricultura como projeto profissional.

O autor ainda destaca que as avaliações apresentam desvantagens com relação à pequena produção familiar, onde são evidenciadas em colocações como “trabalho duro”, “muito trabalho para pouco retorno”. Em contrapartida, as vantagens relatadas foram evidenciadas na compreensão da autonomia no trabalho e no conhecimento da atividade agrícola da família (CORADINI, 2015). Diante desse cenário, a inclusão tecnológica é vista como um canal de oportunidades para todos os segmentos da sociedade, tanto no âmbito urbano quanto no rural, tornando a inclusão social e a cidadania cada vez mais próximas, sendo ambos direitos constitucionais (WERTER; CASTRO, 2013).

As tecnologias digitais e as mídias estão associadas à comunicação de massa em rede que, por sua vez, estão inseridas em um cenário de grande desenvolvimento, permeando o processo de produção e distribuição de informações, que por muitos anos não permitiam a interação do receptor no processo comunicacional. O que difere do cenário atual, o que proporciona uma participação ativa dos atores sociais (VAN DAL, 2013). Na agricultura, o processo de globalização passou a exigir uma nova postura dos moradores do campo, impondo a necessidade de adaptação às novas tecnologias que estão chegando às suas propriedades (VITULE, 1998; SILVA, 2013).

A proximidade dos jovens com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) proporcionam uma melhora na qualidade de vida, além de oportunidades de educação e de desenvolvimento das comunidades. Tal proximidade estabelece a democratização e o avanço das tecnologias, as quais geram incentivos concretos para que se desenvolva a autonomia e o domínio tecnológico por parte das populações rurais, especialmente, para a juventude rural. Além disso, o acesso à informação é importante para o processo de tomada de decisão, podendo resultar em vantagem competitiva entre as negociações do meio rural (LOPES; DOULA, 2013; FALÉCO; JORGE, 2017).

Contudo, a proximidade com as TICs, com as ferramentas da *internet* e os aparelhos tecnológicos, vista por outra ótica, está fazendo com que haja uma evasão juvenil do ambiente rural, o que prejudica o processo sucessório das gerações nesse ambiente (SILVESTRO; CORTINA, 1998 citado por PANNO, 2016). Segundo Corandini (2015) os jovens recusam o trabalho no ambiente rural, por terem uma visão negativa do modo/ qualidade de vida dos seus pais, direcionando seus projetos profissionais para outras atividades.

De acordo com o IBGE (2021b) um cenário em que os jovens nascidos a partir de 1978 até meados de 2010 compõem aproximadamente 11% da população rural, a falta de sucessores de propriedades rurais, especialmente dos jovens, como demonstrado pelas estatísticas, tem gerado incertezas quanto à continuidade das comunidades rurais. O processo

sucessório é inerente à sobrevivência dos negócios e das atividades nas propriedades rurais, proporcionando a continuidade das atividades e a transição para as gerações futuras.

Logo, a busca por alternativas que possam minimizar a saída dos jovens do campo e contribuir para a permanência das novas gerações no âmbito rural, torna-se necessária e urgente. Uma vez que a agricultura é uma atividade importante para a segurança alimentar mundial. Por ser uma realidade em todo o mundo, o êxodo rural ameaça a geração de renda, empregos e a produção de alimentos (CORANDINI, 2015).

Segundo o autor, para a juventude rural, a utilização de tais ferramentas tecnológicas podem contribuir no acesso à educação e à comunicação. O elo entre as ruralidades e as tecnologias corrobora com o desenvolvimento da juventude do campo, quebrando as barreiras geográficas do urbano em comparação ao rural, permitindo que as informações cheguem ao campo (TROIAN; BREITENBACH, 2018).

Desta forma, observa-se que, com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), em 2016, a *Internet* era utilizada em 69,3% dos domicílios permanentes do Brasil, aumentando para 74,9%, em 2017. Em área urbana, no ano de 2016, o percentual de domicílios em que a *internet* era utilizada correspondia a 75%, aumentando para 80%, no ano seguinte. Já na área rural, esse percentual subiu de 33,6% para 40%, no mesmo período de análise (IBGE, 2021b).

No recorte geográfico brasileiro, no que tange à utilização da *internet*, televisão e celular, o IBGE (2021b) apresenta que 80% dos domicílios urbanos utilizam a *internet*, enquanto que apenas 40% das propriedades rurais possuem acesso à rede. De forma desagregada, vê-se que a região Norte possui o menor percentual de acesso à *internet* para a população rural, com 27,3%, ao passo que, na região Sul, apresenta 53,1% das propriedades rurais com acesso à *internet*. Constata-se que os principais motivos para a não utilização da *internet* estão relacionados, respectivamente, à falta de interesse em acessar a rede, 37,4%, alto custo do serviço de *internet*, 28,7%, falta de domínio da tecnologia, 22%, e falta do serviço de *internet* nas áreas rurais, 21,3% (IBGE, 2021b).

O acesso às tecnologias cresce desigualmente entre os jovens do campo e cidade, os obstáculos da chamada “inclusão digital” são acentuados. É notória a escassez na criação e implementação de políticas públicas, as quais são imperativas para dar aos jovens do campo as mesmas oportunidades já disponíveis aos jovens da cidade (MATTOS, CHAGAS, 2008; MENEZES; STROPASOLAS; BARCELLOS, 2014).

De acordo com Medina, Gosch e DelGrossi (2021), alguns caminhos para o desenvolvimento da agricultura familiar têm sido explorados por pesquisadores de distintas

organizações internacionais, como por exemplo a *Food and Agriculture Organization* (FAO). Os estudos da FAO tratam sobre a identificação das ações a serem tomadas e das ações em andamento em diversos países. Um exemplo das ações a ser aplicada, seria a necessidade de reforma agrária, com o objetivo de fornecer aos agricultores familiares a terra que precisam para produção.

De acordo com os mesmos autores, em nível global, os agricultores familiares constituem-se em cerca de 98% de todas as propriedades rurais e ocupam mais de 50% das terras agrícolas. Todavia, ainda há pouco conhecimento sobre os caminhos de desenvolvimento eficazes para este segmento alimentar, mesmo diante da grande quantidade de agricultores familiares e de seu potencial de geração de benefícios para a sociedade, principalmente no que tange a sucessão geracional e continuidade da atividade familiar (MEDINA; GOSH; DELGROSSI, 2021).

Em contexto nacional, o Brasil tem realizado ações para promover reformas agrárias estruturais, com a finalidade de atender às demandas de agricultores sem-terra e pequenos agricultores, para que eles tenham acesso a terras agrícolas. Sendo assim, depois de mais de duas décadas de investimentos no desenvolvimento da agricultura familiar, agora é possível avaliar os avanços obtidos e os desafios que ainda serão enfrentados (SANTOS; VILAR, 2012; MEDINA; GOSH; DELGROSSI, 2021).

Outro avanço para a agricultura familiar, foi a modernização para esse público por meio da adoção de novas tecnologias, integração no mercado, por meio das cadeias de suprimentos de *commodities* agrícolas e a profissionalização das práticas de gestão dos agricultores. Uma das principais políticas agrícolas para fomentar a modernização da agricultura familiar é o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), que se constitui como crédito rural criado em 1996. Atualmente, representa a principal política agrícola voltada para esse público, em conjunto com o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), o qual trata sobre a compra de produtos advindos da agricultura familiar para as merendas (ABRAMOVAY, 2012; NIEDERLE; FIALHO; CONTERATO, 2014; MEDINA; GOSH; DELGROSSI, 2021).

3.3 Produtores rurais

A população rural pode ser classificada em dois segmentos de estabelecimentos produtivos, agricultura familiar e agricultura não familiar (SILVEIRA, 2013). Ainda de acordo com o estudo de Talaska e Etges (2015), a partir do Estatuto da Terra, os imóveis rurais são

classificados como minifúndio, propriedade familiar e latifúndio. Minifúndio é conceituado como todo imóvel rural com área e possibilidades menores que uma propriedade familiar, ou seja, possui área inferior ao necessário para o desenvolvimento social e econômico da atividade e também manutenção da família que se encontra no imóvel rural (TALASKA; ETGES, 2015).

Já a propriedade familiar é a área de terra que é explorada economicamente, direta e pessoalmente pelo agricultor e pela família, podendo algumas vezes, receber ajuda de terceiros, e que por meio da força de trabalho, promover o desenvolvimento socioeconômico do grupo familiar. Além disso, a propriedade familiar possui área máxima fixada em sua região por meio do módulo fiscal (TALASKA; ETGES, 2015). O latifúndio, por sua vez, é um imóvel rural que possui: “área igual ou superior ao módulo rural, que é inexplorado ou explorado de forma inadequada e insuficiente, ou ainda porque possui grande dimensão de área, a ponto de ser incompatível com a distribuição justa da terra na região onde se situa” (TALASKA; ETGES, 2015, p. 8).

De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, cerca de 77% dos estabelecimentos agropecuários, foram classificados como agricultura familiar e ainda, no ano de 2017, o valor de produção da agricultura familiar foi de R\$ 107 bilhões, o que corresponde a 23% de toda a produção agropecuária brasileira (IBGE, 2021b). Logo, a agricultura familiar possui dinâmica e características distintas da agricultura não familiar.

Cruz *et al.* (2020), citam que os agricultores familiares já receberam outras definições, como por exemplo, pequenos produtores, pequenos agricultores, colonos e camponeses. Sendo que, para algumas das definições, estão vinculadas ao número de empregados, tamanho da propriedade ou muitas vezes, com a vinculação com os mercados de produtos e insumos.

Para Schneider e Cassol (2017), a agricultura familiar é formada por pequenos proprietários de terra, que trabalham usando a força de trabalho dos membros de suas famílias e que produzem tanto para seu autoconsumo como para a comercialização, e, além disso, vivem em pequenas comunidades ou povoados rurais.

A agricultura familiar foi reconhecida pelo Estado em meados de 1990, após, houve a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) no ano de 1995 e a criação da Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, da Agricultura Familiar no ano de 2006, que definiu sua estrutura conceitual e passou a regular as políticas públicas para este grupo social (GRISA; SCHNEIDER, 2015). De acordo com a Lei nº 11.326, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural, indivíduos que atendam os seguintes critérios:

- I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo;
- IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (BRASIL, 2006).

O PRONAF foi a primeira política nacional direcionada exclusivamente para a agricultura familiar e é constituído como um programa de financiamento, com juros baratos, para investimento e custeio da produção agropecuária (GRISA, 2017; CRUZ *et al.*, 2020). Vale ressaltar, que até a criação do PRONAF, não havia a definição de agricultura familiar como o definido na Lei nº 11.326, logo, os beneficiários do programa eram aqueles que atendiam às normas do Banco Central e que detinham a Declaração de Aptidão ao PRONAF (DAP), a qual era dada pelos sindicatos rurais ou EMATERs (CRUZ *et al.*, 2020).

Após a criação do PRONAF, emergiu outras políticas e programas com o objetivo de integrar as ações governamentais para o segmento da agricultura familiar, como por exemplo, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Seguro Rural, a Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) e a reestruturação do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) para atender a compra de alimentos dos agricultores, o qual já existia desde os anos 1950 (GAZOLA; SCHNEIDER, 2013).

De acordo com Cruz *et al.* (2020), não basta apenas oferecer crédito rural ao agricultor familiar, se ele não tiver os conhecimentos técnicos para melhorar a sua produção. Assim, a Ater possui muitos benefícios para a agricultura familiar, dentre alguns desses benefícios, destaca-se a vantagem de oferecer uma assistência no auxílio na documentação necessária para se candidatar aos programas de crédito rural (CRUZ *et al.*, 2020).

Outra política pública importante é o PRONAF Jovem, a qual a partir do ano de 2003, a juventude tornou-se beneficiária. Essa política destina-se aos jovens rurais de ambos os sexos, que integram as unidades produtivas classificadas como agricultura familiar e cria alternativas produtivas para geração de renda, viabiliza a permanência no meio rural, constrói processos de autonomia financeira e melhora a qualidade de vida pela interligação do jovem rural aos mercados, ao sistema bancário e às instituições de desenvolvimento rural (MARIN, 2020).

Essa política ainda apresenta como especificidade a introdução de um recorte geracional em seu escopo, com atendimento aos jovens com idade entre 16 a 29 anos, tendo assim significados importantes para o reconhecimento do jovem rural como categoria social portadora de direitos ao financiamento de crédito (BNDES, 2021; MARIN, 2020). Logo,

caracteriza-se como uma política com a finalidade de produzir condições objetivas e subjetivas para possibilitar processos de sucessão hereditária na agricultura familiar, tornando o jovem rural uma categoria social destinada a dar continuidade ao ambiente rural e à reprodução social da agricultura familiar (MARIN, 2020).

Além destes mecanismos que incentivam os produtores rurais, foram criados dois programas com o intuito de alavancar o desenvolvimento da agricultura familiar local e contribuir para o combate da pobreza e da miséria (SANTANA; LIMA, 2018). Sendo o primeiro deles o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), criado em 2003, por meio do art. 19º da Lei 10.696, sendo, posteriormente, alterado pela Lei 12,512, de 2011 e regulamentado pelo do Decreto no 7.775, de 2012.

O PAA surgiu da estruturação do Programa Fome Zero, com o objetivo de aliar as ações acerca da temática de segurança alimentar e nutricional com o incentivo à agricultura familiar. Com a realização de negociação direta com os produtores, por meio das licitações dos programas públicos e organizações sociais, resultando nas doações e abastecimento dos estoques públicos e no apoio à produção agrícola familiar, funcionando como um tipo de Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) (CARVALHO; ROCHA, 2013; SAMBUICHI *et al.*, 2014).

O segundo programa é o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), surge para agregar com o PAA, mesmo que sua existência seja anterior à década de 1950, com planejamento de disponibilizar merenda escolar. Mas foi em 1955, por meio do Decreto 37.106, assinado pelo então presidente da República Juscelino Kubitschek, o qual institui a companhia da Merenda Escolar para alunos de educação pública. Em 2009 ocorreram mudanças significativas (SAMBUICHI *et al.*, 2014), o art. 4º da Lei nº 11.947 refere-se ao Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, o qual tem o objetivo em:

[...] contribuir para o crescimento e o desenvolvimento biopsicossocial, a aprendizagem, o rendimento escolar e a formação de hábitos alimentares saudáveis dos alunos, por meio de ações de educação alimentar e nutricional e da oferta de refeições que cubram as suas necessidades nutricionais durante o período letivo (BRASIL, 2009).

A estruturação do programa visa a aquisição de alimentos produzidos regionalmente na merenda escolar, possibilitando o desenvolvimento territorial, econômico e sustentável (ROSSETTI; WINNIE; SILVA, 2016). Tal alteração garantiu que, no mínimo, 30%

dos repasses do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)³ sejam destinados à aquisição de produtos da agricultura familiar da região, priorizando assentamentos de reforma agrária, comunidades tradicionais, indígenas e comunidades quilombolas (BRASIL, 2021). Além disso, a exemplo do PAA, o PNAE passou a fortalecer a compra de produtos agroecológicos e orgânicos, a fim de colaborar cada vez mais com a segurança alimentar e nutricional (SAMBUICHI *et al.*, 2014).

Além da importância da agricultura familiar para a política de segurança alimentar e nutricional dos indivíduos. Esse formato de produção é responsável pelo abastecimento de alimentos para o mercado interno, por meio da variação na produção de alimentos, garantindo a preservação dos alimentos tradicionais, o uso sustentável dos recursos naturais e por impulsionar a economia local, o que demonstra o potencial para a geração de empregos e manutenção da permanência do homem no campo (HEBERLÊ *et al.*, 2017; CRUZ *et al.*, 2020).

Para demonstrar essa importância, a Tabela 7 a seguir, compara os dados da agricultura familiar e não familiar presentes no Censo Agropecuário de 2006 e 2017.

Tabela 7 – Dados da Agricultura familiar e não familiar (Censo Agropecuário de 2016 e 2017)

Características	Censo Agropecuário de 2006				Censo Agropecuário de 2017			
	Agricultura Familiar		Agricultura não familiar		Agricultura Familiar		Agricultura não familiar	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Número de estabelecimentos	4.366.267	84%	809.369	16%	3.897.408	77%	1.175.916	23%
Área dos estabelecimentos (hectares)	80.102.694	24%	253.577.343	76%	80.891.084	23%	270.398.732	77%
Pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários	12.323.110	74%	4.245.095	26%	10.115.559	67%	4.989.566	33%

Fonte: Adaptado de IBGE (2021a); IBGE (2021b).

Observa-se na Tabela 7 que, tanto no Censo Agropecuário de 2006 e 2017, a agricultura não familiar deteve a maior parcela referente à área dos estabelecimentos agropecuários. E mesmo, a agricultura familiar não detendo a maior parcela de área, teve maior parcela de pessoas ocupadas nesses estabelecimentos, em ambos os Censos apurados, o que revela a importância da agricultura familiar.

³ Responsável pela assistência financeira, coordenação, acompanhamento e fiscalização da execução do programa, além de avaliar a sua efetividade e eficácia (BRASIL, 2021).

No mundo, a nova etapa monopolista liderada pelos Estados Unidos, após a crise de 1929, se espalhou globalmente, fazendo com que surgissem regiões industrializadas, como foi o caso do Brasil. No entanto, tal movimento fez uma contribuição maior para entender a distância econômica e social entre os dois grupos de países, desenvolvidos e emergentes (GIL; FERNANDES, 2005). Deste modo, partindo para as terras brasileiras, a divisão do território nacional desencadeou na desigualdade regional, se fazendo necessário o entendimento das particularidades de cada região. Como destacam Gil e Fernandes (2005, p.80) se tornou relevante naquele momento, “estudar cada caso, pois se constitui numa forma eficaz de se analisar as relações entre território e desenvolvimento, identificando as potencialidades e os entraves ao desenvolvimento, se o que se pretende é disponibilizá-lo a um número crescente de pessoas.”

Ainda para discutir a agricultura familiar, deve-se citar alguns gargalos enfrentados pelos agricultores, por exemplo, a dificuldade de produção, escoamento de sua produção, bem como a qualidade de vida no ambiente rural (BEZERRA, SCHLINDWEIN, 2017). Ou ainda, como citam Buainain, Romeiro e Guanziroli (2003), a agricultura familiar também maneja sistemas produtivos modernos, o que acarreta em custos elevados de manutenção/depreciação dos equipamentos e instalações, bem como a restrição de acesso aos mercados e ao crédito.

Galvão (2017) cita que os agricultores familiares já conviveram e convivem com vários limites ao seu desenvolvimento, o que faz com que tenham que recorrer ao trabalho assalariado externo, com a finalidade de completar a força de trabalho familiar que é demandada pela exploração da propriedade rural ou ainda, pelo seu próprio assalariamento ou de familiares, para ingresso de renda complementar.

Mesmo diante de tais gargalos enfrentados, percebe-se que há uma crença de que tal agricultura possui poucas chances de sobrevivência no mercado atual, tanto por questões econômicas, sociais e familiares. Contudo, os dados atuais revelam uma esperança no setor, considerando uma atividade cada vez mais promissora (SOUZA, 2013).

Cita-se, por exemplo, a atividade agropecuária da região da Nova Alta Paulista, a qual foi uma das últimas regiões a serem ocupadas no estado de São Paulo e que passou por grandes transformações em decorrência da crise do café, algodão e pecuária, o que fez com que os agricultores construíssem novas estratégias para a inserção de seus produtos no mercado (LOURENZANI *et al.*, 2008). Considerada também como uma das regiões mais carentes do estado, é formada pela maioria de estabelecimentos rurais familiares, a agricultura é considerada como a principal atividade econômica da região (MOCHIUTI *et al.*, 2011).

Na região da Nova Alta Paulista, encontra-se o município de Tupã, que de acordo com Mochiuti *et al.* (2011), surgiu em virtude do progresso do café e chegou a ser um dos mais prósperos do país, contudo, logo após o encerramento do ciclo de riquezas dessa cultura, sofreu um período de transformações e adaptações na agropecuária. As culturas do algodão, amendoim e o gado, passaram a ser a nova moeda da região, bem como o trem, a industrialização da carne, do amendoim e do algodão que delimitaram o progresso da cidade, ligando-a às regiões noroeste, sorocabana, norte do Paraná e Mato Grosso (MOCHIUTI *et al.*, 2011; PINTO *et al.*, 2012).

Os municípios dessa região também apresentam características geográficas, sociais e econômicas bastante similares entre si, além de aptidões de clima e solo para a atividade agropecuária. Contudo, a região apresenta-se carente em organização e coordenação das cadeias produtivas, ou seja, existem cadeias produtivas com um elevado nível de coordenação e eficiência, mas também há a presença de cadeias sem coordenação e com elevado nível de assimetria de poder entre os seus agentes (LOURENZANI *et al.*, 2006; PINTO *et al.*, 2012).

A partir do estudo de Pinto *et al.* (2012), verificou-se que a região se beneficia da organização dos produtores rurais e do desenvolvimento da agricultura familiar, como é o caso da produção de acerola em algumas cidades da região. Tal atividade é importante para a geração do aumento de renda, manutenção do homem no campo e bem-estar social, o que contribui para o desenvolvimento local e regional. Ainda de acordo com o estudo de Lourenzani *et al.* (2008), a fruticultura na região, é indicada como uma atividade que apresenta como uma alternativa para produtores da agricultura familiar, sendo um importante setor empregador de mão-de-obra no campo, evitando o êxodo rural e o aumento da pobreza no ambiente rural.

Além disso, Mochiuti *et al.* (2011), citam a necessidade dos agricultores em ampliarem a renda proveniente da atividade rural, para que possam permanecer no campo, logo, tais indivíduos passam a dedicar-se a diferentes atividades agrícolas ou não-agrícolas, podendo ser praticadas dentro ou fora das propriedades. Tal fenômeno ficou conhecido pelo termo pluriatividade.

Logo, existem diversas formas e combinações para o sucesso do estabelecimento rural familiar, sendo possível e necessário, o respeito às novas formas de gestão, posicionamento do Estado e da sociedade civil, para que possam contribuir para o fortalecimento e desenvolvimento de novas alternativas à geração de empregos, renda, promoção e manutenção da qualidade de vida no ambiente rural e urbano (MOCHIUTI *et al.*, 2011).

As comunidades rurais familiares são geralmente patriarcais em termos de gênero e relações intergeracionais, o que se reflete na disciplina rígida e na ênfase cultural no respeito pelas gerações tradicionais, o que é comum nas sociedades camponesas em todo o mundo (STEARNS, 2006). Bem como, há também a necessidade de reflexão sobre a próxima geração de pessoas rurais, especificamente sobre o problema da geração na agricultura, visto que as sociedades agrárias tradicionais são tipicamente locais de patriarcado nas relações de gênero e geração, o que reflete em padrões de disciplina severa e ênfase cultural no respeito pela geração mais antiga (WHITE, 2012).

3.3.1 Sucessão familiar no agronegócio

O ambiente rural, na atualidade, tem sido modificado por seus alcances à modernidade. Nos últimos 40 anos, a literatura tem registrado os fundamentos desta mudança, tanto pela redução de trabalhadores no campo como pela necessidade de apropriação da tecnologia nas propriedades rurais. Tem se discutido como o número de população vem diminuindo no mundo todo na agricultura, devido à migração para o meio urbano. O êxodo rural se tornou uma preocupação mundial, visto que os indivíduos não estavam apenas se deslocando do ambiente rural para o urbano, mas partindo para outras profissões e atividades remuneradas (BRANDEMBURG, 2010).

De acordo com o autor, a análise da sociedade rural mostra que de um lado há a grande propriedade e de outro a pequena propriedade familiar, as quais estabelecem a sustentação da organização social característica de tal meio. Observa-se que a grande propriedade deu origem às unidades sociais que formaram organizações quase completas no atendimento às necessidades da vida material e social (HOLANDA, 1978). Já nos locais que se constituíam as pequenas propriedades, foram surgindo os núcleos coloniais, comunidades e bairros rurais (CANDIDO, 1975; QUEIROZ, 1973) e, nesses ambientes, foram constituídos os primeiros espaços de sociabilidade fora do âmbito familiar.

Tal sociabilidade é importante, especialmente em face do distanciamento rural do centro urbano. A distância física entre as propriedades rurais e a cidade e, até pouco tempo, a distância também dos meios de comunicação, locomoção e trabalho, revelavam a disparidade do campo em relação à cidade. Tal diferença também pode ser observada na alimentação, dado que o homem do campo criou uma relação com a natureza que o fez desenvolver práticas de coleta e mecanismos de exploração dos recursos naturais, levando a agricultura familiar a

desenvolver práticas de manejo da terra a fim de obter maior fertilidade com a utilização de insumos naturais (BRANDEMBURG, 2010).

Contudo, a sociabilidade comunitária, antes alcançada por meio de relações de vizinhança e confiança, sofrem transformações a partir de relações societárias. As unidades de produção familiar, antes focadas na subsistência, passam a produzir para o comércio, além de adquirirem produtos industriais, até mesmo para a alimentação. Portanto, a comunidade se adapta ao modo de vida em que estão presentes técnicas da sociedade, de modo que a vida social em comunidade se organiza em torno de uma nova tradição. Nesta nova tradição, o camponês tem um rompimento com a vida comunitária rural, passando a se integrar à sociedade urbana, num processo de urbanização rural (BRANDEMBURG, 2010).

A urbanização rural é fundamentada nas modificações dos meios de transporte e de comunicação. Esta rompe com o isolamento do modo de vida tradicional, trazendo novas oportunidades que aproximam o rural do urbano, as quais facilitam o acesso da sociedade rural aos produtos e serviços ofertados na cidade (REDIN *et al.*, 2013).

O fenômeno de aproximação do campo com a cidade pode ser observado nos dados referentes às dinâmicas populacionais rurais. Segundo o IBGE (2010), no período de 1960 a 1970, a população rural no Brasil cresceu 6%. Já nos anos de 1980 a 2010, observa-se que a população camponesa sofreu uma diminuição de aproximadamente 32%, o que confirma a urbanização do campo. Dados do IBGE (2017) ressaltam que é evidente a redução da população rural, por meio de um êxodo rural, nas últimas décadas. Com base nos dois últimos censos, verificou-se que a proporção da população geral do Brasil residente em regiões rurais diminuiu de 15,64%, em 2010, para 7,3%, em 2017 (IBGE, 2010; IBGE, 2017).

Essa reconfiguração demográfica afeta tanto o ambiente rural como o urbano, pois as cidades precisam absorver este contingente populacional e se reestruturar. Contudo, o esvaziamento do ambiente rural, provoca escassez de mão de obra, a concentração e o aumento do tamanho das propriedades. Dessa forma, esses fatores quando analisados em longo prazo, podem comprometer a implantação de novos projetos (MOREIRA *et al.*, 2018).

De acordo com Santos e Araújo (2020) pode-se dizer que o êxodo rural afeta a sucessão geracional no campo. O movimento de sucessão geracional nas propriedades rurais é característico dos mercados rurais, e este processo está relacionado à identidade cultural e à existência de potenciais sucessores, pois se sabe que a falta de herdeiros resulta no envelhecimento da população rural. Devido a tais fenômenos, os sucessores devem ser inseridos no trabalho da agricultura e desempenhar funções de acordo com a divisão familiar. No entanto, Coradini (2015, p. 2) ressalta que “a lógica de reprodução se encontra ameaçada à medida que

os jovens agricultores familiares formulam projetos profissionais e de vida que rompem com a continuidade na atividade agrícola [...]”.

Ainda de acordo com o autor, após esse rompimento com a atividade agrícola, existe uma crise na sucessão geracional da agricultura familiar. Logo, na juventude desses indivíduos, emergem os conflitos e tensões acerca da manutenção do modo de vida, que pode negar ou reafirmar a tradição cultural que lhe foi passada por meio do processo de socialização. E ainda, a decisão sobre seu futuro, realizando avaliações e representações sobre o universo rural e urbano, bem como o trabalho agrícola e não agrícola (CORADINI, 2015).

O ambiente urbano torna-se mais atrativo para os jovens rurais, bem como o acesso dos mesmos às informações e às tecnologias de comunicação. A variável sociocultural também sofre influência de variáveis políticas e econômicas, estimulando os jovens ao êxodo rural, além dos desafios e possibilidades proporcionadas pelos grandes centros urbanos. Como consequência, há a necessidade de construção de projetos para conciliar o dinamismo das cidades com as necessidades contemporâneas do desenvolvimento rural (MOREIRA *et al.*, 2018).

Antigamente, até meados de 1970, o processo de sucessão geracional na agricultura, era realizado mais pela tradição cultural do que pela lei, ou seja, uma parte da família era responsável pela sucessão, sendo que muitas vezes, um filho mais velho era priorizado para a unidade de produção da sucessão familiar. Desta forma, o ofício de agricultor era passado de pai para filho (KISCHENER; KIYOTA; PERONDI, 2015). Os autores ainda citam alguns fatores que influenciam a sucessão geracional, por exemplo, a questão histórica, o gênero dos sucessores, a renda oriunda da atividade agrícola, escolaridade, projeto de vidas dos jovens no campo, sociabilidade urbana, a influência da comunidade e a forma do trabalho realizado na atividade rural.

E com a modernização no ambiente rural, inicia-se a conformação de novos padrões de sociabilidade, sendo que as gerações mais recentes passam a ter maior acesso à educação do que os seus pais. Por sua vez, o modo de vida e os valores culturais urbanos, chegam de forma mais rápida ao ambiente rural (KISCHENER; KIYOTA; PERONDI, 2015).

Além disso, o meio rural não pode ser generalizado como um ambiente marcado pelo atraso e distanciamento das tecnologias, visto que atualmente há uma grande proximidade dos jovens agricultores com as tecnologias da atualidade, bem como o domínio dos meios de comunicação em massa (CORADINI, 2015). O ambiente rural ainda sofre algumas transformações, decorrentes, por exemplo, de questões demográficas, que envolvem a redução das taxas de fecundidade e a sucessão geracional, nas quais são impactadas pela falta de

interesse do jovem em não permanecer no campo (OLIVEIRA; MENDES, VASCONCELOS, 2021).

O jovem agricultor passa a ser caracterizado como um indivíduo que tem acesso a qualquer tipo de informação, até mesmo do meio urbano, apropriando-se e fornecendo produtos culturais e valores. Outro ponto que merece destaque no perfil do jovem agricultor, é com relação à educação, o qual revela a ambição em continuar os estudos por meio de uma formação no nível superior e por outro lado, impõe a recusa desses jovens em não permanecerem na atividade agrícola (CORADINI, 2015).

Matte e Machado (2016) apontam algumas das consequências provenientes da ausência dos jovens sucessores no ambiente rural, que são:

[...] a não continuidade das propriedades e das atividades produtivas desenvolvidas em seu interior; um crescente esvaziamento demográfico, econômico e cultural das propriedades e das comunidades rurais; aumento da população urbana; masculinização rural (migração feminina superior à masculina); dificuldade de constituição de novas famílias no meio rural (dificuldade de casamentos); falta de mão de obra; envelhecimento da população rural; pais sem amparo na velhice; mercado interno brasileiro diretamente afetado por reduzir a produção de alimentos que o abastecem; expansão de monoculturas (soja, silvicultura); domínio de área por poucos proprietários (monopólio); descaso com as populações que permanecem no meio rural (marginalizadas); entre tantas outras implicações (MATTE; MACHADO, 2016, p. 135).

Coradini (2015) em seu estudo evidenciou que, na visão dos jovens, existe uma associação do trabalho agrícola como sendo um trabalho com insalubridade, com baixas compensações financeiras e problemas decorrentes da instabilidade das variações climáticas. E essa visão negativa, se deve ao resultado da observação do modo de vida de seus pais, se configurando ainda como um fator determinante para o planejamento de projetos profissionais relacionados a outras atividades.

As dificuldades encontradas no ambiente rural, bem como as incertezas, a existência de mais de uma geração na mesma propriedade, são os principais motivos para a saída dos jovens das propriedades rurais (BREITENBACH; CORAZZA 2019). Assim como é destacado no estudo de Breitenbach e Troian (2020), os principais fatores foram:

[...] dificuldades e incertezas da atividade agrícola para 72,9% dos jovens; baixa valorização deste trabalho para 71,2%; e, escassos espaços de lazer relacionados a reunião de pessoas, acesso à internet e demais atrações mais acessíveis ao meio urbano, apontado por 62,7% dos jovens entrevistados. Por fim, a penosidade do trabalho agrícola (55,9%) e os aspectos relacionados diretamente a sucessão na propriedade como passagem de patrimônio de “pai para filho” ser feita tardiamente (52,5%) e a consequente existência de até três gerações (avô, pai e neto) convivendo

na mesma terra/propriedade (45,8%), também interferem na decisão de sair do campo (BREITENBACH; TROIAN, 2020, p. 33).

Kischener, Kiyota e Perondi (2015), ainda, citam que a permanência no campo já não é mais atrativa do ponto de vista de quem precisa despendar muito esforço físico para a realização da atividade agrícola e também, por não ter as “regalias” de uma jornada de trabalho de oito horas, como ocorre no ambiente urbano. Outro ponto que influencia a sucessão geracional no ambiente rural é uma relativa masculinização nesse ambiente, evidenciado pelo êxodo rural de jovens moças. Tal ocorrência desse fenômeno se deve:

[...] a condição de subalternidade da mulher nas relações familiares, a desvalorização das atividades que desempenham na agricultura familiar, a indivisibilidade do trabalho doméstico e o pouco espaço destinado a elas na atividade agrícola comercial, na qual são vistas apenas como “auxiliares” (KIYOTA; PERONDI; VIEIRA, 2012, p. 196).

O que é confirmado no estudo de Breitenbach e Corazza (2019), as jovens moças em sua maioria, não pretendem permanecer no ambiente rural, possuem menos interesse em serem sucessoras e em serem gestoras das propriedades rurais familiares. Além disso, são menos incentivadas pelos pais a permanecerem no ambiente rural e participam menos das decisões relacionadas à propriedade.

Os autores ainda observaram diferença entre os gêneros, pois os jovens homens têm significativamente maior envolvimento nas atividades rurais, tanto em atividades gerenciais como de produção agropecuária, possuem maior interesse em continuarem no ambiente rural e recebem maior incentivo dos pais, o que impacta na decisão em permanecer ou não no ambiente rural (BREITENBACH; CORAZZA, 2019).

Por outro lado, alguns jovens consideram a permanência no ambiente rural como uma ótima alternativa ou muitas vezes, como a melhor alternativa para o seu futuro. Tal decisão desses jovens, é proveniente do modo de condução da unidade de produção realizado pelos seus pais, a qual apontou a melhoria da qualidade de vida, diminuição da penosidade do trabalho rural, reconhecimento do trabalho e a procura por diferenciação produtiva (KIYOTA; PERONDI; VIEIRA, 2012).

Matte e Machado (2016) ainda apontam que as propriedades “maiores” e com melhores rendas, são conseqüentemente, as mais propensas a encontrarem e garantirem a sucessão geracional, diferentemente das propriedades de agricultores familiares, evidenciando assim, que fatores econômicos conjuntamente com outros elementos, exercem importante papel na decisão de jovens permanecerem no ambiente rural.

Suess-Reyes e Fuetsch (2016), por sua vez, citam que o futuro da agricultura familiar, também depende do sentimento de apego da família e principalmente, dos membros da próxima geração com a intenção de levar adiante a propriedade da família. Podendo diversificar também a atividade principal da propriedade, aumentando a sustentabilidade econômica e social da agricultura familiar e aumentando a motivação da família em continuar a tradição agrícola, com probabilidade de sucessão intrafamiliar.

Além disso, aspectos subjetivos como a ligação emocional e os laços familiares possuem importante influência para a permanência dos jovens no ambiente rural e no interesse em serem sucessores (BREITENBACH; CORAZZA 2019). Pessotto *et al.* (2019), ainda destacam que o incentivo recebido pelos proprietários da empresa familiar aos potenciais sucessores, o nível de mecanização da atividade e o aumento na receita da propriedade, são variáveis que contribuem para a permanência dos sucessores no ambiente rural.

Na pesquisa de Bertoni e Cavicchioli (2016), ao analisarem os determinantes para sucessão da agricultura familiar em produtores de horticultura italiana, concluíram que as características territoriais e socioeconômicas da região da propriedade, são fundamentais para o potencial sucessor decidir assumir o controle da propriedade, além disso, fatores tradicionais também possuem relação significativa com a probabilidade de sucessão geracional.

3.3.2 Caracterização das gerações presentes no agronegócio brasileiro

Os dados demográficos sobre a população brasileira evidenciam a continuidade dos processos migratórios campo-cidade nas últimas décadas. Entre os motivos apontados para a migração rural estão, de um lado, os encantos da cidade, principalmente em opções de trabalho remunerado, e, por outro lado, as adversidades da vida no campo e da atividade agrícola (CARNEIRO; CASTRO, 2007).

Com base no número de estabelecimentos agropecuários por sexo e idade de produtor do Censo Agropecuário de 2017, consideram-se integrantes dos habitantes do campo um total de 18,7% moradores do sexo feminino e 81,3% do sexo masculino (IBGE, 2021b). A geração predominante da agricultura brasileira é a geração X, com uma representatividade de 47% da população campestre (IBGE, 2021b). Estes indivíduos foram nascidos entre 1960 e 1980, época marcada pela instabilidade no emprego. Diante disso, a fidelidade à organização não garantia tão intensamente a estabilidade no trabalho, encaminhando-os a aprimorarem suas habilidades e competências para que tivessem preservada a empregabilidade (VELOSO; SILVA; DUTRA, 2012).

É importante ressaltar que os *Baby Boomers*, formada por nascidos entre 1940 e 1959, fizeram parte da ascensão da natalidade do país, além de acreditarem em famílias menos hierarquizadas e de estabeleceram aos filhos que participassem das decisões do ambiente familiar (OLIVEIRA, 2012). Esta geração representa um total de 42% da população campesina no território brasileiro (IBGE, 2021b).

Partindo para a geração Y, sabe-se que essa é cercada pela tecnologia, estando diretamente ligada com a instantaneidade da informação, o que torna os indivíduos dessa geração mais independentes. Os nascidos no período entre 1978 e 1995 geralmente ponderam a liberdade ao escolher a sua carreira profissional, buscando uma vida agradável (VELOSO; SILVA; DUTRA, 2012). No último censo agropecuário, em 2017, esta geração representava 9% da população do agronegócio, levando em conta o sexo feminino e o masculino (IBGE, 2021b).

A geração Z representa aproximadamente 2% da população campesina (IBGE, 2021b). Essa geração está em busca de novos desafios, mas também está ligada à dificuldade da interação social, uma batalha para se integrar nos diversos ambientes de sociabilidade, pois seu comportamento é influenciado pela grande quantidade de informações e interações, por meio da tecnologia de informação e comunicação (VELOSO; SILVA; DUTRA, 2012).

De acordo com Yusoff, Ahmad e Halin (2020), o setor agrícola continua a ser uma opção de emprego pouco atraente para as gerações mais jovens, sendo muitas vezes um setor dominado por uma comunidade mais envelhecida de agricultores e que não possuem as habilidades inovadoras necessárias para administrar uma nova e moderna indústria agrícola. Além disso, Tetteh, Spaulding e Ptukhina (2021), citam que existe uma necessidade de talentos na agricultura, juntamente com as mudanças nas expectativas de carreira da geração *Millenials*, o que se tem uma maior incerteza para os empregadores agrícolas e por consequência, na aquisição e retenção de talentos na área do agronegócio, se tornando mais um desafio.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise dos dados, ao se traçar o perfil das pequenas propriedades rurais da cidade de Tupã, pode-se observar que no geral a distância entre as casas e a cidade fica em torno de 10 km do centro urbano. Mesmo com tal distância, os entrevistados destacaram que esse fator não é considerado como um empecilho para se conectarem às atividades urbanas, além disso, percebeu-se que todos apresentam um meio de transporte.

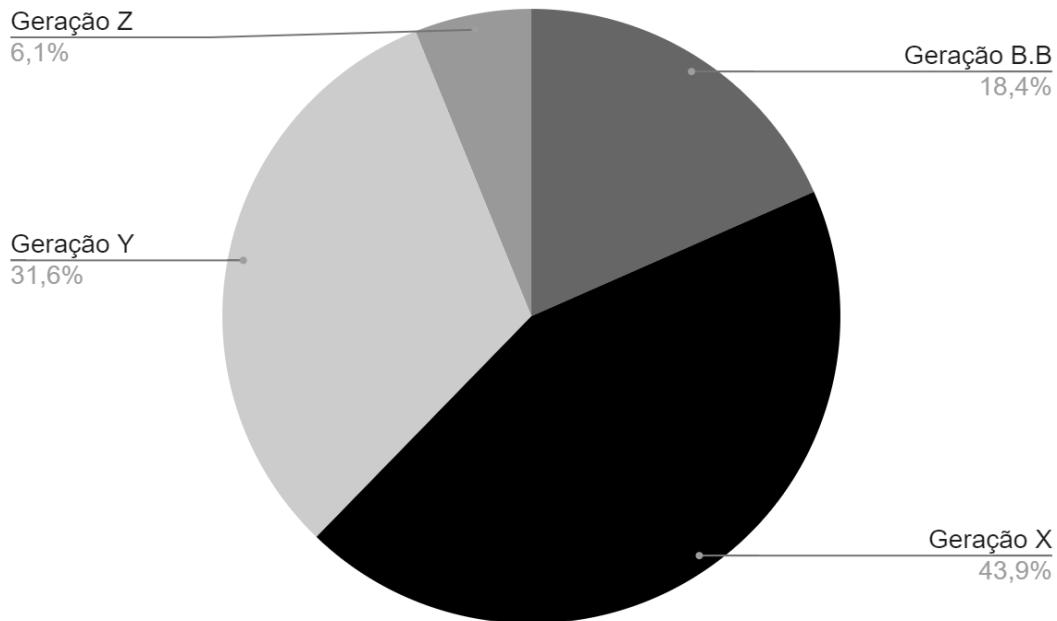
A respeito dos meios de locomoção, outra informação relevante, está presente no

transporte escolar para os estudantes, desde aqueles que frequentam a pré-escola até o ensino médio. Os respondentes mencionaram que o ônibus entra na propriedade rural para buscar e deixar a criança, e, caso algum morador for para a cidade e precisar de um transporte, também pode utilizar a condução. Esse fator, facilita o transporte aos moradores do campo, e o transporte permite o acesso à educação. Para aqueles que frequentam escolas ou faculdades no período noturno, um número bem expressivo, os moradores informaram que também há a disponibilidade de transportes, todos estes fornecidos pela Prefeitura da Estância Turística de Tupã, desde 2014 (TUPÃ, 2021).

Além da proximidade dos centros urbanos, a questão da conectividade, é uma realidade que está chegando para os moradores do campo. No entanto, as tarifas referentes aos serviços de *internet* são um pouco mais elevadas, do que aquelas contratadas para a área urbana. Uma vez que o proprietário tem que comprar uma torre de *internet*, e assim alugar para os seus vizinhos terem acesso. Grande parte dos respondentes sinalizou que estão filiados a uma rede de acesso à internet comunitária da região.

Com base nos questionários, a primeira questão identificou a faixa etária a que cada indivíduo pertence. O resultado da codificação apontou que a geração mais presente nas pequenas propriedades na cidade de Tupã é a geração X, conforme apresenta o Gráfico 2, com 44% do total da amostra. Um percentual aproximado dessa geração também foi identificado no território brasileiro, 47% da população campestre corresponde à geração X (IBGE, 2021b).

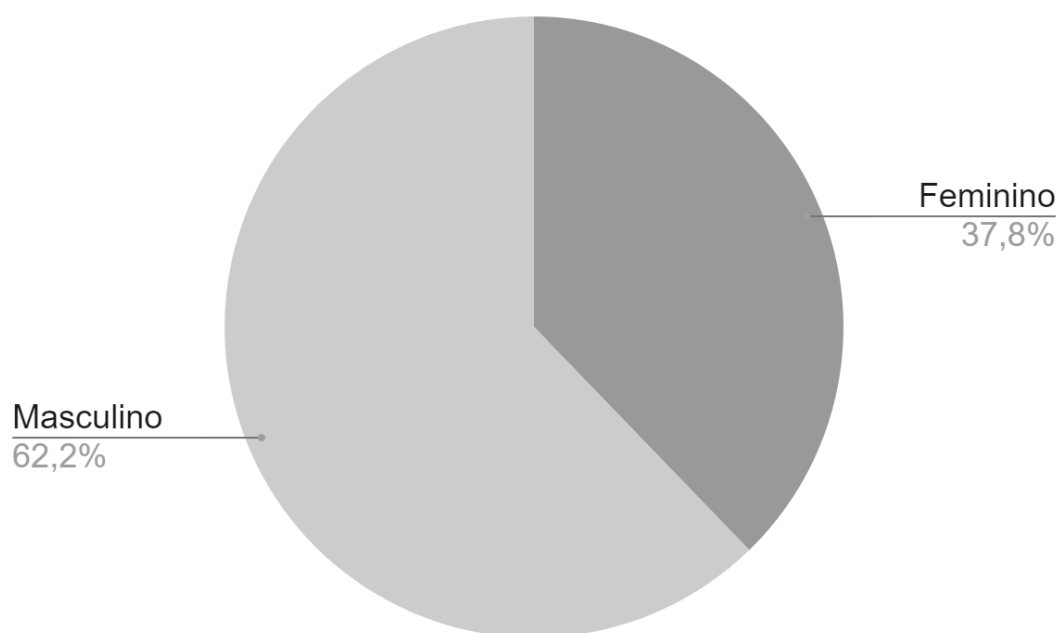
Já na contramão desse percentual, está a população referente à geração Z na ruralidade, foi possível identificar que apenas 6% do total de respondentes representam os nascidos após 2010. Por meio desse dado, compreende-se a tendência de diminuição da população rural, uma vez que os pais não têm sucessores presentes no campo para seguir com a atividade familiar.

Gráfico 2 - Gerações por Idade

Fonte: Elaborada pela autora.

Além do levantamento das gerações predominantes no campo, a respeito dos gêneros da população rural, apresentados no Gráfico 3 a seguir, que corresponde a segunda questão, verificou-se que mais de 60% são do sexo masculino, dentre os responsáveis pelas pequenas propriedades e os seus sucessores naturais, sendo este representado pelo filho mais velho que habita na propriedade. Conforme a tradição familiar dos antepassados, o primogênito era priorizado para a continuidade do negócio familiar, passando as responsabilidades de pai para filho (KISCHENER; KIYOTA; PERONDI, 2015).

Diante dos fatores expostos por estes autores, o gênero tem uma grande influência na sucessão rural, pois as mulheres que optam por continuarem na atividade rural mesmo que permanente ou temporariamente, se assemelham a formas de auxílio no trabalho dos homens, as mesmas pela cultura tradicional executam as tarefas domésticas ao mesmo tempo como discutido por Kischener, Kiyota e Perondi (2015).

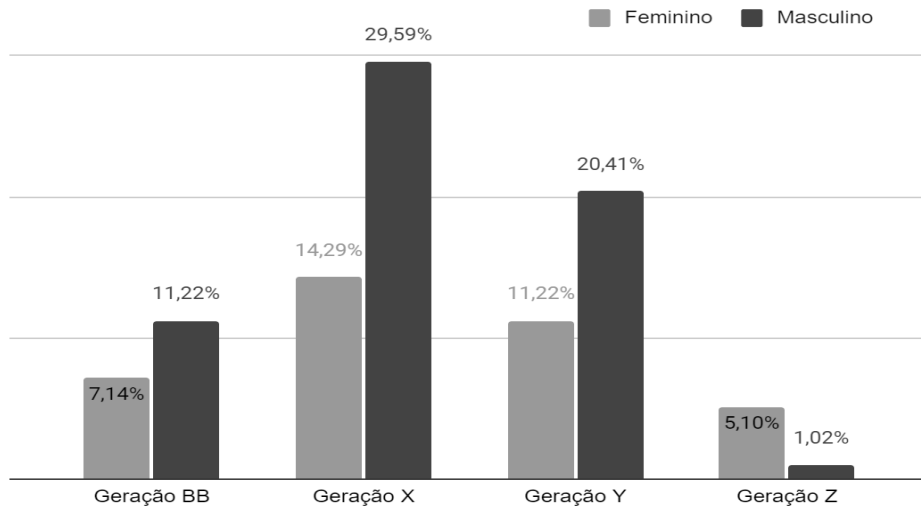
Gráfico 3 - Gênero dos proprietários e sucessores naturais

Fonte: Elaborada pela autora.

Cerca de 16% das mulheres proprietárias da terra neste estudo, 15% são herdeiras, isso ocorreu diante de falecimentos ou fatores relacionadas à invalidez do cônjuge, e atuam com ajuda de parentes e filhos homens, sendo que apenas 1% está no comando da terra porque obteve a sucessão rural na família e ela assumiu o comando da atividade rural. Enquanto os homens representam 84% dos dirigentes das pequenas propriedades rurais, confirmando que a maioria da permanência na atividade rural, é predominante do sexo masculino.

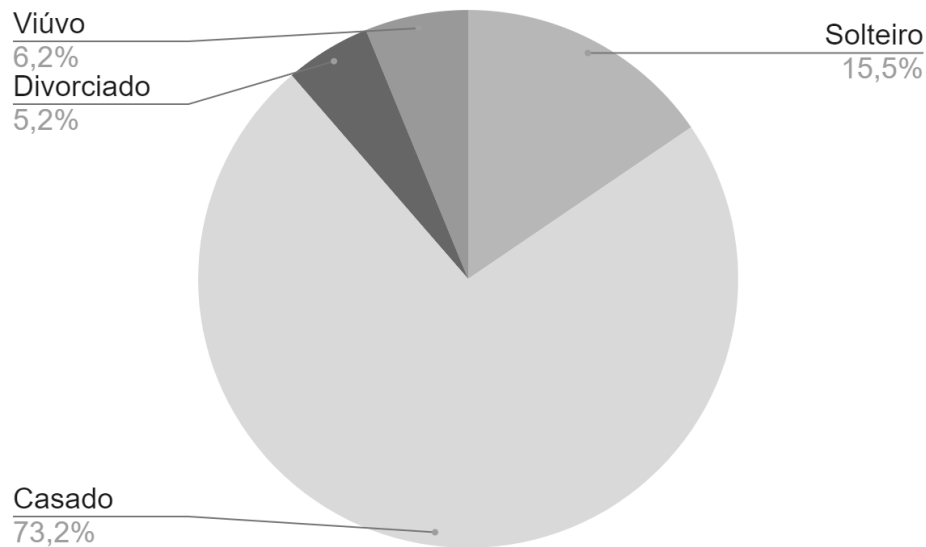
Portanto, a presença do sexo feminino como proprietária e sucessora natural das pequenas propriedades da cidade de Tupã como demonstrado no Gráfico 3, é um número elevado diante dos números das mulheres das propriedades de agricultura familiar do estado de São Paulo, com apenas 13% (IBGE, 2021b).

A respeito da relação entre as variáveis gênero e geração, como apresentado no Gráfico 4, percebe-se que em quase todas as gerações há a predominância do sexo masculino, com maior expressividade na geração X. No entanto, em se tratando da geração Z, que corresponde ao menor percentual da amostra, há uma expressividade de gênero feminino.

Gráfico 4 - Gênero e geração dos proprietários e sucessores naturais

Fonte: Elaborada pela autora.

Na questão sobre o estado civil atual dos respondentes, compreende-se que a maior parte da população campesina que compuseram a amostra é casada, apresentando mais de 70% do total, conforme o Gráfico 5.

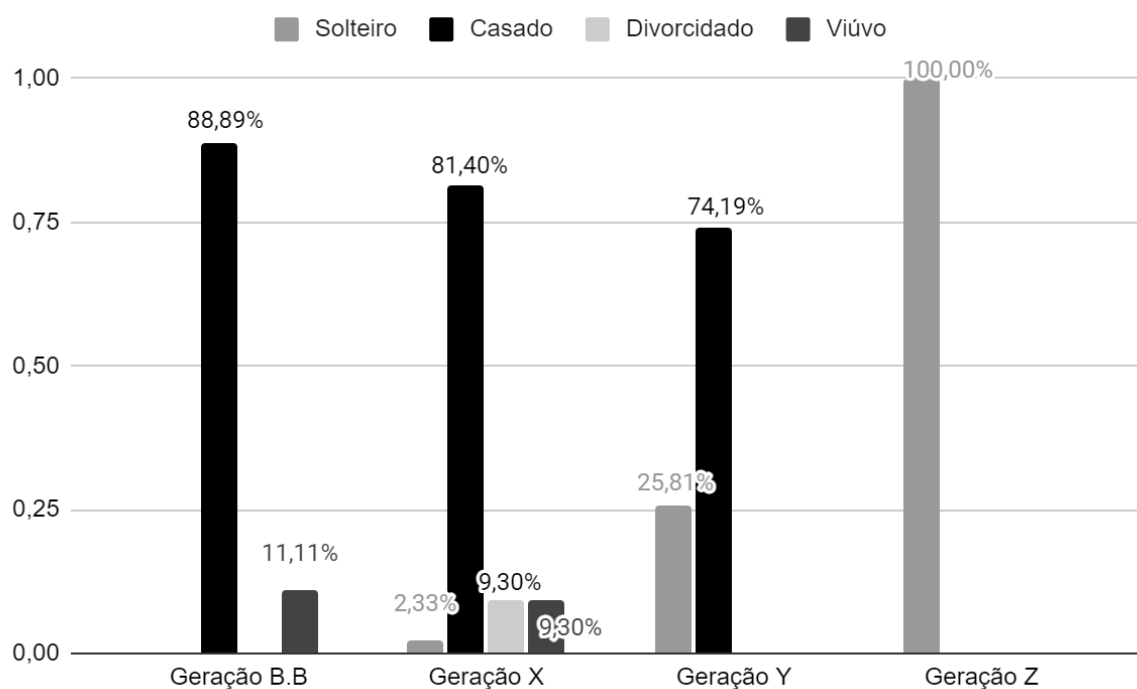
Gráfico 5 - Estado Civil dos proprietários e sucessores

Fonte: Elaborado pela autora

Observou-se um resultado contrário no estudo de Veloso, Silva e Dutra (2012) sobre o estado civil da população campesina, os autores trouxeram no trabalho uma alta taxa de divórcio presente na geração X, pode-se dizer que no campo essa teoria não se aplica. Uma vez

que existem outras questões e variáveis que diferem entre o meio urbano e o rural, por isso, esse resultado não reflete a amostra da geração X rural, como demonstrado no Gráfico 6. O número expressivo de divorciados aparece na geração Y, o que pode ter refletido com a maior aproximação dos centros urbanos.

Gráfico 6 - Estado Civil e Geração dos proprietários e sucessores naturais



Fonte: Elaborado pela autora.

As questões de número cinco e seis compreendem-se, respectivamente, sobre o tamanho da terra e o rendimento anual da produção, na Tabela 8 é possível verificar a relação entre as duas variáveis. De acordo com as respostas fornecidas pelos donos das pequenas propriedades, percebe-se que uma grande concentração de unidades apresenta um tamanho de até 20 hectares de dimensão com uma renda de até R\$25.000,00 anual. Além desta concentração, destacam-se outras grandes concentrações de unidades de propriedades em outros intervalos de dimensão e financeiro. Como o intervalo de propriedades que apresentam 61 hectares a 80 hectares, cujo montante anual ultrapassa R\$100.000,00.

Tabela 8 - Comparativo entre a renda anual e tamanho das propriedades

	até 20 hectares	de 21 hectares até 40 hectares	de 41 hectares até 60 hectares	de 61 hectares até 80 hectares
de R\$10.000 até R\$25.000	68,00%	30,00%	3,57%	6,67%
de R\$26.000 até R\$50.000	28,00%	16,67%	14,29%	0
de R\$51.000 até 100.000	0	36,67%	14,29%	66,67%
mais de R\$100.000	4,00%	16,67%	67,86%	26,67%

Fonte: Elaborada pela autora

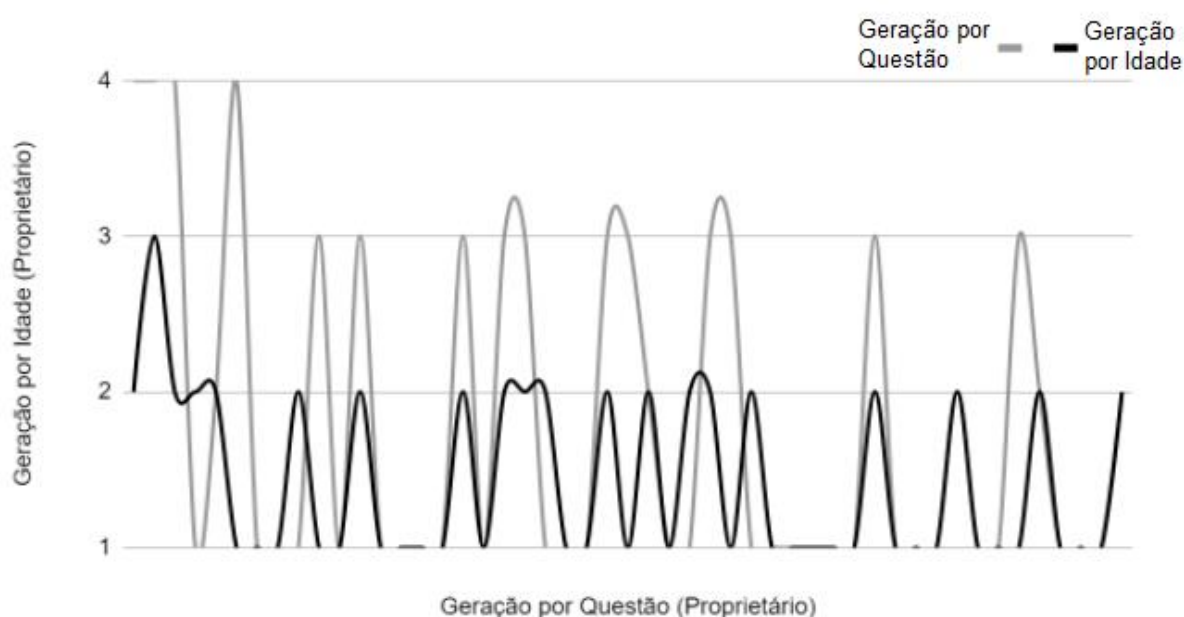
Percebe-se também, que algumas propriedades, relativamente pequenas de até 60 hectares, podem apresentar uma renda elevada, de até R\$100.000,00 no ano. Estas propriedades têm a predominância das culturas de gado de leite, mandioca e hortaliças. Observou-se também que os respondentes que estão neste intervalo apresentam o perfil mais tecnológico, visto o aumento do acesso à tecnologia - comunicação e conexão. Os donos dessas propriedades aplicam a tecnologia diretamente na produção, o que por sua vez, possibilita a maximização de lucros. Destaca-se ainda que 50% dos patriarcas contam com um sucessor para dar continuidade às atividades da família posteriormente.

Na mesma seara, sobre a tecnologia, foi possível identificar que quanto maior o tamanho da terra e a renda total, mais probabilidade de acontecer a sucessão rural, pois a maioria nessas condições tende a obter mais acesso à tecnologia. Com base em Foguesatto *et al.* (2020), confirma-se sua hipótese de que propriedades com maior infraestrutura e maior rentabilidade, tendem a ter mais chance de obter um sucessor geracional.

Com o intuito de identificar a geração correspondente para cada indivíduo, foram realizadas algumas perguntas, de acordo com suas respostas, sendo uma geração por alternativa. Para fins de análise, os dados correlacionando a variável geração por idade e geração por questão foram dispostos em dois gráficos distintos, dividindo-os entre proprietários e sucessores naturais. Assim, observa-se que em alguns casos, o comportamento do indivíduo difere do que seria do padrão perante a sua idade, quando isso ocorre, estes indivíduos são considerados como *outliers*. Em média, o desvio das gerações ocorre em apenas uma geração à frente ou anterior à do indivíduo, em sua maioria estão com características comportamentais das gerações contemporâneas.

O Gráfico 7 a seguir, apresenta as respostas dos patriarcas, a diferença geracional entre o ano de nascimento e o comportamento obtido através das respostas. Na maioria dos casos é sempre à frente da geração que ele pertence, algumas até chegando a ultrapassar duas gerações. Neste caso, conclui-se que o ambiente rural atual, está muito mais próximo e propenso ao estilo de vida urbana e conseqüentemente dos hábitos e costumes da cidade, os quais acabam influenciando na conduta de cada indivíduo, fazendo-os acompanhar cada geração.

Gráfico 7 - Comparativo entre Geração por Idade e Geração por Questão (Proprietário)

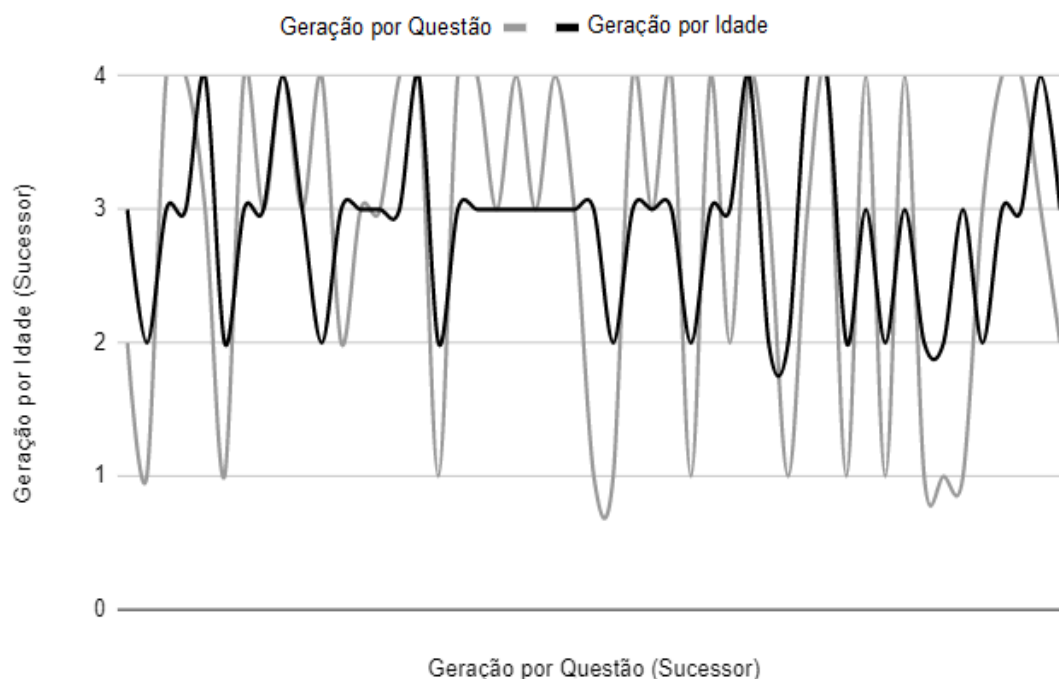


Fonte: Elaborado pela autora.

Para confirmar a variabilidade do comportamento das gerações, Coradini (2015, p. 7) ressalta que as gerações tradicionais tendem a se apropriar dos novos costumes contemporâneos, “a efemeridade das relações afetivas, a liberdade de escolha e mudança, típicas da modernidade, em alguma medida confrontam-se com os preceitos da velha moral, o que em algumas famílias pode levar a um ‘choque de gerações’.

Os sucessores naturais apresentados no Gráfico 8, por se concentrarem entre as gerações X (dois) e Y (três), a conduta destes é variada em relação aos proprietários, porém a pluralidade está propensa a se comportar como a geração posterior, e alguns estão se tornando mais conservadores.

Gráfico 8 - Geração por Idade x Geração por Questão (Sucessor Natural)



Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação às questões 13 e 14, sobre quantas pessoas viviam naquela propriedade agrícola e a quantidade de filhos, identificou-se que as famílias são formadas, em geral, por quatro a seis pessoas, e de dois a três filhos cada uma. Nas questões 15 e 21, foram tratadas as questões sobre as atividades desempenhadas na propriedade agrícola e que também foram passadas de pais para filhos.

Conclui-se que quase todos os casos as atividades rurais foram herdadas do pai, porém nem todos continuam com o mesmo produto de anos atrás, por conta dos fatores de rentabilidade, manuseio da terra e até divisão das terras em razão da herança que impactaram na mudança de atividade rural. Apenas 10% dos casos não foram passados de pai para filho, esses indivíduos iniciaram a vida rural há alguns anos por conta da flexibilidade e qualidade de vida que encontrariam no campo.

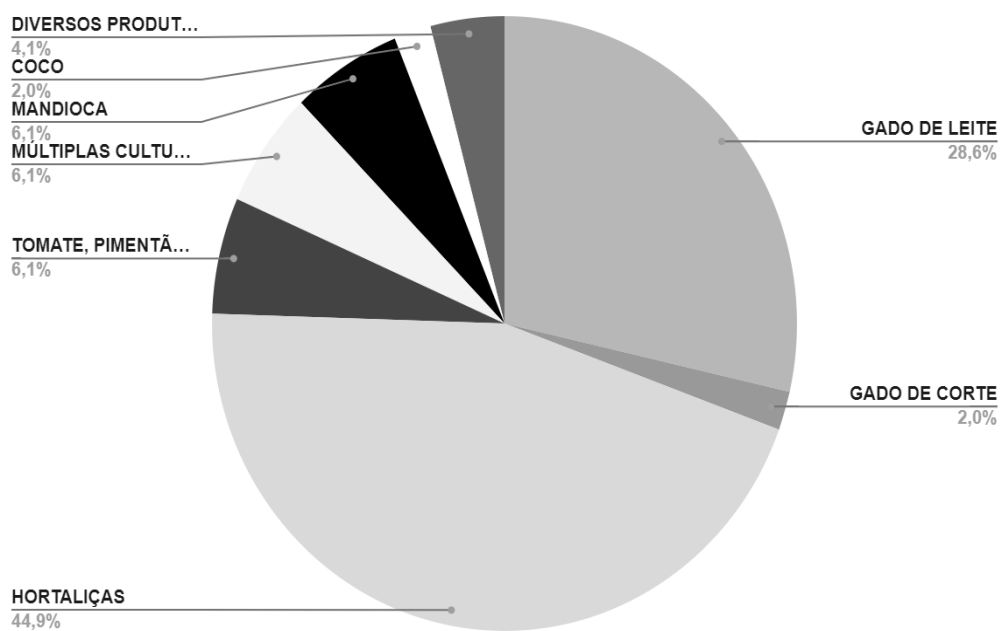
Na questão 20, analisando se há algum morador da propriedade que gostaria de sair da zona rural e deixar de ser produtor, além de migrar para a cidade, as respostas em média foram positivas para os jovens da geração Z, que são apenas 6% de todos os entrevistados, e os outros alegaram que hoje estão satisfeitos com sua moradia pelo fácil acesso à cidade e qualidade de vida do campo, mas que em tempos anteriores já pensaram em se mudar para a zona urbana. Confirmando a questão do intenso êxodo rural por parte dos jovens rurais, já que segundo Redin *et al.* (2013), os mesmos “têm abandonado o campo em busca de estudo ou

emprego com salário fixo e com direitos de previdência social respeitados.”

No Gráfico 9, explana-se sobre a variedade dos produtos agrícolas das pequenas propriedades rurais, sendo predominantes por gado de leite, onde eles vendem para laticínios da região e hortaliças em geral, sendo consumidos na região de Tupã e Marília, especificados em IGC (2021). Os produtores, em suma, vendem os litros de leite para Laticínio da cidade de Herculândia, Araçatuba e Marília, todos eles têm contratos a partir de um ano de fornecimento, mas alegaram que mudam de laticínio de acordo com os preços.

Já os produtores de hortaliças envolvem verduras e legumes, e vendem seus produtos diretamente em feiras e supermercados regionais, alguns deles possuem acordos com supermercados da cidade de Tupã e Marília, fornecendo duas vezes na semana as verduras frescas. Portanto, 80% desses produtores não participam de cooperativas e sim, praticam a venda direta por meio de contratos com pequenos e grandes mercados.

Gráfico 9 - Produtos agrícolas das pequenas propriedades rurais

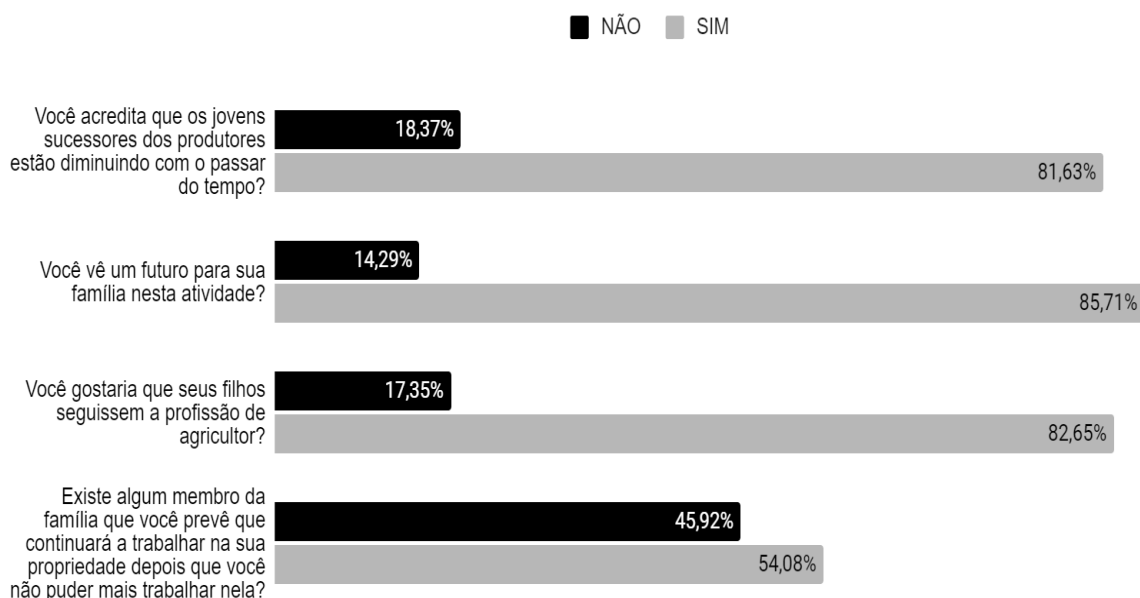


Fonte: Elaborado pela autora.

O futuro dos jovens na agricultura de pequeno porte perante aos olhares dos produtores é duvidoso, pois a grande maioria dos respondentes acredita que os sucessores estão diminuindo com o passar do tempo, e gostariam que houvessem sucessores na sua propriedade como demonstra no Gráfico 10. Brumer (2007) enfatiza que o trabalho pesado, a motivação

escassa e a falta de trabalho em equipe nas funções desempenhadas na propriedade, são variáveis apresentadas para ocorrer o êxodo rural por parte dos jovens. Porém, no Gráfico 10 é destacado que os proprietários esperam que tenham algum sucessor e confirmam a possibilidade de sucessão, com 54% das respostas.

Gráfico 10 - Questões sobre futuro da propriedade



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao cruzar os dados utilizando o *software Minitab*, observa-se que os indivíduos que não possuem tecnologia e estudaram até o ensino fundamental, se concentram na geração Y (3) e não vão continuar na propriedade rural, ao passo de que os que possuem tecnologia nesta mesma situação se aproximam da mesma geração Y. Quando os habitantes rurais possuem uma formação no ensino médio ou algum estudo além desse estágio, mas não possuem tecnologia, a geração que não irá suceder está mais próxima da geração Y, o cenário não tem grande alteração.

Logo, o que se torna destaque deste cruzamento de informações, é analisar quando os indivíduos que têm acesso à tecnologia e possuem uma formação igual ou maior que o ensino médio, estão entre as gerações *Baby Boomer* (1) e geração X (2) e não vão suceder o proprietário rural na família. Aqui se apresentam os dois extremos, partindo do pressuposto de que não irá dar continuidade nos negócios, convergindo com os fatores tecnologia e ensino. Percebe-se que todos estes fatores são determinantes para análise de uma sucessão rural.

Com relação aos indivíduos que assumirão a ruralidade, ao compor os fatores de

não utilização da tecnologia, ter estudado até o ensino fundamental, a geração que se destaca neste perfil é a X (2), não obtendo muita variedade àqueles que possuem a tecnologia. Bem como, indivíduos que utilizam tecnologia na propriedade, com estudos acima do ensino médio, não se distanciam da geração X. A oscilação maior com relação a sucessão ocorreu nestes parâmetros, sem tecnologia e com obtenção do ensino médio ou outros títulos acima, aproximando-se da geração Y (3), conforme apresentado na Tabela 9.

Tabela 9 - Sucessão x Tecnologia x Escolaridade

		Tecnologia		
		Escolaridade	Não	Sim
Sucessão	Não	Ens. Fundamental	3	2,77
		Ens. Médio, Técnico ou Superior	2,6	1,66
	Sim	Ens. Fundamental	2	2,25
		Ens. Médio, Técnico ou Superior	2,63	2,33

Fonte: Elaborado pela autora.

A primeira ANOVA realizada considera como classes ou tratamentos as gerações de acordo com as idades, buscando comparar as médias da variável “Geração por Questão” em cada classe. As Tabelas 10 e 11 mostram que as gerações *Baby Boomers* (1) e X (2) não tem diferença estatística, classes essas diferentes das classes da geração Y (3) e Z (4), com valores maiores das médias (Gráfico 11).

Tabela 10 - Resultados da ANOVA para a variável “Geração por Questão”

Fonte	GL	SQ (Aj.)	QM (Aj.)	Valor F	Valor-P
Geração por idade	3	66.79	222618	24.79	0.000
Erro	94	84.41	0.8980		
Total	97	151.19			

Fonte: Elaborado pela autora.

A geração *baby boomer* (1) ficou mais próxima das médias 1,3 e 2, representando certa coerência entre idades e questões. Com mais assertividade, a geração X (2) com base em suas respostas, confirmam que se comportam e pensam de acordo com os fatores que os autores estabelecem para elas. E as gerações Y (3) e Z (4), ficaram entre as médias 3,3 e 3,6, demonstrando semelhanças e pouca variação entre elas com base em suas respostas.

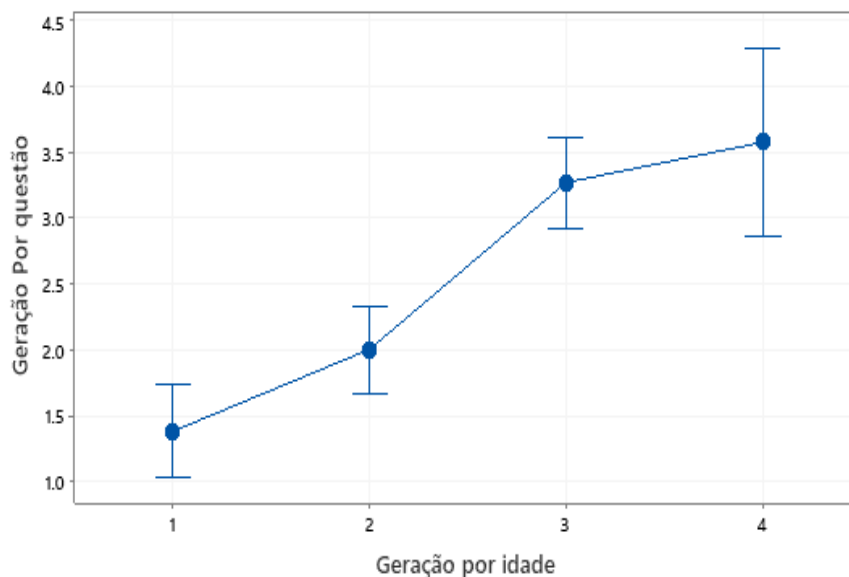
Tabela 11 - Comparação das médias da variável “Geração por Questão”

Geração por idade	Média	
1	1,379	B
2	2,000	B
3	3,267	A
4	3,571	A

Legenda: Médias que não compartilham uma letra são significativamente diferentes.

Fonte: Elaborado pela autora.

Logo, tais dados apontam que os indivíduos da geração *Baby boomer*, possuem coerência com as características dessa geração, além disso, o mesmo ocorre para a geração X. Já a geração Y e Z, os resultados da ANOVA, apontaram que houveram semelhanças entre os respondentes dessas gerações.

Gráfico 11 - Intervalos de “Geração por questão” versus “Geração por idade”, com intervalo de confiança de 95% para a Média

Fonte: Elaborado pela autora.

As demais análises de variância são estabelecidas a partir de dois conjuntos de dados: Baixa Escolaridade e Escolaridade Mínima (Tabela 12). Percebe-se que, para a Escolaridade baixa, a diferença entre a variável Sucessão é encontrada. Neste caso, para uma ausência de sucessão, tem-se valores da variável “Geração por Questão” mais altos.

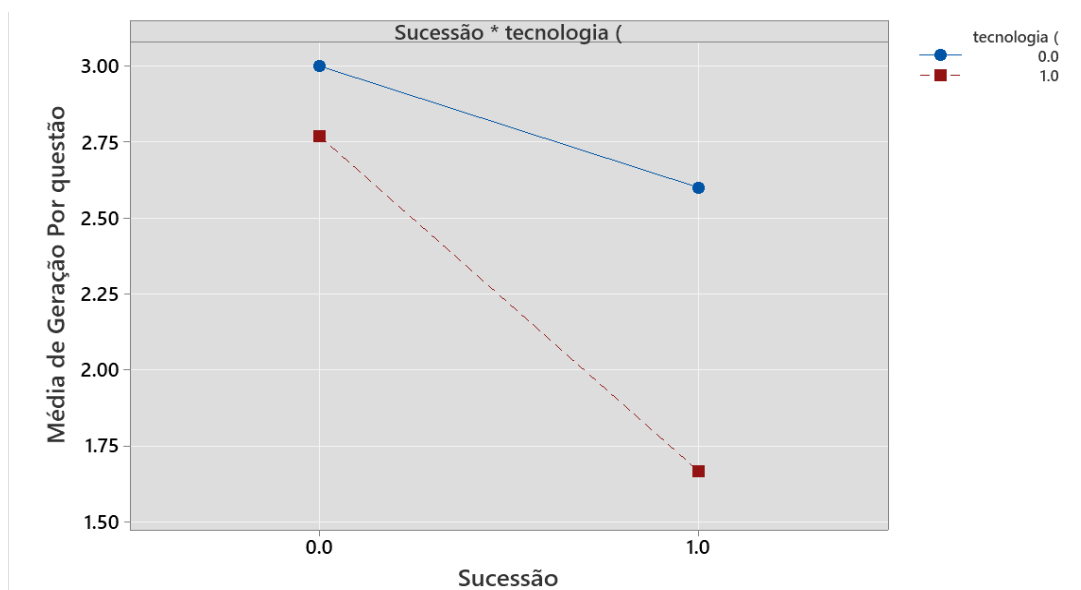
Tabela 12 - Resultados das ANOVA's em ambas Escolaridades para variável "Geração por Questão"

	Fonte	GL	SQ (Aj.)	QM (Aj.)	Valor F	Valor-P
Escolaridade 0	Sucessão	1	8,0369	8,0369	5,35	0,027*
	Tecnologia	1	2,6673	2,6673	1,78	0,192
	Resíduos	33	496	1,5021		
	Total	35	596,389			
Escolaridade 1	Sucessão	1	8,683	8,6828	0,57	0,455
	Tecnologia	1	7,69	7,691	0,05	0,824
	Resíduos	59	905	1,535		
	Total	61	915,484			

Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico de interação 13 permite observar que a sucessão está diretamente relacionada à tecnologia, interpreta-se como 0, não possui tecnologia ou não irá suceder a propriedade rural e 1, aqueles que fazem o uso da tecnologia e vão ficar no campo. Os indivíduos das gerações tradicionais apresentam possuir a mesma, tendem a dar continuidade na propriedade, partindo do pressuposto que a maioria é da geração X (2). Àqueles que não irão suceder seus patriarcas e têm acesso à tecnologia, se aproximam da Geração Y (3). Quando os entrevistados não possuem tecnologia, em sua maioria da Geração Y (3), não irão suceder com a propriedade, e àqueles que optam por continuar, ficam no patamar da geração X (2).

Gráfico 13 - Gráfico de Interação: Sucessão x Tecnologia - Ensino Fundamental



Fonte: Elaborado pela autora.

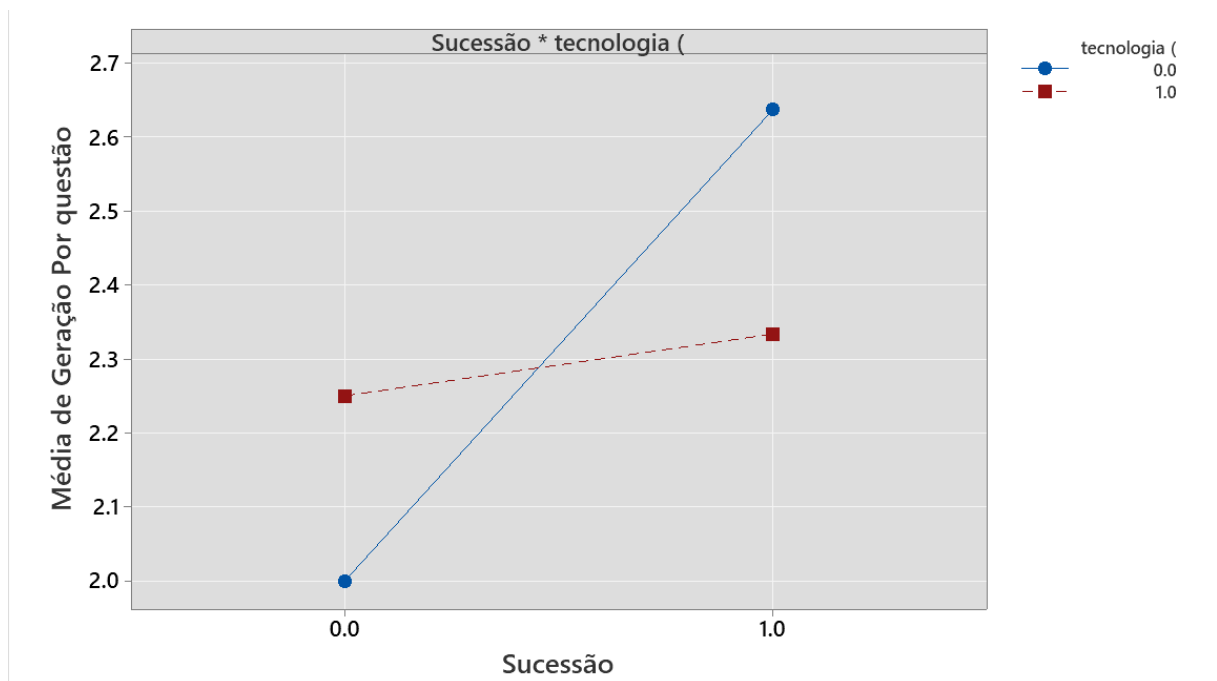
Uma passagem de Redin *et al.* (2013, p. 9) destaca a utilização da tecnologia no ambiente rural e revela que:

[...] é necessário um impulso externo, um processo de animação social que conduza e mobilize a juventude rural no sentido de torná-los sujeitos interlocutores do local. Diante do aparato tecnológico informacional e da capacidade dos jovens, eles não se sentem legítimos ou não têm interesse em discussões de âmbito geral.

Ao analisar os indivíduos que possuem ensino médio, ensino técnico ou ensino superior, que usufruem da tecnologia, se concentram na geração X (2) em ambas situações de sucessão ou não da propriedade. Ao passo de que àqueles que não possuem tecnologia, a geração X (2) não irá suceder, mas compondo a escolaridade e a falta de tecnologia, aproxima-se da geração Y (3) que acompanha a sucessão geracional das propriedades, conforme o Gráfico 13.

No Gráfico 14 a seguir, pode-se afirmar que os indivíduos que não pretendem praticar a Sucessão do trabalho no campo possuem um valor médio de “Geração por questão” menor que os que pretendem realizar a sucessão.

Gráfico 14 - Gráfico de Interação: Sucessão x Tecnologia - Ensino Médio, Técnico ou Superior



Fonte: Elaborado pela autora.

Por outro lado, ressalta-se que quando há a presença de tecnologia no campo, os

valores médios de “Geração por questão” praticamente se mantêm o mesmo entre os indivíduos entrevistados, independentemente do fato de pretenderem suceder ou não seus pais. Bem como, quando não há a presença de tecnologia, o valor médio da “Geração por questão” para os indivíduos que sucederão seus pais é muito maior, frente aos que não sucederão. Evidenciando assim, a sucessão das gerações no campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do estudo foi explorar a temática da sucessão geracional dentro da dinâmica dos pequenos espaços rurais da cidade de Tupã, com a finalidade de inserir literaturas e debates sobre a análise das gerações e o processo sucessório familiar no agronegócio. As pequenas propriedades agrícolas da cidade de Tupã possuem grandes chances de continuarem futuramente, os entrevistados demonstraram que 54% acreditam que algum membro da família continuará a trabalhar nas terras futuramente, ou seja, metade dos proprietários acreditam que as propriedades agrícolas terão um sucessor.

Contudo, foi observado que a geração Z, representou a menor porcentagem com relação aos indivíduos existentes nessas propriedades. O que podemos concluir a tendência de diminuição da população rural e o impacta na sucessão geracional. Por outro lado, houve uma grande porcentagem de indivíduos da geração X, o que permite o conhecimento das características desses indivíduos com base na Teoria das Gerações e a compreensão do processo sucessório.

Além disso, ao detalhar as características dos indivíduos de cada geração da Teoria das Gerações, foi possível observar uma discordância entre a literatura existente. Ou seja, existe uma discordância com relação ao período de nascimento e os termos utilizados para identificação de cada geração.

Outro dado importante analisado, foi com relação ao gênero dos respondentes, tanto os responsáveis pelas propriedades como os sucessores naturais, em sua maioria são do sexo masculino. Logo, pode-se averiguar o tema de masculinização no ambiente rural, o que confirma a continuidade da tradição familiar dos antepassados, em priorizar o primogênito no negócio da família.

Observou-se também que o fator educacional é determinante em conjunto com a tecnologia para promover a sucessão geracional rural, em suma, os indivíduos que possuem ensino médio, ensino técnico ou alguma formação de nível superior tendem a serem suscetíveis para continuarem na propriedade agrícola. Entretanto, percebe-se que há possibilidades de

expansão da educação de qualidade neste campo, como foi apresentada a ação da Prefeitura da Estância Turística de Tupã do acesso ao transporte escolar para a população rural.

Diante dos dados coletados, observou-se que os comportamentos das gerações nunca foram e nem sempre serão padronizados como expresso nas literaturas de teoria das gerações, os indivíduos apresentam traços na maioria dos casos da próxima geração à sua e alguns de sua geração anterior. Perante os autores, isso se explica, pois o fator cultural familiar pode influenciar nas características comportamentais das pessoas, e com o passar do tempo os indivíduos passam a apropriar-se dos costumes do ambiente que está inserido.

Tendo em vista as conjunturas apresentadas, foi detectado que a comunicação realizada por meio das entrevistas pelo questionário necessita ser executada com os pais e sucessores separadamente, para expressarem suas opiniões verdadeiras sobre o ambiente rural e perspectivas futuras, uma vez que o estudo mostrou posições semelhantes entre os dois indivíduos, visto que estavam juntos no momento da coleta. Esse talvez seja um gargalo da pesquisa, que pode ser inserida como observação metodológica ou indicação de cuidado para evitar viés. Mas, não contribui para a resposta aos objetivos de modo robusto, ou ao menos, não está posicionado desse modo.

Para pesquisas futuras, sugere-se investigar um número maior de propriedades, perante o universo de agricultura de pequena escala, para observar as tendências de comportamento da agricultura familiar na cidade de Tupã e realizar uma análise mais aprofundada acerca das perspectivas para a agricultura local dos camponeses, podendo traçar objetivos futuros para os proprietários e seus filhos, fomentando a maior participação direta dos jovens na produção familiar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. São Paulo: EdUSP, 2012.
- ABREU, G. G.; FORTUNATO, G.; BASTOS, S. A. P. Semelhanças e diferenças entre gerações: complexidade e complementaridade no ambiente organizacional. **Revista Perspectivas Contemporâneas**, v. 11, n. 2, p.179-202, maio/ago. 2016.
- AGUIAR, B.; CORREIA, W.; CAMPOS, F. Uso da Escala *Likert* na análise de jogos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GAMES E ENTRETENIMENTO DIGITAL, X, Salvador. **Anais...** Salvador, 2011. Disponível em: <http://www.sbgames.org/sbgames2011/proceedings/sbgames/papers/art/short/91952.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- AKIMOVA, Y. A.; KOCHETKOVA, S. A.; KOVALENKO, E. G.; ZININA, L. I. *Public-Private Partnership in Agribusiness*. **International Review of Management and Marketing**, *Yenice*, v.6, n.4, p. 814-822, 2016.
- ARTUZO, F. D.; JANDREY, W. F.; KALSING, J.; SILVA, P. X.; SILVA, L. X. Utilização da tecnologia de informação em propriedades rurais: um caso no município de Getúlio Vargas (RS). **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, v. 9, n. 2, p. 305-322, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/rama/article/view/3679/2778>. Acesso em: 21 mar. 2021.
- ATRASAS, A. L.; SACOMANO, J. B.; LORENZO, H. C. Redes de empresas: Transferência de tecnologia para o agronegócio - o caso EMBRAPA. **FACEF Pesquisa: Desenvolvimento e Gestão**, Franca, v. 15, n. 1, p. 21-33, 2012.
- BANKUTI, S. M. S.; BANKUTI, F. I. Gestão ambiental e estratégia empresarial: um estudo em uma empresa de cosméticos no Brasil. **Gest. Prod.**, v. 21, n.1, p. 171-184, mar. 2014.
- BANZATTO, D. A.; KRONKA, S. N. **Experimento Agrícola**. 4. ed. Funep, 2013.
- BAUM, T. *A changing world of work. What can we learn from the service sector about employing Millennials (and Gen Z)?*. **Organizational Dynamics**, v. 49, n. 3, jul./set. 2020. Disponível em: <https://www-sciencedirect.ez87.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0090261619300853>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- BAYLÃO, A. L. S; OLIVEIRA, V. M. Impacto da evolução tecnológica na gestão empresarial. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, XII, 2015, Resende. **Anais...** Resende: AEDB, 2015.
- BERTONI, D.; CAVICCHIOLI, D. Farm succession, occupational choice and farm adaptation at the rural-urban interface: The case of Italian horticultural farms. **Land Use Policy**, v. 57, p. 739-748, nov. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0264837716302587>. Acesso em: 28 mar. 2021.

BEZERRA, G. J.; SCHLINDWEIN, M. M. Agricultura familiar como geração de renda e desenvolvimento local: uma análise para Dourados, MS, Brasil. **Revista Interações**, v. 18, n. 1, p. 3-15, jan./mar. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-70122017000100003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 25 jan. 2021.

BERNARDO, L. V. M.; FARINHA, M. J. U. S.; BINOTTO, E. A produção do conhecimento no setor dos agronegócios. **Holos**, Ano 34, v. 6, 2018.

BNDES - BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Pronaf Jovem**, 2021. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/produto/pronaf-jovem>. Acesso em: 16 maio 2021.

BORTOLUZZI, F.; JOHANN, J. A.; ROJO, C. A. Relação entre os investimentos em tic e a evolução patrimonial das cooperativas agropecuárias do oeste do Paraná. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade**, v. 9, n. 1, p. 49-68, 2019.

BRACARENSE, P. A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2012.

BRANDEMBURG, A. Do Rural Tradicional ao Rural Socioambiental. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, v. 2, n. 13, p. 417-428, jun. 2010.

BRASIL. **Lei nº 6.746, de 10 de dezembro de 1979**. Altera o disposto nos arts. 49 e 50 da Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964 (Estatuto da Terra), e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6746.htm. Acesso em: 17 maio. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm. Acesso em: 07 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009**. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica; altera as Leis nos 10.880, de 9 de junho de 2004, 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, 11.507, de 20 de julho de 2007; revoga dispositivos da Medida Provisória no 2.178-36, de 24 de agosto de 2001, e a Lei no 8.913, de 12 de julho de 1994; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11947.htm. Acesso em: 17 maio. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Sobre o Pnae**. 2021. Disponível em: <https://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/pnae/pnae-sobre-o-programa/pnae-sobre-o-pnae>. Acesso em: 16 maio 2021.

BREITENBACH, R.; CORAZZA, G. Formação profissional e a relação com a sucessão geracional entre jovens rurais, Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, v. 17, n. 2, jul./dez. 2019. Disponível em:

http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2019000200262. Acesso em: 02 maio 2021.

BREITENBACH, R.; TROIAN, A. Permanence and succession in the rural environment: the case of young people of Santana do Livramento/RS. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 56, n. 1, p. 26-37, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.proquest.com/docview/2403758064?fromopenview=true&pq-origsite=gscholar>. Acesso em: 10 maio 2021.

BRITO, L. C.; OBREGON, S. L.; LOPES, L. F. D. Analisando os aspectos que impactam a satisfação no trabalho de profissionais da geração Y na Região Sul – Brasil. **Revista Científica Hermes**, v. 15, p. 99-121, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.fipen.edu.br/hermes1/index.php/hermes1/article/view/235>. Acesso em: 14 out. 2020.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. de (Org.). **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BUAINAIN, A. M.; ROMEIRO, A. R.; GUANZIROLI, C. Agricultura Familiar e o Novo Mundo Rural. **Sociologias**, v. 5, n. 10, p. 312-347, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n10/18723.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2021.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

CAPPI, M. N.; ARAÚJO, B. F. B. Satisfação no trabalho, comprometimento organizacional e intenção de sair: um estudo entre as gerações x e y. **Read. Revista Eletrônica de Administração**, v. 21, n. 3, p. 576-600, set./dez. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-23112015000300576&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 out. 2020.

CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. C. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARVALHO, L. R. T.; ROCHA, D. G. Programa de Aquisição de Alimentos: a lente bioética na segurança alimentar. **Rev. Bioét.**, v. 21, n. 2, p. 278-290, 2013.

CASTRO, A. M. G. DE; LIMA, S. M. V.; SARMENTO, E. P. DE M.; VIEIRA, L. F. **Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso à terra no Brasil**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2013.

CAVAZOTTE, F. S. C. N.; LEMOS, A. H. C.; VIANA, M. D. A. V. Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais? **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 1, p. 162-180, jan./ mar. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-39512012000100011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 out. 2020.

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **PIB do agronegócio brasileiro**. 2020. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>. Acesso em: 20 maio 2021.

COMAZZETTO, L. R.; VASCONCELLOS, S. J. L.; PERRONE, C. M.; GONÇALVES, J. A. Geração Y no mercado de trabalho: um estudo comparativo entre gerações. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 1, p. 145-157, jan./mar. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932016000100145&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 out. 2020.

CORADINI, L. Os jovens agricultores familiares e a reprodução geracional na agricultura familiar: estudo de caso dos jovens residentes no município de Faxinal do Soturno. **Mundo Agrário**, v. 16, n. 33, dez. 2015. Disponível em: <https://www.mundoagrario.unlp.edu.ar/article/view/MAv16n33a03>. Acesso em: 24 jan. 2021.

CORRÊA JÚNIOR, C. C. M.; LIMA, F. A.; CONCEIÇÃO, I. A.; SOUZA, W. A.; KONRAD, M. R. O gerenciamento das relações entre as múltiplas gerações no mercado de trabalho. **Educação, Gestão e Sociedade: Revista da Faculdade Eça de Queiros**, n. 6, p. 1-19, fev. 2016. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509162633.pdf. Acesso em: 06 jan. 2021.

CRUVINEL, P. E.; UCHOA JÚNIOR, P. P. M.; MANTOVANI, E. C.; BREI, Z. E. A.; FREIRAS FILHO, A. DE F. **Cenários do Ambiente de Atuação das Instituições Públicas e Privadas de PD&I para o Agronegócio e o Desenvolvimento Rural Sustentável – Horizonte 2023**. Relatório da Rede de Inovação e Prospeção Tecnológica para o Agronegócio – RIPA. Brasília, DF, 2008, 98 p.

CRUZ, N. B.; JESUS, J. G.; BACHA, C. J. C.; COSTA, E. M. Acesso da agricultura familiar ao crédito e à assistência técnica no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 59, n. 3, p. 1-20, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-20032021000300200&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 07 jan. 2021.

DHANAPAL, S.; VASHU, D.; SUBRAMANIAM, T. Perceptions on the challenges of online purchasing: a study from “baby boomers”, generation “X” and generation “Y” point of views. **Contaduría y Administración**, v. 60, n. 1, p. 107-132, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www-sciencedirect.ez87.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0186104215000492>. Acesso em 16 maio 2021.

DEGGERONE, A. Z. **A Permanência dos jovens nas unidades de produção familiares na região alto uruguaí, Rio Grande do Sul**. Lajeado: Centro Universitário UNIVATES, 2013.

DHANAPAL; VASHU; SUBRAMANIAM, 2015. Disponível em: <https://www-sciencedirect.ez87.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0186104215000492>. Acesso em: 19 maio 2021.

ECKHARDT, W. M. Fatores motivacionais das gerações X, Y e Z: um estudo com universitários. **Revista Destaques Acadêmicos**, v.12, n.1, p. 214-235, 2020. Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/2508>. Acesso em: 10 dez. 2020.

EDQUIST, C. **Systems of Innovation: Technologies, Institutions and Organizations**. London: Pinter/Cassell. 1997.

EMBRAPA - EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Módulos Fiscais**. 2012. Disponível em: <https://www.embrapa.br/codigo-florestal/area-de-reserva-legal-arl/modulo-fiscal>. Acesso em 05 nov. 2019.

EYERMAN, R.; TURNER, B. Outline of a Theory of Generations. **European Journal of Social Theory**, v.1, n.1, p. 91-94, 1998.

FABRI, E. G.; TAVARES, P. E. R. A região da alta paulista e suas potencialidades na produção de corantes naturais. **Revista e Tecnologia. Apta regional**, v. 3, n. 2, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.aptaregional.sp.gov.br/acesse-os-artigos-pesquisa-e-tecnologia/edicao-2006/2006-julho-dezembro/365-a-regiao-da-alta-paulista-e-suas-potencialidades-na-producao-de-corantes-naturais/file.html>. Acesso em: 31 out. 2019.

FALÉCO, L. L.; JORGE, C. F. B. O uso da informação e a sua aplicação como insumo estratégico para o agronegócio. **Revista Inteligência Competitiva**, v. 7, n. 3, p. 95-117, 2017.

FOGUESATTO, C. R.; ARTUZO, F. D.; LAGO, A.; MACHADO, J. A. D. Fatores relevantes para a tomada de decisão dos jovens no processo de sucessão geracional na agricultura familiar. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, v. 37, n. 130, p. 15-18, jan./jun. 2016.

FOGUESATTO, C. R.; MORES, G. V.; KRUGER, S. D.; COSTA, C. Will I have a potential successor? Factors influencing family farming succession in Brazil. **Land Use Policy**, v. 97, set./2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0264837719302340>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FORMENTON, T. C.; STEFANO, S. R. Gerações e mercado de trabalho: suas relações com as organizações. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 7, n. 3, p. 5-26, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/32855>. Acesso em: 10 set. 2020.

FREITAS, A. D.; PITA, M. B. V.; ALEXANDRE, R. C. Do antigo ao novo: geração *baby boomers*, geração x, geração y, geração z e seus conflitos nas organizações. **Revista de Trabalhos Acadêmicos**, v. 1, n. 7, 2018. Disponível em: <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=1JUIZDEFORA2&page=article&op=view&path%5B%5D=7220>. Acesso em: 16 set. 2020.

GALVÃO, F. H. F. **Agricultura familiar: planejamento, lógicas produtivas, economicidade e sustentabilidade**. Botucatu: Universidade Estadual Paulista, 2017. 84 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Ciências Agrônômicas, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2017.

GAZOLA, M.; SCHNEIDER, S. Qual “Fortalecimento” da Agricultura Familiar? Uma análise do Pronaf crédito de custeio e investimento no Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, n. 1, jan./mar. 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, I. C.; FERNANDES, B. M. Regiões contidas e desenvolvimento territorial: uma reflexão sobre o desenvolvimento contemporâneo da Nova Alta Paulista. **Revista Nera**, Presidente Prudente, ano 8, n.6, 2005.

GREAT EXPECTATIONS: Recruiting and retaining the Millennial generation. **Human Resource Management International Digest**, v. 24,n. 2, p. 32–35. 2016. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/HRMID-12-2015-0184/full/html>. Acesso em: 30 abr. 2021.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. Três gerações de políticas públicas para a agricultura familiar e formas de interação entre sociedade e Estado no Brasil. In: GRISA, C; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. p. 19-50.

GRISA, C. A agricultura familiar nas políticas para a agricultura familiar. In: DELGADO, G. C.; BERGAMASCO, S. M. P. P. (Orgs.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017. Parte 4, cap. 4, p. 292-313.

HEBERLÊ, A. L. O.; SICOLI, A. H.; SILVA, J. S.; BORBA, M. F. S.; BALSADA, O. V.; PEREIRA, V. F. Agricultura familiar e pesquisa agropecuária: contribuições para uma agenda de futuro. In: DELGADO, G. C.; BERGAMASCO, S. M. P. P. (Orgs.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017. Parte 2, cap. 5, p. 133-149.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1978.

HOWE, N.; STRAUSS, W. **Millennials rising: The next great generation**. New York: Vintage books, 2000.

HOWE, N.; STRAUSS, W. The next 20 years: how customer and workforce attitudes will evolve. **Harvard Business Review**, p. 41–52, jul./ago. 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2006**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2006/segunda-apuracao>. Acesso em: 05 jan. 2021a.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2017**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>. Acesso em: 05 jan. 2021b.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Cidades**: Tupã. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/tupa/panorama>. Acesso em: 19 out. 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasília. **População nos Censos Demográficos, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e a situação do domicílio - 1960/2010**. Brasília, 2010.

IGC – INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO. **Mapas individuais das Regiões Administrativas e Metropolitanas**. Disponível

em: http://www.igc.sp.gov.br/produtos/mapas_rad41d.html. Acesso em: 14 jun. 2021.

INAMASU, R. Y.; BERNARDI, A. C. C.; VAZ, C. M. P.; NAIME, J. de M.; QUEIROS, L. R.; JORGE, L. A. C.; BASSOI, L. H.; FRAGALLE, E. P.; RESENDE, A. V.; VILELA, M. F.; PEREZ, N. B. Agricultura de Precisão para a sustentabilidade de sistemas produtivos do agronegócio brasileiro. In: INAMASU, R. Y.; NAIME, J. de M.; RESENDE, A. V. de; BASSOI, L. H.; BERNARDI, A. de C. (Ed.). **Agricultura de precisão: um novo olhar**. São Carlos, SP: Embrapa Instrumentação, 2011.

INTERNATIONAL FUND FOR AGRICULTURAL DEVELOPMENT - IFAD. Feeding future generations: Young rural people today - prosperous, productive farmers tomorrow - 2011. Disponível em:

<https://www.ifad.org/documents/38714170/39150184/Feeding+future+generations+-+Young+rural+people+today+%E2%80%93+prosperous%2C+productive+farmers+tomorrow.pdf/1aa91e21-5271-4a9a-a54c-012ecd256e6d>. Acesso em: 28 mar. 2021.

KILLINGER, B. **Workaholics: the respectable addicts**. New York: Simon & Schuster, 1992.

KISCHENER, M. A.; KIYOTA, N.; PERONDI, M. A. Sucessão geracional na agricultura familiar: lições apreendidas em duas comunidades rurais. **Mundo Agrário**, v. 16, n. 33, dez. 2015. Disponível em: <https://www.mundoagrario.unlp.edu.ar/article/view/MAv16n33a07>. Acesso em: 24 jan. 2021.

KIYOTA, N.; PERONDI, M. A.; VIEIRA, J. A. N. Estratégia de sucessão geracional na agricultura familiar: o caso do Condomínio Pizzolatto. **Informe Gepec**, v. 16, n. 1, p. 192-211, 2012. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/5581>. Acesso em: 24 jan. 2021.

KRAMPE, M. E. D. S.; BRAMBILLA, F. R.; ANGNES, D. L. Um estudo comparativo entre Gerações X, Y, e Z em relação as novas tecnologias e com o e-commerce. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo**, v. 12, n. 7, p. 1713-1735, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/AT/article/view/13690>. Acesso em: 10 set. 2020.

KUPPERSCHMIDT, B. R. Multigeneration employees: strategies for effective management. **Health Care Manager**, v. 19, n. 1, p. 65-76, set. 2000.

KWAK, S. K.; KIM, J. H. Statistical data preparation: management of missing values and outliers. **Korean Journal of Anesthesiology**, v. 70, n. 4, p. 407-411, jul. 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5548942/>. Acesso em 06 jul. 2021.

LADEIRA, W. J. Estilos de Tomada de Decisão: Uma Investigação em Gerações Diferentes. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 8, n. 3, p. 184-206, jan./abr. 2013.

LIMA, Ranieri. **Perfil das Gerações no Brasil: as Gerações X, Y, Z e seus perfis políticos**. São Paulo: Baraúna, 2012.

- LIMA, L. F. M.; MAROLDI, A. M.; SILVA, D. V. O.; HAYASHI, C. R. M.; HAYASHI MARIA C. P. I. A influência de outliers nos estudos métricos da informação: uma análise de dados univariados. **Em Questão**, v. 24, p. 216-235, 2018.
- LOPES, K. C. D; DOULA, S. M. Juventude Rural na sociedade da informação: a internet e seus usos no Brasil. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, v. 24, n. 2, 2013.
- LOURENZANI, W. L.; LOURENZANI, A. E. B. S.; PIGATTO, G.; SIMON, E. J. O papel da certificação no Programa de Desenvolvimento da fruticultura na região da Nova Alta Paulista. **Informações Econômicas**, v. 36, n. 2, fev. 2006.
- LOURENZANI, W. L.; LOURENZANI, A. E. B. S.; BAGAILOLO, G. R.; RODARTE, T. D. A fruticultura e sua importância para a região Nova Alta Paulista. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, XLVI, Rio Branco. **Anais...** Rio Branco, 2008.
- LUCIAN, R. Repensando o uso da escala Likert: tradição ou escolha técnica? **Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia**, v. 9, n. 1, p. 12-28, 2016.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MARIN, J. O. B. Pronaf Jovem: as disjunções entre o ideal e o real. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 58, n. 2, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20032020000200202&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 16 maio 2021.
- MARTHA JÚNIOR, G. B. Pesquisa, desenvolvimento e inovação na agropecuária. **Revista de Política Agrícola**, v. 24, n. 2, p. 117-119, 2015.
- MARTINI, A.; SOTILLE, S. S.; MARTINS, A. R. Q. Processo de criatividade e inovação: uma comparação entre geração *baby boomer* e geração Z. **Brazilian Journal of Education, Technology and Society**, v. 10, n. 2, p. 141-152, 2017. Disponível em: <https://www.brajets.com/index.php/brajets/article/view/348>. Acesso em: 14 out. 2020.
- MASCARENHAS, A. O.; VASCONCELOS, F. C.; VASCONCELOS, I. F. G. Impactos da tecnologia na gestão de pessoas: um estudo de caso. **Rev. adm. contemp.**, v. 9, n. 1, p. 125-147, 2005.
- MATTE, A.; MACHADO, J. A. D. Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no sul do Brasil. **Revista de Estudos Sociais**, v. 18, n. 37, p. 130-151, 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/3981>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- MATTOS, F. A. M.; CHAGAS, G. J. N. Desafios para a inclusão digital no Brasil. **Perspect. ciênc. inf.**, v. 13, n. 1, p. 67-94, 2008.
- MAZUCATO, T. (org.) **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis: FUNEPE, 2018.
- MEDINA, G. S.; GOSH, M. S.; DELGROSSI, M. E. *Development pathways for family*

farmers: Lessons from Brazil on the need for targeted structural reforms as a means to address regional heterogeneity. GEOFORUM, v. 118, p. 14-22, jan. 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0016718520302827>. Acesso em: 28 mar. 2021.

MELO, M. G. L. A escola do século XXI: os desafios na formação da geração Z. In: SANTOS, L. V. A.; LIMA, M. A. R. (Orgs.). **Os caminhos educacionais: percurso da gestão à sala de aula**. João Pessoa: Libellus Editorial, 2021.

MENEZES, M. A.; STROPASOLAS, V. L.; BARCELLOS, S. B. (Orgs.) **Juventude rural e políticas públicas no Brasil**. Brasília: Presidência da República, 2014.

MESQUITA, A. D.; OLIVEIRA, L. C.; MUNHOZ, G. S. A atuação dos integrantes da geração Z nas organizações. **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, v. 8, n. 1, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cge/article/view/40102>. Acesso em: 20 mar. 2021.

MOCHIUTI, J. C.; PINTO, L. B.; OLIVEIRA, S. C.; MAGALHÃES, M. M. Estudo sobre a composição da renda e a lógica de funcionamento dos sistemas de produção agropecuários em Tupã-SP. **Omnia Exatas**, v. 4, n. 2, p.77-86, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/140635/ISSN2236-1898-2011-04-02-77-86.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 jan. 2021.

MONTEIRO, M. S. H.; LEITE, D. B. Perspectivas de carreira dos estudantes de administração da Universidade Federal de Mato Grosso: comparativo entre os estudantes das gerações X e Y. **Navus: Revista de Gestão e Tecnologia**, v. 9, n. 1, p. 87-104, jan./mar. 2019. Disponível em: <http://navus.sc.senac.br/index.php/navus/article/view/780>. Acesso em: 14 out. 2020.

MOREIRA, V. R.; CECATO, A. J.; BORGES, C. R.; WEYMER, A. S. Q. O reflexo da sucessão familiar da zona rural nas relações cooperativas: o caso de uma cooperativa agroindustrial. **IGepec**, v. 22, n. 1, p. 09-23, jan./jun. 2018.

MOREIRA, S. L.; SPANEVELLO, R. M. Modelos sucessórios em propriedades rurais: um estudo no município de Cruz Alta/RS. **Revista Grifos**, v. 28, n. 46, p. 27-47, 2019.

NIEDERLE, P. A.; FIALHO, M. A. V.; CONTERATO, M. A. A pesquisa sobre agricultura familiar no Brasil - aprendizagens, esquecimentos e novidades. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, v. 52, p. 9-24, 2014.

OLIVEIRA, S. **Jovens para sempre: como entender os conflitos das gerações**. São Paulo: Integrare, 2012.

OLIVEIRA, M. F.; MENDES, L.; VASCONCELOS, A. C. V. H. Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 59, n. 2, p. 1-19, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-20032021000200204&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 24 jan. 2021.

OLIVEIRA, P. H.; HOSHINO, B. I.; LOURENÇO, C. M.; CALLEFI, J. S.; SANTOS, F. C.

A. Diversidade entre gerações em um ambiente de trabalho multigeracional sob aspectos de carreira e valores de trabalho: Estudo de caso em empresa do setor financeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, XXXIX, 2019, Santos. **Anais...** Santos: ABEPRO, 2019.

PAINE, J. W. Cross-generational issues in organizations. **Sloan Work and Family Research Network**, Boston: Boston College, 2006. Disponível em: https://wfrn.org/wp-content/uploads/2018/09/Cross-Generational_Issues-encyclopedia.pdf. Acesso em: 15 maio 2021.

PANNO, F.; MACHADO, J. A. D. Influências na decisão do jovem trabalhador rural: partir ou ficar no campo. **Desenvolvimento em Questão**, v. 12, n. 27, p. 264-297, 2014.

PANNO, F. **Sucessão geracional na agricultura familiar: valores, motivações e influências que orientam as decisões dos atores**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. 164 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Porto Alegre, 2016.

PEREIRA, A. S.; SHITSUKA, D. M.; PEREIRA, F. J. SHITSUKA, R. **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria: UFSM, NTE, 2018.

PESSOTTO, A. P.; COSTA, C.; SCHWINGHAMER, T.; COLLE, G.; FRANCISCO, V.; CORTE, D. Factors influencing intergenerational succession in family farm businesses in Brazil. **Land use policy**, v. 87, set. 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264837718314212>. Acesso em: 12 maio 2021

PINTO, G. L.; GABRIEL FILHO, L. R. A.; BONINI NETO, A.; BAPTISTA, R. D. A Cultura *Millennials*: mapeamento comportamental na estimativa de gerações usando um modelo matemático e inteligência artificial. **Research, Society and Development**, v. 9, n.9, 2020.

PINTO, L. B.; LOURENZANI, A. E. B. S.; LOURENZANI, W. L.; MOCHIUTI, J. C. Aspectos Históricos e Organizacionais da Agricultura Familiar no Desenvolvimento da Região Nova Alta Paulista. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 8, n. 2, p. 130-150, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/670>. Acesso em: 08 fev. 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PUNTEL, J. A.; PAIVA, C. A. N.; RAMOS, M. P. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. In: Circuito de Debates Acadêmicos, 1., 2011, Brasília. **Anais...**Brasília: IPEA, 2011. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=17973. Acesso em: 20 mar. 2021.

QUEIROZ, M. I. P. **O campesinato Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1973.

QUINTANILHA, L. F. Inovação pedagógica universitária mediada pelo Facebook e YouTube: uma experiência de ensino-aprendizagem direcionado à geração-Z. **Educar em Revista**, n. 65, p. 249-263, jul./set. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602017000300249&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 out. 2020.

RECH, L. R.; SANTOS, P. S.; ABRAHÃO, A. F. S.; ESPEJO, M. M. S. B.; BINOTTO, E.; MALAFAIA, G. C. Competitividade no agronegócio: Uma análise do estado da arte da produção científica veiculada internacionalmente. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade**, v. 9, n. 2, p. 102-114, 2019.

REDIN, E.; SILVEIRA, P. R. C.; GUIMARÃES, G. M.,; SANTOS, V. F. Juventude rural e novas formas de sociabilidade mediadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS). **Revista de desenvolvimento econômico**, n. 28, p. 154-163, dez./2013.

REDIVO, A. R.; TRÊS, C.; FERREIRA, G. A. A tecnologia de informação aplicada ao agronegócio: Um estudo sobre o “Sistema Agrogestor” nas fazendas do município de Sinop/MT. **Revista Contabilidade & Amazônia**, v. 1, n. 1, p. 43-52, 2008.

ROSSETTI, F. X.; WINNIE, L. W. Y.; SILVA, M. V. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o desafio da aquisição de alimentos regionais e saudáveis. **Segurança Alimentar e Nutricional**, v. 23, n. 2, p. 912-923, 2016.

RUFFATTO, J.; SEVERO, E. A.; DECESARO, L. O jeito é inovar: um estudo de caso em uma indústria metalmeccânica sobre a contribuição da geração y no processo inovativo. **Revista GEINTEC**, v. 5, n. 4, p. 2540-2553, 2015. Disponível em: <http://www.revistageintec.net/index.php/revista/article/view/805>. Acesso em: 14 out. 2020.

SAKDIYAKORN, M.; WATTANACHAROENSIL, W. Generational Diversity in the Workplace: A Systematic Review in the Hospitality Context. **Cornell Hospitality Quarterly**, v. 59, n. 2, p. 135-159, 01 maio 2018. Disponível em: <https://www-scopus.ez87.periodicos.capes.gov.br/record/display.uri?eid=2-s2.0-85045845224&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=3a5b246a1678c1a0f6d2fbb5aaebc64b&sot=b&sdt=b&sl=102&s=TITLE-ABS-KEY%28Generational+Diversity+in+the+Workplace%3a+A+Systematic+Review+in+the+Hospitality+Context%29&relpos=0&citeCnt=9&searchTerm=>. Acesso em: 02 maio 2021.

SAMBUICHI, R. H. R.; GALINDO, E. P.; OLIVEIRA, M. A. C.; MOURA, A. M. M. M. Compras públicas sustentáveis e agricultura familiar: A experiência do programa de aquisição de alimentos (PAA) e do programa nacional de alimentação escolar (PNAE). In: SAMBUICHI, R. H. R.; SILVA, A. P. M.; OLIVEIRA, M. A. C.; SAVIAN, M. **Políticas agroambientais e sustentabilidade: desafios, oportunidades e lições aprendidas**. Brasília: IPEA, 2014.

SANTANA, L. S. L.; LIMA, F. A. X. Os programas PAA e PNAE e seus efeitos sobre um grupo de mulheres do Assentamento Lagoa do Serrote II. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (UFV)**, Viçosa, vol. 7, n. 1, 2018.

SANTOS, T. K. L.; ARAÚJO, J. A. Sucessão geracional e políticas públicas na agricultura familiar: um diálogo necessário. **Enciclopédia Biosfera**, v. 17, n. 34, p. 481-495, 2020.

SANTOS, C. N. C.; VILAR, J. W. C. O papel do produtor familiar na agricultura brasileira: desafios e perspectivas. In: ENCONTRO NACIONAL E GEOGRAFIA AGRÁRIA, XXI, 2012, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2012.

SÃO PAULO. Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Instituto de Economia Agrícola. Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável. **Projeto LUPA 2016/2017: Censo Agropecuário do Estado de São Paulo**. São Paulo: SAA: IEA: CDRS, 2019.

SATUF, C. V. V.; MONTEIRO, S. J. F.; PEREIRA, H.; ESGALHADO, G.; AFONSO, R. M.; LOUREIRO, M. A Influência da Satisfação Laboral no Bem-estar Subjetivo: Uma Perspectiva Geracional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722018000100600&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 out. 2020.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. Diversidade e heterogeneidade da agricultura familiar no Brasil e implicações para políticas públicas. In: DELGADO, G. C.; BERGAMASCO, S. M. P. P. (Orgs.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017. Parte 2, cap. 3, p. 84-109.

SILVA, D. J. L. **Estatística aplicada à investigação científica nas Ciências do Desporto**: análise exploratória de dados com recurso ao SPSS. Modelo, Portugal: Instituto de Estudos Superiores de Fafe, 2011.

SILVA, R. G. C. Globalização, agricultura e a formação do meio técnico científico-informacional em Rondônia. **ACTA Geográfica**, v. 7, n. 15, p. 69-83, 2013.

SILVA, R. C.; TREVISAN, L. N.; VELOSO, E. F. R.; DUTRA, J. S. Âncoras e valores sob diferentes perspectivas da gestão de carreira. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 18, n. 59, p. 145-162, jan./mar. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-48922016000100145&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 out. 2020.

SILVEIRA, L. B. **Agricultura familiar e informalidade: o seu papel no abastecimento local de alimentos**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2013. 202 p. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

SOUZA, G. S. **Quem são os novos agricultores familiares? Um estudo de caso da microrregião de Jales – SP**. Ilha Solteira: Universidade Estadual Paulista, 2013. 111 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Agronomia, Universidade Estadual Paulista, Ilha Solteira, 2013.

STEARNS. P. N. **A infância**. Tradução: Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2006.

STRAUSS, W.; HOWE, N. **Generation: The history of America's Future, 1584 to 2069.** William Morrow & Company: New York, 1991.

SUESS-REYES, J.; FUETSCH, E. The future of family farming: A literature review on innovative, sustainable and succession-oriented strategies. **Journal of Rural Studies**, v. 47, parte A, p. 117-140, out. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0743016716301401>. Acesso em: 28 mar. 2021.

TALASKA, A.; ETGES, V. E. Os conceitos normativos pela Legislação e a Interação da estrutura agrária e fundiária no Brasil. **Mundo Agrário**, v. 16, n. 33, p. 1-16, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/845/84544434010.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2021.

TEIXEIRA, G. M.; SILVEIRA, A. C.; NETO, C. P. S.; OLIVEIRA, G. A. **Gestão Estratégica de Pessoas.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

TETTEH, I., SPAULDING, A.; PTUKHINA, M. Understanding the job-hopping syndrome among millennial employees in the U.S. food and agribusiness sector: a national survey. **International Food and Agribusiness Management Review**, v. 24, n. 1, p. 89-104, 2021.

THORNTON, R. D. **Back up: memories de gestión y debates de época en el INTA La Pampa-San Luís, Argentina.** Santa Rosa: Ediciones INTA, 2014.

TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. **Interações**, v. 19, n. 4, p. 789-802, 2018.

TUPÃ. **Prefeitura de Tupã assume o transporte escolar dos alunos da zona rural.** Disponível em: <https://www.tupa.sp.gov.br/noticia/923/prefeitura-de-tupa-assume-o-transporte-escolar-dos-alunos-da-zona-rural.html>. Acesso em: 10 jun. 2021.

TUPÃ. **Tupã: qualidade de vida.** Disponível em: <https://www.tupa.sp.gov.br/conteudo/32/2/qualidade-de-vida.html>. Acesso em: 20 out. 2018.

VALLEJO PEÑA, A. V. La generación Y ante el desafío de su inserción laboral: realidades frente a estereótipos. **ARBOR, Ciencia, pensamiento y Cultura**, v. 193, n. 783, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/view/2183>. Acesso em: 10 nov. 2020.

VAN DAL, J. L. G. **Convergência de mídias: o receptor como protagonista do processo comunicacional.** Artigo apresentado no 9o Interprogramas de Mestrado – Faculdade Cásper Líbero, nov./2013.

VELOSO, E. F. R.; DUTRA, J. S.; NAKATA, L. E. Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações Y, X e Baby boomers. **Revista de Gestão**, v. 23, n. 2, p. 88-98, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1809227616300108>. Acesso em: 27 mar. 2021.

VELOSO, E. F. R.; SILVA, R. C.; DUTRA, J. S.. Diferentes Gerações e Percepções sobre Carreiras Inteligentes e Crescimento Profissional nas Organizações. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 197-207, jul./dez. 2012.

VIEIRA FILHO, J. E. R.; SILVEIRA, J. M. F. J. Mudança tecnológica na agricultura: uma revisão crítica da literatura e o papel das economias de aprendizado. **RESR**, v. 50, n. 4, p. 721-742, 2012.

VIERO, V. C., SILVEIRA, A. C. Apropriação de tecnologias de informação e comunicação no meio rural brasileiro. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 28, n. 1, p. 257-277, 2011.

VITULE, M. L. L. O Processo de globalização na agricultura. **Cadernos CERU**, v. 9, 129-135, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/74992>. Acesso em: 18 maio 2021.

WERTER, I. P.; CASTRO, M. F. O direito à educação na sociedade da informação: a necessidade da inclusão digital para a inclusão social. **Unoesec International Legal Seminar**, Santa Catarina, v. 2, n.1, p.143-155, 2013.

WHITE, B. Agriculture and the Generation Problem: Rural Youth, Employment and the Future of Farming. **IDS Bulletin**, v. 43, n. 6, nov. 2012. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1759-5436.2012.00375.x>. Acesso em: 28 mar. 2021.

XAVIER, A. C. Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y. **Calidoscópio**, v. 9, n. 1, p. 3-14, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/748>. Acesso em: 14 out. 2020.

YUSOFF, A.; AHMAD, N. H.; HALIN, H. A. Agropreneurship Among Gen Y in Malaysia: The Role of Academic Institutions. In: Information Resources Management Association (Orgs.). **Environmental and Agricultural Informatics: Concepts, Methodologies, Tools, and Applications**, IGI Global: Hershey, 2020.

ZOMER, L. B.; SANTOS, AL. R.; COSTA, K. C. O. O perfil de alunos do curso de administração: um estudo com base nas gerações X, Y e Z. **Revista GUAL**, v. 11, n. 2, p. 198-221, maio/2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2018v11n2p198/36898>. Acesso em: 04 jun. 2021.

ZOU, B.; MISHRA, A. K.; LUO, B. Aging population, farm succession, and farmland usage: **Evidence from rural China**, v. 77, p. 437-445, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/journal/02648377>. Acesso em: 19 maio 2021.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA DEFINIÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DAS GERAÇÕES NO CAMPO

PARTE 1 - ANÁLISE PERFIL GERACIONAL

1. Qual sua idade? _____
2. Qual seu gênero? () Feminino () Masculino () Outro: _____.
3. Qual seu estado civil?
() Solteiro () Divorciado (judicialmente)
() Casado () Viúvo
4. Qual seu nível de educação?
() ensino fundamental () ensino superior
() ensino médio () outro. Qual? _____
5. Qual o tamanho da terra utilizada para produção agrícola?
(A fim de entender a dimensão do trabalho e relacionar o tamanho com a renda anual)
() até 20 hectares
() de 21 hectares até 40 hectares
() de 41 hectares até 60 hectares
() de 61 hectares até 80 hectares
6. Rendimento anual da produção (Relacionar com educação, tamanho da terra, habitantes e ver a relação do desempenho das atividades com a renda da família)
() até R\$10.000
() de R\$11.000 até R\$25.000
() de R\$26.000 até R\$75.000
() mais de R\$76.000
7. Tenho orgulho de dizer aos meus amigos e pares que sou morador da área rural.
A - () discordo parcialmente B- () discordo plenamente
C - () concordo parcialmente D - () concordo plenamente

8. Concordo com os objetivos sobre meus estudos que minha família quer que eu siga.
 A - () discordo parcialmente B - () discordo plenamente
 C - () concordo parcialmente D - () concordo plenamente
9. Meu nível de responsabilidade com os meus planos futuros relacionados à propriedade é elevado.
 A - () discordo parcialmente B - () discordo plenamente
 C - () concordo parcialmente D - () concordo plenamente
10. Normalmente na propriedade trabalhamos juntos quando:
 A - () o responsável chama ou alguma atividade do dia demanda mais de um trabalhando.
 B - () somente quando é necessário.
 C - () sempre que há um problema na propriedade, e que preciso de mais alguém para resolver, além de mim.
 D - () eu saiba ou não resolver o problema, estou sempre ajudando na propriedade.
11. Quais dos fatores te chamam mais **atenção** sobre o **trabalho**, sendo ele na cidade ou no campo.
 A - () Liberdade (trabalhe no seu tempo e de onde quiser, cumprindo sempre os compromissos do dia)
 B - () Fidelidade ao emprego/aos fornecedores;
 C - () Flexibilidade de horário (rotina de trabalho mais adaptável às suas necessidades);
 D - () Estabilidade no trabalho (segurança de sempre poder contar com aquele salário).
12. Quais dos fatores são mais **motivadores para continuar na propriedade rural**, em sua opinião:
 A - () Independência Financeira (não precisar de nenhum parente ou amigo para se sustentar);
 Flexibilidade de horário;
 B - () Salário alto; Status na sociedade;
 C - () Segurança Financeira; Estabilidade;
 D - () Desafios no trabalho, estar sempre aprendendo.

PARTE 2 - ANÁLISE DA SUCESSÃO GERACIONAL NA PROPRIEDADE

13. Quantas pessoas vivem na propriedade? _____
14. Quantos filhos têm os responsáveis da propriedade? _____
15. Há quantos anos é desempenhada esta atividade na propriedade e qual é o produto agrícola? _____
16. Você acredita que os jovens sucessores dos produtores estão diminuindo com o passar do tempo? Se sim, porquê?

17. Você vê um futuro para sua família nesta atividade?
 () Sim () Não
 Porque?

18. Você gostaria que seus filhos seguissem a profissão de agricultor?
 () Sim () Não

Porque?

- 19.** Existe algum membro da família (filho ou outro) que você prevê que continuará a trabalhar na sua propriedade depois que você não puder mais trabalhar nela?

() Sim () Não

- 20.** Alguém de sua família gostaria de se mudar para a cidade, e não viver mais do campo?

() Sim () Não

Se sim, apontar qual membro gostaria de migrar para a cidade e as razões.

- 21.** A atividade realizada no campo foi passada de pai para filho?

() Sim () Não

- 22.** Há incentivos por parte dos familiares para dar continuidade na agricultura familiar.

() discordo parcialmente () discordo plenamente

() concordo parcialmente () concordo plenamente

- 23.** A propriedade faz parte de alguma cooperativa da região? Se sim, qual? (Verificar se as cooperativas auxiliam as propriedades na adoção de tecnologias e na venda do produto)

- 24.** A propriedade conta com tecnologia na produção (em qualquer parte do processo), que provém de alguma cooperativa? Se sim, quais? (Relacionar com a questão sobre relacionamentos com cooperativas e auxílios para com a propriedade)
